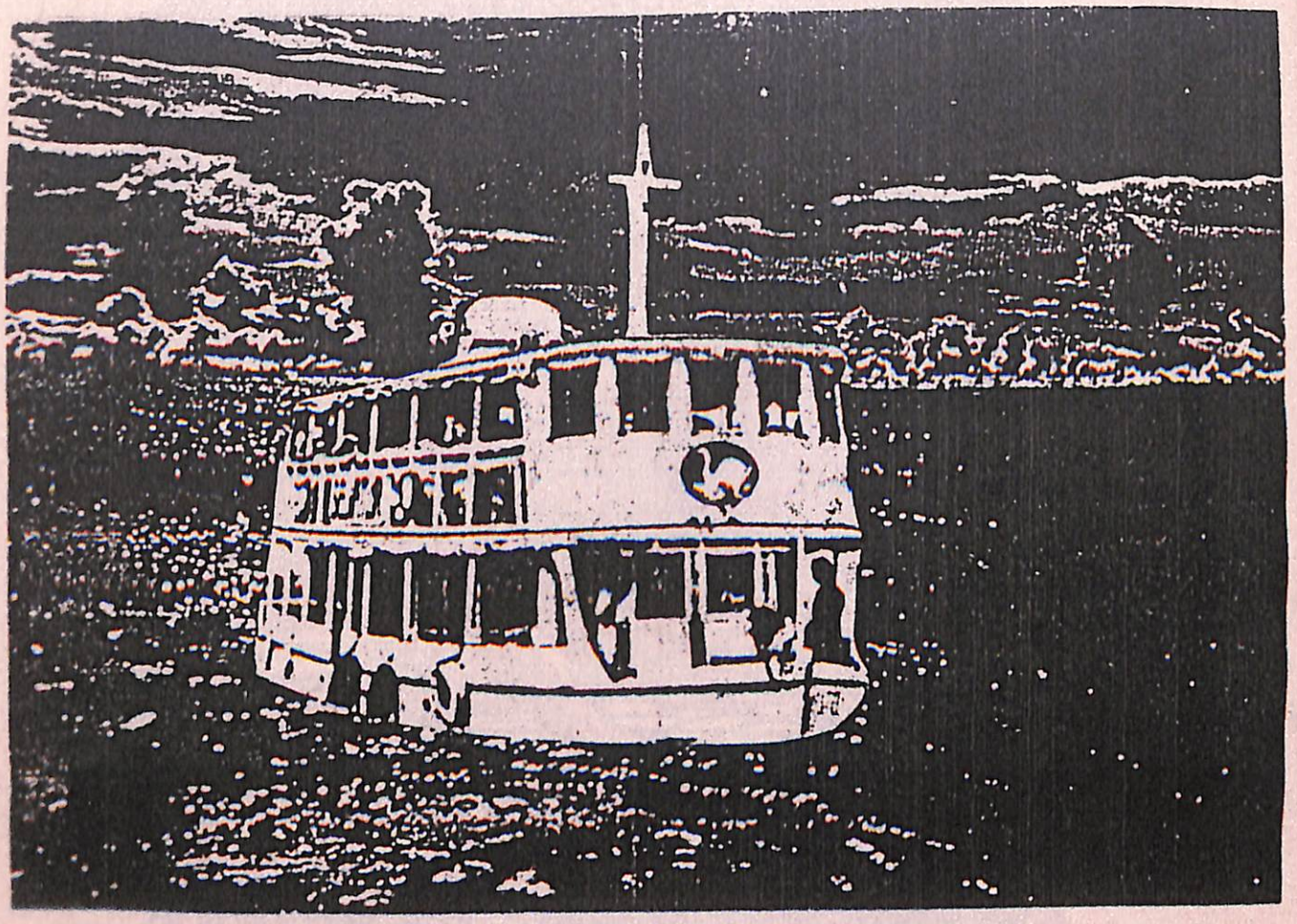
GERALDO SANTOS PEREIRA



O SEQÜESTRO DO "AMAZONAS"

Cópia com correções e modificações para a versão final, visando sua publicação. B. Hte, agosto 1995.

ROMANCE

RIO DE JANEIRO

1991

"Esta é a floresta de hálito podre,
parindo cobras".

(Raul Bopp - "Cobra Norato")

GERALDO SANTOS PEREIRA

O SEQUESTRO DO "AMAZONAS"

Romance

RIO DE JANEIRO

1991

O SEQUESTRO DO "AMAZONAS"

O Crime sem Pena

Em dia indeterminado do mês de março do ano de 1952, o peruano Carlos Lopez Aguirre, ~~homem de semblante duro e viril, com 38 anos de idade,~~ chegou de viagem, ao Aeroporto La Guardia, em Nova York, ~~apanhou~~ o carro do estacionamento e foi diretamente para o apartamento, em Manhattan.

Já o esperava, impaciente, uma jovem mexicana, Marisa Montero, mulher atraente, cujo defeito, segundo Aguirre, era o ciúme excessivo que a levava a preocupar-se menos com os negócios escusos que ele realizava nos Estados Unidos e outros países, do que com as traições e adultérios que praticava com freqüência.

Depois do banho e da refeição que Marisa lhe preparara, Carlos Lopez Aguirre ligou a televisão para o noticiário das 22 horas. Mas, naquele exato instante, o telefone soou. Antes de atender, o peruano comentou, com visível aborrecimento na voz e na expressão facial:

- Deve ser o Michael, querendo saber sobre a viagem. ~~É um chato de galocha~~!

Colocou o fone no ouvido e ~~foi dizendo~~, mal-humorado:

- Fala, Michael! Estou escutando!

Depois corrigiu, ao constatar que não era o chato de galocha:

- Ah, perdão, telefonista. Chamado de Lima? Sim, sim, sou Carlos Lopez Aguirre. Pode completar a ligação.

Esperou alguns instantes. Depois, concentrando no aparelho uma grande atenção, iniciou o diálogo a longa distância:

- Alô, Carvajal? Como vai? Sim, tudo bem, tudo bem.

Dirigiu um olhar amoroso à mexicana, convencendo-a de que a noite não estava perdida. Convicção, aliás, efêmera, pelo teor restante do diálogo:

- Fala, Carvajal. Alguma novidade?

Ficou escutando, em silêncio, a fisionomia passando sucessivamente do aborrecimento ao espanto, e deste ao rancor. E explodiu:

- O quê?! Dedurou?! Tem certeza?

Carvajal, do hemisfério Sul, confirmou a notícia e houve entre os dois um instante de silêncio, como se ambos pusessem em ordem as idéias tumultuadas.

~~Depois~~ Aguirre, finalmente, estourou, assustando Marisa, que o encarava atentamente:

- Filho da puta! Olha, Carvajal, agüenta a barra que ~~embarco~~ viajo para aí. Vamos resolver ~~o~~ este assunto. Guarde sigilo. Mais tarde informo o horário do vôo, e você me espera no aeroporto. O.K.?

Desligou e ficou calado por algum tempo, meditando raivosamente.

Observando a fisionomia transtornada do companheiro, Marisa perguntou, meio hesitante,

- O que aconteceu, Carlos?...

- Assunto de trabalho, Marisa. ~~Coisa séria,~~ Surgiu um fato novo, inesperado. Devo ir ao Peru.

O rosto da mexicana iluminou-se, num sorriso feliz, quase infantil. Sentou-se no leito e quis saber:

- Vou com você, Carlos? Seria maravilhoso!

Lopez Aguirre aproximou-se da amante, afagou-lhe os cabelos negros e respondeu, ~~tenso~~, ainda afetado pelo que ouvira ao telefone:

- Não, Marisa, você não pode, nem deve ir comigo. É uma viagem arriscada, não quero que se exponha.

Quase ao anoitecer, ~~num dia abafado~~ dias depois, Lopez Aguirre chegou à capital peruana. Carvajal, sócio e amigo ~~e sócio em negócios escusos~~, esperava-o no aeroporto.

Pouco depois, já instalados no automóvel que ~~seguia~~ rodava velozmente ~~por~~ numa auto-estrada, Carvajal detalhou os acontecimentos:

- O Miguel deu o "serviço" completo: nomes, endereços, datas, conexões, tudo! ~~Foi comprado pelo~~ O Garcia o comprou por cinqüenta mil dólares!

Calou-se por alguns instantes, enquanto Aguirre refletia, o olhar ~~duro~~ feroz, fincado na estrada.

~~Depois~~ Então perguntou:

- O grupo ~~de Paris~~ da Espanha foi envolvido?

- Foi. A Interpol está fazendo prisões.

- E o Miguel? Onde está o canalha?

- Estamos indo para lá, Carlos!

Numa casa do bairro de Yocucho, temendo a represália inevitável, Fernando Miguel de Castillos, o traidor, juntava nervosamente roupa, documentos, ~~pertences~~ e dinheiro.

Em todos os cômodos da casa visível ~~Muito religioso, por toda a residência havia~~ imagens de santos, genuflexórios, retratos do Papa, bênçãos apostológicas, ~~também recolhidos~~ em malas e sacolas, que ele ia recolhendo perfazendo continuamente.

Numa ampla sala, estendido no tapete, um cão ~~basset~~ dormitava. De repente, farejando algo estranho, ergueu a cabeça e perscrutou a porta de entrada, rosnando ameaçadoramente.

E, de fato, antecedida pelo faro do animal, alguma coisa inesperada ~~sucedeu:~~ acontece: a porta foi violentamente arrombada, enquanto Aguirre e Carvajal irromperam sala adentro, armas em riste.

Conhecedores da casa, perceberam que Miguel se preparava para fugir. Contornando a residência pelo jardim, Carvajal bloqueou uma das saídas, enquanto Aguirre, perseguido pelo cachorro, correu ao quarto.

Naquele cômodo, Castillos tentava escapulir pela janela. Mas Aguirre apontou-lhe a arma e gritou:

- Pare por aí, Miguel, senão leva um tiro!

Carvajal, por sua vez, chegara à parte externa da janela, impedindo o delator de escapar.

Conduzido, sob a mira das armas, ao salão de estar, Miguel proclamava inocência:

- Não fui eu, Carlos! Juro que não fui eu! Foi o...

Antes que completasse a frase, Aguirre, de um salto, aplicou-lhe violenta bofetada, esbravejando:

- Cala a boca imunda, cachorro!

Vendo que o ~~basset~~ cachorro ia mordê-lo, Aguirre prostrou-o no tapete com um tiro. E disse ao delator:

- Olha aqui, Miguel: você que é tão carola, não há de querer ir desta para pior em estado de pecado. Ajoelhe-se, dedo-duro, e faça sua última ~~oração!~~ prece!

Castillos obedeceu, trêmulo. Puxou do bolso um rosário, ajoelhou-se e, transpirando muito, começou a rezar.

Os dois peruanos, pacientes, esperavam.

Logo em seguida, alternadamente, começaram a atirar no companheiro que os traíra. E assim, um de cada vez, descarregaram nele toda a carga do ~~revólver~~. Suas armas.

Semanas mais tarde, os jornais de Lima noticiaram outro crime violento, ocorrido à noite ~~no~~ num recanto do porto da capital peruana.

Naquele lugar, ~~em recanto sombrio~~ isolado, dois homens atracaram-se em briga feroz.

Um dos contendores, Zimaco, mestiço forte, com um resto repulsivo de orelha, decepada em briga de navalha, trajava uniforme de portuário. O outro, funcionário da administração portuária, de terno e gravata, ~~exercia cargo destacado na administração do porto. Franzino, desajeitado~~, levava nítida desvantagem na luta, ~~com~~ com o rosto sangrando sob os golpes que o mestiço lhe aplicava.

Em certo momento, incapaz de manter-se de pé, o funcionário cambaleou e, sob o impacto de outro murro, foi ao chão.

Zimaco, então, com gesto rápido, retirou do bolso uma navalha e vibrou um primeiro golpe, atingindo-o no pescoço.

O infeliz, horrorizado, tentou estancar o sangue com a mão, suplicando, desesperado:

- Pelo amor de Deus, Zimaco!... Não faça isto! Não me mate, homem! Vou anular sua dispensa, dou um aumento para você! Te prometo, Zimaco, dou um bom aumento!

Mas o portuário, ~~fora de si~~ transtornado, ardendo de furor, não se comovia com as súplicas e promessas do contendor: vibrou-lhe, ~~enfurecido~~, um segundo e um terceiro, ~~um quarto~~ golpe de navalha, rasgando-lhe o corpo, dizendo com voz raivosa:

- Índio miserável, não é, "seu" Ortega?! Índio de merda, não é, "seu" Ortega?!...

Deu um ~~quinto~~ quarto e derradeiro golpe, quase lhe decepando a cabeça. Em seguida, limpando a navalha no paletó da vítima, levantou-se, guardou a arma no bolso e afastou-se do porto.

Outro crime, também noticiado com destaque pela imprensa de Lima, ocorreu na selva amazônica, em local não muito distante de Iquitos, envolvendo dois seringueiros que trabalhavam na extração do látex em fazenda de milhares de hectares.

Naquela propriedade de um grupo peruano, associado a americanos da Flórida, um boliviano, também de origem indígena, Juan Diaz, colocou, em dia de grande calor, o cuité no tronco de uma seringueira e deu com o machadinho três golpes oblíquos no córtex da hévea, encravando abaixo das cesuras as tigelinhas de flandres, que, aos poucos, se encheram de goma elástica.

O seringueiro, como de hábito nos seringais, trazia na testa uma pequena lanterna, chamada de poronga. Trabalhava em difíceis condições de vida e alimentação, subindo e descendo nos caules, cortando dezenas de troncos para tirar três ou quatro galões de látex.

Tão penoso era o ofício de seringueiro que Euclides da Cunha escreveu, analisando a anomalia do homem, escravo do próprio trabalho:

"Dostoievsky sombrearia suas páginas mais lúgubres com esta tortura: a do homem constrangido a calcar durante a vida inteira a mesma estrada, de que ele é o único transeunte, trilha obscurecida, estreitíssima e circulante, que o leva, intermitentemente e desesperadamente, ao mesmo ponto de partida".

Naquele dia, a revolta de Juan Diaz não se voltava contra os patrões, aqueles ricaços do Peru e dos Estados Unidos que, em seus palácios, amealhavam o produto de seu trabalho de miséria. Sua atenção, na verdade, concentrava-se num companheiro de profissão, ocupado no preparo da pela e na defumação da borracha.

Juan Diaz seguia-lhe os passos, com um rancor perigoso, alheio aos meandros da selva, ao canto dos pássaros, ao pisar macio dos animais.

Via o companheiro entrar e sair dos tapiris, choças de palha onde o látex era trabalhado sob a fumaça da maçaranduba, do acapu e das sementes das palmeiras.

Quando soou a sirena, sinalizando o final da jornada de trabalho, ficaram na clareira apenas Juan Diaz e o outro seringueiro, recolhendo os instrumentos e as pelas.

Começava a anoitecer quando o boliviano ~~Juan Diaz~~ apanhou um porrete, escondeu-o numa sacola e, sorrateiramente, aproximou-se do colega, ocupado com os preparativos para voltar ao acampamento e à rede acolhedora.

Ouvindo ruídos, o seringueiro voltou-se, assustado. Antes que reagisse, recebeu violenta pancada na cabeça, e tombou. Juan Diaz, ~~tombando. Depois~~, calmamente, ~~Juan Diaz~~ ergueu o corpo do companheiro, amarrou-o com cordas no tronco de uma ~~grande árvore do caucho~~. Seringueira,

~~Em seguida~~, retirou do saco de lona uma banana de dinamite, que furtara do ~~seu~~ depósito, acendeu um fósforo e, com ele, o pavio do explosivo, que depositou ao pé da ~~seringueira~~. Grande árvore.

Guardou, ~~então~~, apressadamente os pertences, afastou-se do local, e se embrenhou ~~ou-se~~ na mata.

~~Nem~~ Não chegou a interromper a caminhada quando, ~~pouco~~ mais adiante, ouviu o estrondo da explosão. O que fez, na verdade, com brilho perverso nos olhos, foi apressar os passos e, num canto da floresta, voltar-se para a clareira e observar o incêndio que a explosão provocara.

Soube-se, mais tarde, pela imprensa, que o motivo do crime fora uma pequena dívida em dinheiro que a vítima relutava em pagar, provocando a fúria homicida de Juan Diaz.

Outro crime, de ampla repercussão, deu notoriedade a uma casa noturna de Lima, na qual um brasileiro, Miguel Viana, integrava o conjunto musical que animava as danças do night-club, ~~um dos preferidos pelos turistas~~.

O brasileiro, ~~de apenas~~ com 27 anos de idade, empunhava nervosamente, ~~numa determinada noite~~, naquela noite, o violão, ~~instrumento de que era exímio executante~~.

O motivo que o ~~deixava nervoso~~ irritava era, aparentemente, banal: sua amante, ~~Helena~~ uma, bela colombiana contratada pela boate como taxi-girl, dançava provocantemente com um turista alemão, ~~já meio embriagado~~, com quem ela vinha bebendo há algum tempo.

O comportamento ~~de Helena~~ da moça, que se chamava Helena, afligia particularmente o ~~músico~~ violonista brasileiro, cujo olhar ~~perseguia~~ acompanhava a ~~moça~~ garçonete com rancoroso ciúme.

A certa altura, estreitada nos braços do alemão, Helena ~~pousou~~ fixou, com

um sorriso malicioso, os olhos no brasileiro que, do tablado, a fitava com uma sombria expressão, sombria de raiva e ciúme.

Mas o olhar do brasileiro violonista não a intimidou. Helena continuou a dançar provocantemente com o turista, com o qual, pouco depois, voltou à mesa, deixando Miguel em estado de tamanha exasperação que sua mão arrebentou uma das cordas do violão. Habilmente, contudo, retirou-a da cravelha, guardou-a no bolso e continuou a tocar.

Horas mais tarde, de madrugada, Viana foi esperar a bailarina numa pequena rua próxima ao prédio onde os dois residiam.

Helena chegou de táxi e, antes de descer, recebeu do alemão uma nota de cem dólares, beijou-o, agradecida, abriu a porta e saiu.

Antes de alcançar o prédio, foi impedida por Miguel, que lhe vedou a boca, arrastou-a para um ponto penumbroso da rua e ali, abafando-lhe os gritos, retirou do bolso a corda arrebentada do violão que, rapidamente, enrolou no pescoço da infeliz. Depois, friamente, começou a estrangulá-la.

Helena, desesperada, tentou livrar-se da fúria homicida do brasileiro, mas ele, com a força que o ciúme duplicava, matou-a em poucos instantes.

Miguel, depois que constatou que estava morta, estendeu o corpo na viela e, sem recolher a corda do violão de aço, detalhe essencial que o denunciaria, afastou-se pela rua deserta.

Semanas mais tarde, outro terrível assassinato voltou a agitar a crônica policial da capital peruana.

O novo crime ocorreu no interior de uma oficina mecânica, num subúrbio da cidade, envolvendo, de um lado, o mecânico Aldo Ridruejo, peruano de 40 anos presumíveis, estatura mediana, o rosto precocemente envelhecido, os cabelos ralos e grisalhos, portador de um defeito crônico na perna esquerda que o fazia claudicar, e, de outro lado, o dono da oficina, Ricardo Menendez, que despedira o empregado, acusando-o de desonestidade.

No dia do crime, Ridruejo desceu a porta de aço da oficina, terminado o expediente, caminhou claudicando entre carros, máquinas e petrechos de trabalho, macacos, pneus, manivelas, chaves de fenda, material elétrico e maçaricos de soldagem, e foi abrir a porta de um carro, ligando o rádio no volume máximo.

Em seguida, sem pressa, calmo, o rosto enigmático, passou diante do dono da oficina, que amarrara fortemente numa cadeira, e que o seguia ~~seguindo-o~~ com os olhos espantados.

Ridruejo, Indiferente à perplexidade do patrão, ~~encaminhou-se para a~~ Ridruejo caminhou em direção da bancada de madeira, no fundo da ~~oficina~~ loja, apanhou um maçarico e retornou ao local onde ~~Ricardo~~ Menendez se encontrava ~~estava~~ preso.

E ali, impassível, ligou o aparelho numa tomada, acendeu a chama e esperou que alcançasse intensidade máxima.

Depois aproximou-se do infeliz, revelando-lhe, então, a ~~sua~~ sinistra intenção.

Ricardo Menendez, consciente, afinal, do ~~intuito~~ plano homicida do empregado, entrou em pânico, e ~~perguntando~~ perguntou com voz trêmula:

- O que é isto, homem?! Ficou louco?! ~~O que vai fazer?!~~ O que vai fazer?

Ridruejo nada respondeu. Aumentou a chama do maçarico, aproximou-o do rosto do desgraçado que, àquela altura, já gritava desesperado:

- Não faça isto, Ridruejo! Pelo amor de Deus! Tenho mulher e filhos! Não faça isto, ~~rapaz~~ homem! É uma barbaridade!

O mecânico, insensível ao apelo ~~patético~~ frenético do patrão, aumentou ainda mais a chama do aparelho de soldar e começou a queimar-lhe os cabelos. Menendez gritou com mais força, misturando a voz com o coro estrepitoso de um grupo de rock, ~~proveniente~~ que provinha do rádio do carro.

- Não me mate, Ridruejo, não faça esta crueldade ~~comigo~~! Pelo amor de Deus! Não te mando embora, te faço sócio da oficina! Te faço sócio, com documento e tudo!

Mas Ridruejo, alheio ao desespero da vítima, ~~desceu~~ baixou a chama ~~quentíssima~~ do maçarico, queimou-lhe a fronte, os olhos, o nariz, a boca, transformados em carne ~~pastosa~~ sanguenta.

Dominado pelo ódio, Menendez ainda tentava gritar, mas de sua boca desfigurada só ~~emitia~~ saíam palavras roufenhas, ~~ainda~~ ponco compreensíveis:

- Filho... da pu...ta! Alei...jado! Miserá...vel...

Ridruejo, impedindo-o de articular o resto da frase, baixou a chama, queimou-lhe o pescoço e o peito. ~~Ainda~~ Mesmo assim o desgraçado continuou a articular sons grotescos e desconexos, ~~até morrer~~ Até que morreu.

Levados a julgamento, Carlos Lopez Aguirre, Julio Carvajal, Antonio

Zimaco, Juan Diaz, Miguel Viana e Aldo Ridruejo foram condenados à prisão perpétua e, em datas ~~diferentes~~ diversas, conduzidos à Penitenciária de La Concepción, na cidade de Iquitos.

A Pena do Crime

Iquitos, capital e principal cidade do Departamento de Loreto, na região amazônica do Peru, é o ponto inicial, ou final, de acordo com a visão dos peruanos e dos brasileiros, da navegação do rio Amazonas.

O grande rio, denominado de Marañon, no Peru, é Solimões e Amazonas no Brasil e, milhares de quilômetros rio-abaixo, de Amazonas, quando o Solimões se mistura ao Rio Negro, era chamado de Guieni, ou Uieni, pelos índios aruaques, e de Parauaçu, pelos tupis.

A região de Iquitos situa-se na planície que os peruanos chamam de La Montaña, vocábulo que, na língua dos primeiros colonos espanhóis, era sinônimo de região florestal.

A depressão amazônica no Peru, como se sabe, é banhada pelos rios Marañon, Ucayali e Hualaga, em cujas margens, como de resto em todo o vale da Amazônia, habitam milhares de índios dedicados à caça, pesca, plantio e colheita, além de uma indústria rudimentar de tecelagem.

Essa população aborígine, cuja origem foi estudada de forma definitiva por Paul Rivet, procede de três grandes nações indígenas da América do Sul pré-colombiana: os Yuncas, os Quíchuas (estes concentrados no norte do Peru e Equador) e, finalmente, os Aimarás.

A tribo dos Incas, de estirpe Aimará, estabelecida no vale do Huilcamaio, dali se irradiou por todo o país e os Andes, dominando povos de línguas diferentes. Asseguram os historiadores que o advento dos grandes reis incas ocorreu em meados do século XIII.

Essa nação admirável organizou, sem nenhuma dúvida, o sistema político mais adiantado de todos os troncos íncolas americanos, incluindo os Maias e Aztecas.

É sabido que nas Américas (Norte, Centro e Sul) floresceram três civilizações de extraordinária importância: a dos Maias e Aztecas, no Norte-Centro; a dos Incas e, finalmente, a do Barroco Colonial Mineiro, no Sudeste brasileiro.

tivo do espírito humano em diferentes campos de atividade: Arquitetura, Escultura, Pintura, Literatura, Música, etc., com obras e monumentos que ~~ainda~~ hoje ~~causam admiração~~ e integram o patrimônio cultural da humanidade.

Vejam-se, nesse aspecto, as ruínas maias em Zaculén, na Guatemala; o sítio arqueológico de Uxmal; as ruínas de Chichén-Itzá e Xochicalco, no México; as belíssimas peças da cerâmica azteca, ou o templo da grande pirâmide, em Palenque. Com relação aos Incas, as fortalezas de Sacsuhuamán, Pukara e Paramonga, ou o impressionante sítio arqueológico de Machu-Picchu são monumentos imperecíveis do gênio criativo incaica. Sobre a admirável civilização do barroco colonial mineiro as cidades de Ouro Preto, São João del Rei e Congonhas do Campo, em Minas Gerais, guardam obras, monumentos e tradições culturais de valor inestimável.

Com a queda do império dos Incas e a sangrenta ocupação espanhola, no século XVI, grande parte da população aborígine refugiou-se nas matas amazônicas, "verdadeiro éden, cortado por rios e coberto de florestas", no dizer de Varnhagen, "e que tornavam a vida fácil e prazerosa para índios arredios, de agricultura ainda rudimentar, e que quase só se sustentavam dos recursos da caça e da pesca".

"Eram tão numerosos os índios da Amazônia - ~~disse~~ Bento de Acosta - que, se um dardo caísse do ar, iria bater na cabeça de um deles, e não cairia ao solo".

Acuña estimou em 150 as nações indígenas espalhadas pela Amazônia. Já Markhma avaliou em 700 as tribos do grande vale, enquanto Mariano Ribero orçou em 280 os diferentes idiomas da região. Só para o Estado do Amazonas Lourenço da Silva citou 243 tribos, cifra, na verdade, exígua, se nos lembrarmos das 78 enumeradas por Alexandre Rodrigues Ferreira para o rio Negro e as 30 que Alfred Wallace mencionou para o Uaupés.

Como Manaus, também Iquitos guarda vestígios da época áurea da borracha e situa-se confinada entre o rio e a floresta, moldura de poderosa força telúrica.

Distante 1.859 quilômetros de Lima, o acesso a Iquitos se faz por avião ou via fluvial. Seus principais atrativos turísticos são a Casa de Ferro de Gustave Eifell; o Museu Municipal, que expõe o artesanato das tribos da região e, principalmente, o Lago de Moronacocha, com sua paisagem empolgante. Outros pontos de interesse são a vila de Quitococha, a quinze quilômetros da cidade e, mais distante, a cidade Pucallpa, à beira do rio Ucayali, afluente do Marañon, além, finalmente, do Lago de Yarihacocha, com suas águas azúis, cercadas pela densa mata tropical.

Entre as atrações de Iquitos, ~~na verdade~~ a que lhe deu maior notoriedade, ~~aliás~~, uma sinistra notoriedade, aliás, foi a Penitenciária de La Concepción, erguida no vértice da colina de San Sabastian, local de onde se descortinam a cidade, o rio e a selva.

Não foi, contudo, a beleza paisagística, ou arquitetônica, que deu fama ao presídio, mas a violência repressiva de seus métodos carcerários e a numerosa população que abrigava, integrada por criminosos da mais alta periculosidade, condenados à prisão perpétua.

Tão notória era essa fama que o próprio nome da prisão, La Concepción, foi substituído popularmente ~~por~~ pelo apelido de La Bestia, ~~assim chamado~~ conhecido no país e ~~no~~ exterior.

Bestial e desumano era, ~~verdadeiramente~~ na verdade, o tratamento aplicado aos sentenciados, como, entre centenas de outros, Carlos Lopez Aguirre, Carvajal, Zimaco, Juan Diaz, Miguel Viana e Aldo Ridruejo, ~~reunidos coincidentemente~~ que foram enfiados numa mesma e infecta cela do Pavilhão 2.

Ali cumpriam pena perpétua, contra a qual, naturalmente, se revoltavam, sonhando com ~~uma~~ a fuga, praticamente impossível naquele presídio.

E era à noite, ~~inevitavelmente~~, que aquela triste humanidade, trancafiada em cubículos imundos, libertava sua imaginação e até sonhava, quando o sono lhe fechava as pálpebras.

Lopez Aguirre, por exemplo, recordava Marisa Montero, ~~possuindo-a~~ e a possuía com ~~vigor~~ aridez, sentindo a ereção torturante dos reclusos. Além do sono erótico, o inconsciente enchia-o de rancor e excitação, o sonho nevrótico do criminoso.

Enquanto dormia, na cela promíscua, Aguirre recordava o ~~próprio~~ passado; o pai alcoólatra, a mãe que o traía, discretamente no início e, depois, acintosamente, com qualquer um que se dispusesse a possuir-lhe o corpo fanado.

Como num caleidoscópio distorcido, de cores e sons esmaecidos na imaginação ~~perdularia~~ deformada, ~~invadiam a memória do traficante~~ o presidiário recordava frases dispersas do julgamento ~~conjunto com Carvajal~~. E a voz do promotor, ~~emitida de sua corpulência adiposa~~, exibia um ardor justiceiro que ~~tonitroava~~ ecoava pela sala do júri:

- "Este - acusava o promotor, apontando para Aguirre - é a "ovelha louca", o gênio que, pela força do exemplo, constrange as demais a se-

gui-la", segundo a arguta expressão de Gabriel Tarde. Ou "o assassino requintado, que Ferri poderia incluir na galeria dos criminosos-natos, dotados de inteligência superior".

- "Nele - prosseguia o acusador ~~implacável~~ - permanecem despertas ~~ativas~~ todas as faculdades, menos uma de que carece por atrofia congênita: o senso moral".

E Aguirre ~~recordava~~ relembrava, no sono tumultuado, a biografia impiedosa que o promotor divulgava ~~na sessão do~~ no júri: filho de pai rico, vítima de sórdida trama de sócios nos negócios, ~~de exportação e importação~~, "o réu - definia o acusador, - desde cedo jurou vingar o progenitor levado à falência, refugiado na bebida, traído e, mais tarde, abandonado pela mulher".

- "Adulto, meteu-se em negócios escusos, inclusive o tráfico de drogas, o contrabando e o proxenetismo. Mais tarde mudou-se para o México e, posteriormente, para os Estados Unidos, onde passou a dirigir uma organização ilegal, cujas principais ramificações localizavam-se em México, Lima e Bogotá".

Agitando-se no colchão imundo, vestindo uma calça curta de pijama, o corpo encharcado de suor, Aguirre continuava a sonhar, saturando o inconsciente de um ódio inútil que lhe ~~embrutecia a alma~~, vez e outra, levava-o a mover os lábios grossos, como se ~~fosse~~ quisesse esbravejar.

E ~~ainda~~ ouvia, como eco onírico, ~~a voz eloquente do~~ a voz do acusador, no julgamento:

- "Repetindo Lombroso, a alma degenerada do réu é complexa, polimorfa e de equilíbrio instável, "na qual podem surgir e se trocarem fenômenos singulares, desde a idéia genial até a ação criminosa".

E prosseguia, caminhando ~~diante~~ defronte ao banco dos réus, apontando ora para Aguirre, ora para ~~Julio~~ Carvajal:

- "Vejam os dois réus, senhores do Conselho de Sentença, examinem ~~seu~~ o perfil psicopático: em Aguirre, o maxilar grande, a boca volumosa, destacada na fisionomia erótica, que ~~se pode~~ o inclui na categoria dos leptossômicos de Kretschmer: forte, musculoso, predisposto à esquizofrenia. Já em Carvajal, com ~~seus~~ os olhos insidiosos, a boca maliciosa, a fisionomia melancólica, destaca-se a idolatria ~~quase~~ homossexual pelo sócio e amigo".

Nesse ponto, invadindo a memória ~~de Aguirre~~ lhe, voltou a ouvir o grito

colérico de Carvajal, ecoando no salão do júri:

- "Homossexual é a puta que o pariu!"

- "Aí está, senhores jurados, a melhor definição do perfil moral deste delinqüente! - replicou, raivoso, e ~~um pouco~~ afetado pelo palavrão, o promotor, quando o tumulto se aquietou diante do soar insistente da campainha, premida pelo juiz-presidente.

- "Este criminoso - Julio Carvajal - que não sabe distinguir a sala de julgamento do ambiente vicioso de um bar, ou da zona de meretrício, onde se criou, foi sempre o amigo mais íntimo de Carlos Lopez Aguirre. Nascido na Colômbia, veio cedo para Lima, onde fez de tudo, coabitando até com prostitutas e pederastas".

- "Desde criança - continuava o acusador, apontando para Carvajal, que o encarava com ódio profundo - foi desprezado pela família: o pai fugiu de casa, perseguindo outra mulher; a mãe foi viver com um homem idoso e violento, que espancava o menino constantemente. Carvajal encontrou nas ruas, como é ~~de hábito~~ comum, o habitat criminogênico, a escola tradicional de uma carreira ilícita, que começa por pequenos delitos e, fatalmente, termina no crime e na prisão".

Começava a amanhecer quando, ~~assustadamente,~~ Aguirre, Carvajal, Juan Diaz, Miguel Viana e Aldo Ridruejo despertaram com o soar da sirene de La Bestia.

Zimaco, com sono de pedra, continuava a dormir. Só acordou quando Aguirre foi sacudir-lhe o corpo:

- Acorda, homem! Se o guarda te pega na cama, vai pra solitária!

Só então Zimaco levantou-se, resmungando:

- Porra!

Depois do café com um pedaço duro de pão, servido na cela, os detentos foram conduzidos aos pátios, dispersando-se na grande área banhada de sol.

Alguns iniciaram uma partida de futebol, entre gritos e imprecações; outros foram jogar cartas, enquanto a maioria permaneceu pelos cantos, conversando em voz baixa, fazendo confidências, tramando vinganças.

Zimaco, mal-humorado, de pouca conversa e permaneceu afastado, ~~de pouca conversa~~. Nascido

na cidade de Chiclayo, perto da fronteira com o Equador, perambulou a pé do Norte até a capital peruana, ~~trabalhando em atividades~~ ganhando a vida em trabalhos esparsos, mal-remunerados, sobrevivendo ~~com dificuldade num~~ a custo no meio hostil. Até, finalmente, ~~conseguir emprego estável~~ empregar-se no cais do porto, como carregador.

De seus olhos pardos e pequenos, fulgia uma luz opaca de ferocidade. Além do pedaço repulsivo de orelha, tinha a testa deformada como a de um tigre; as mãos curtas e grossas, calejadas no trabalho braçal; a mandíbula inferior ossuda e prognática, munida de dentes irregulares. Sua fisionomia lembrava, aliás, um cão de fila de olhar vingativo, ~~de crueldade atroz~~ brutalidade. O crime que cometera, degolando o funcionário do porto, foi definido pelo advogado de ~~defesa como~~ dirigido mais contra a ordem social injusta, ~~e menos~~ do que contra o ~~contendor~~ adversário na briga, originada do temor do desemprego, ~~e~~ da vida inteira pobre e sofrida, do desequilíbrio emocional momentâneo.

- "Atuaram na formação moral de ~~Zimaco~~ dele homem - explicava, eloqüente, o advogado, enfrentando o sorriso zombeteiro do promotor - os tradicionais fatores sociológicos de influência no delinqüente: a condição social, econômica, familiar, etc., de que se nutre o trinômio causal dos delitos: fatores antropológicos, sociais e físicos, ou seja, causas endógenas e exógenas".

Estimulado pelo silêncio respeitoso do júri, o causídico acabou por citar a frase célebre de Lacassagne: "As sociedades têm os delinqüentes que merecem".

- "E os cemitérios os mortos que produzem!" - retrucou, rápido, o promotor, com sarcasmo devastador.

Comentou-se, depois, que a intervenção fulminante do acusador fora uma das causas da condenação de Zimaco.

A Fama do Crime

Quando, na manhã de novembro de 1957, chegaram ao pátio de recreação da Penitenciária de La Concepción o Diretor Camilo Ibarra, o Chefe da Guarda, Tenente Pablo Ramirez, um jornalista e um fotógrafo americanos do The New York Times, enviados especiais para uma série de reportagens sobre crimes e prisões na América do Sul, a atenção dos detentos voltou-se, curiosa, para o grupo.

- Este é o pátio de recreio do Pavilhão 2 - explicou o Diretor aos jornalistas. - Os senhores estão autorizados e podem trabalhar livremente, mas com cautela, pois alguns reclusos são perigosos. De qualquer forma, estarão acompanhados por dois guardas, como medida de segurança.

Durante duas semanas, John Wallace e Bill Simon, repórter e fotógrafo, cumpriram a agenda de trabalho previamente organizada em Nova York. Quinze dias mais tarde, com chamada de primeira página, o mais famoso jornal americano iniciou a publicação de matérias que iriam alcançar repercussão internacional e provocar um protesto formal do Governo peruano, pelo teor depreciativo das observações que continham. Protesto, aliás, solenemente ignorado pelo jornal.

As reportagens, assinadas por John Wallace, deram destaque especial às entrevistas e ao estudo da personalidade psicopática de alguns presidiários, como Juan Diaz, Miguel Viana, Ridruejo, Carvajal e Aguirre.

Sobre o primeiro, autor do crime ocorrido na selva amazônica, relatado detalhadamente pelo jornalista, destacou-se o seguinte trecho:

"O que mais espanta na personalidade desse criminoso frio e lacônico é a forma brutal e requintada com que eliminou a vida de um companheiro de trabalho, por motivo absolutamente fútil: a dívida de pequena importância em dinheiro.

"Juan Diaz, nascido na fronteira da Bolívia com o Brasil, fora contratado por empresa extrativa para trabalhar num seringal. Conhecia bem o ofício, pois trabalhara anteriormente na Bolívia, no Peru e no seringal de um rico proprietário brasileiro, que o expulsou após descobrir que lhe

cortejava a filha.

"Cinqüenta anos, aproximadamente, ascendência indígena direta, olhos escuros, comprovando a origem polinésica, cabelos negros e corpo musculoso, o criminoso pouco nos revelou de sua vida familiar e social, fazendo referências ao pai, que lutara contra os brasileiros que conquistaram em batalhas o rico território do Acre.

"Apesar do pouco que conseguimos apurar de sua dura existência, foi possível sintetizar-lhe uma carreira marginal que, via-de-regra, pouco difere da maioria dos delinqüentes que Enrico Ferri incluiu na categoria de criminosos-loucos, ou de criminosos-natos, na classificação de Lombroso.

"Diaz, na verdade - prosseguiu o jornalista - personifica o conceito criminológico de que crime e loucura "são dois ramos do tronco único da degenerescência humana, donde provêm ainda a tendência inata para o suicídio e a prostituição, além de todos os graus e formas de nevroses e psicoses".

"Face larga e crânio reduzido, em forma de oxicefalia; testa retraída, achatada, olhos dissimétricos, salientes e redondos; olhar fixo, duro ou vítreo, faces grossas, com maçãs salientes; nariz achatado, maxilar prognático, lábios carnudos, estendidos para fora, pescoço curto, como a fotografia deixa ver com nitidez, o presidiário, criado na selva, provavelmente adquiriu, por osmose, a ferocidade dos animais selvagens. Como a mesma frieza com que abatia um animal, para caça ou com finalidade de defesa, Juan Diaz assassinou tranqüilamente um ser humano, seringueiro humilde como ele.

"Do ponto de vista psicanalítico - concluiu John Wallace, - Juan Diaz faz seguramente parte daqueles autores de crimes movidos por impulsos neuróticos: loucos, assassinos, cleptomaníacos, originados normalmente de um recalque excessivo".

Sobre o brasileiro Miguel Viana, nascido na cidade do Crato, no Ceará, região que o jornal ianque definiu como "o maior fornecedor de migrantes para as regiões Norte e Sudeste do Brasil", o repórter do The New York Times pareceu adotar uma atitude mais benevolente.

"No Crato, pequena cidade do Estado do Ceará - escreveu Wallace, - Viana, muito jovem ainda, meteu-se em arriscada aventura amorosa com uma estudante, fugindo das ameaças de morte da família da moça, que engravida-

ra, e partiu para a região amazônica, de lá para Iquitos e, posteriormente, para a capital do Peru.

"Com melhor formação cultural, conhecendo música e ~~tocando~~ dedilhando o violão com perícia, Viana sobreviveu em Lima como músico de ~~uma~~ boates e casas noturnas."

Wallace, ~~em seguida~~ a seguir, passou a relatar o drama de amor ~~de~~ que envolveu Miguel e Helena, ~~com~~ dando ênfase ~~para~~ ao ciúme ~~neurotizante~~ doentio do brasileiro, de que resultou o ~~violento~~ cruento assassinato da moça.

"Viana - escreveu o jornalista - pode ser incluído no grupo dos criminosos-passionais, estudados por ~~Enrico~~ Ferri, Lombroso e outros criminalistas e escritores. Movido, normalmente, pelo ciúme exacerbado, esse tipo de delinqüente é conduzido ao crime por um "impulso súbito e impetuoso".

Depois de referir-se aos distúrbios psico-sexuais provocados pela eclosão, súbita ou gradual, do ciúme, o jornalista novaiorquino citou Vincenzo Mellusi que, no livro "Os Que Amam e Matam", comparou a anomalia do ciúme a um tumor que, aos poucos, vai corroendo os tecidos sadios do organismo.

A seguir, inevitavelmente, ~~encaminhou~~ dirigiu suas reflexões para o exemplo clássico de alguém possuído pela ~~ciumeira~~ suspeita e ~~do~~ ciúme: Otelo, criação imortal de Shakespeare.

"O que aconteceu a Miguel Viana - explicou John Wallace - repete o caminho tortuoso que conduz o homem dominado pelo ciúme à suspeita, ao desvario e, finalmente, ao crime".

Completada a análise etiológica do crime praticado ~~por Viana~~ pelo brasileiro, Wallace traçou-lhe o perfil anatômico: fisionomia agradável, olhos ~~claros~~ castanhos, redondos e brilhantes; cabelos lisos, quase alourados, denunciando a provável origem européia; cabeça grande, ombros largos, altos e potentes; braços longos e musculosos, mãos grandes e esguias, nariz fino, pelugem reduzida nos braços e no peito, formando um conjunto físico que atraía o interesse das mulheres.

"Filho de pai tirânico e prepotente, comerciante na cidade do Crato, Viana ~~esteve sempre fortemente~~ viveu a infância e a adolescência muito ligado à mãe, ~~mulher~~ que era paciente e amorosa, submetida ao autoritarismo do marido.

"Este fato - prosseguiu Wallace - gerou na sensibilidade ~~emotiva~~ do rapaz um impulso de adesão ao sentimento feminino, que o acompanhou pela

vida afora.

No estudo psicopático de Miguel Viana, Wallace perfilou-o no grupo daqueles criminosos que sofrem de um sentimento de culpa e, ao mesmo tempo, enfrentam o despotismo paterno, principalmente quando voltado ~~contra~~ para a mãe, a quem se apega com um fervor quase incestuoso. Desse sentimento, que o atormenta, nasce um processo aflitivo de autopunição, induzindo-o a cometer delitos com o objetivo de criar, a seus próprios olhos, um pretexto menos angustiante do que o impulso incestuoso.

Com relação a Ridruejo, a posição do jornalista do The New York Times foi de inexorável severidade. Apesar de projetar-lhe o perfil psicopático com isenção, nesse ponto o relato jornalístico ganhou cores de grande dureza, chocando os leitores pela descrição minuciosa da impressionante tortura que Ridruejo aplicou no patrão, dono da oficina mecânica.

"Ridruejo - escreveu Wallace - é o assassino-louco, cujo crime hediondo é a manifestação de uma natureza degenerada, a que se refere Garofalo, "quaisquer que sejam as causas antigas ou recentes dessa degenerescência".

"A ciência atual - conceituou o jornalista mais adiante, - esforça-se por colocar em relevo os caracteres que diferenciam os criminosos entre si, e para fixar-lhes a individualidade física e psíquica no meio ambiente."

Para definir adequadamente, à luz da Criminologia, o crime hediondo cometido por Ridruejo, Wallace recorreu novamente a Enrico Ferri, de quem transcreveu o seguinte trecho:

"Uma idéia criminosa vem pouco a pouco do crepúsculo incerto da veleidade indistinta à superfície da consciência e, então, novo exemplo de transformação das forças, se não encontra no cérebro um freio, ou se de qualquer maneira o não enfrenta, manifesta-se, graças à cumplicidade do meio, por uma impulsão exterior e muscular, quando o sistema nervoso está atrasado, doente ou minado pela degenerescência".

"Este foi o caso escabroso de Aldo Ridruejo - esclareceu o jornalista - ao tramar a vingança diabólica contra o patrão. Em seu caso, além disso, o complexo provocado pelo defeito físico foi elemento adicional ao impulso

homicida, nascido da vingança contra o homem que o humilhara".

A análise de Wallace do biótipo de Ridruejo amparou-se nas doutrinas de Kretschmer e Pende, na Itália; de Sheldon, nos Estados Unidos; de Bogomolets, na União Soviética, relacionando estrutura corporal, doença mental, comportamento e personalidade anormal, levando-o a incluir o criminoso no grupo atlético, de temperamento exotímico, ~~lento, viscoso e fleugmático, de estatura mediana, tórax desenvolvido, ombros largos, abdomem tenso, cintura fina, musculoso, rosto entre ovóide e pentagonal.~~

"Como integrante do grupo exotímico, Ridruejo - concluiu John Wallace - é o exemplo típico do delinqüente explosivo, predisposto ao paroxismo motor e a reações violentas, ~~brutais~~. Não hesito em incluí-lo na galeria dos assassinos mais ~~hediondos~~ brutais da história, ao lado de Jack, o Estripador, de Landru, Castruccio e ~~tantos~~ alguns outros".

A última parte da reportagem de John Wallace foi dedicada à Penitenciária de La Concepción, que ele retratou de forma implacável.

Após percorrer demoradamente as instalações do presídio, o jornalista classificou-o, de ~~pronto~~ início, entre os que adotam o regime penitenciário fechado, isto pela própria característica de só abrigar condenados à prisão perpétua.

E citou José Ingenieros que, no livro "Criminologia", dividiu os estabelecimentos carcerários em prisão (urbana); colônia (rural), destinada aos delinqüentes acidentais, de temibilidade mínima; penitenciária, "destinada aos delinqüentes já habituais e cuja readaptação social é mais difícil e exige maior tempo e, finalmente, o presídio, para os delinqüentes de temibilidade máxima, provavelmente irreformáveis, para os quais a seqüestração penal deve ter caráter permanente e definitivo".

"Este fato, - acentuou o jornalista - invalida a forma de tratamento e assistência médica, social, psiquiátrica e religiosa aos detentos, aos quais estão fechadas as mínimas perspectivas de reintegração social e profissional. Conscientes de que o resto de suas vidas vai decorrer entre as grades da prisão, ~~[illegible]~~, os presidiários de Iquitos recusariam, naturalmente, qualquer forma de tratamento, com vista à sua recuperação moral e social".

E reproduziu, ~~em certo ponto~~ a altura, a terrível definição de Angusto Setti: "O cárcere é como o chacal, o imundo animal que torna a comer o alimento que vomita".

Observando a forma perversa de relacionamento recíproco dos reclusos, John Wallace deu ênfase ao despótico domínio de uns sobre outros, transcrevendo a definição de Sighele, perfeitamente aplicável a tudo o que pudera observar em Iquitos:

"São numerosos os pares de degenerados compostos de um indivíduo forte (o íncubo), que sugestiona um pusilânime (o súcubo) e o arrasta ao vício, ao crime e a todas as degradações, como se fosse um autômato".

Neste ~~sentido~~ ponto, narrou os casamentos homossexuais, freqüentes na prisão; as violentas explosões de ciúme de uns contra outros; os assassinatos constantes ~~nos pavilhões~~ nas celas e recantos do presídio.

A cumplicidade do meio, a ausência total de expectativa de recuperação, a podridão moral, física e psicológica da população carcerária; a revolta surda e enlouquecedora de cada recluso, levaram o jornalista americano à triste conclusão de que à prisão perpétua seria preferível a pena de morte, que evitaria aquela escalada de degradação humana, observada em ~~La Bestia~~. Iquitos.

"O que encontrei em ~~La Concepción~~ Bestia - sublinhou o repórter - não foram pedagogos, sociólogos, assistentes sociais, capelães ou criminalistas, mas detentos e ~~guardas carcerários~~ carcereiros, em permanente conflito, numa convivência de ódio recíproco".

"Ali avistei carrascos pérfidos; nevróticos histéricos, exibindo uma repulsiva atrofia congênita do senso moral, ~~e social~~; alma e mente degeneradas, anomalias psíquicas, inibições volitivas, erotismo doentio e degradante. Ali observei uma humanidade estigmatizada pela ~~degenerescência~~ degradação física e moral, dominada pelo vício e o alcoolismo, caracteres torpes de escravos e dominadores; fisionomias tenebrosas, como resíduos cuspidos num meio infamante, onde prevalece o instinto de tânatos, mortífero e impotente".

"Ali constatei, verdadeiramente - concluiu Wallace, - a forma mais violenta do terrorismo estatal, responsável por um rigor punitivo de caráter absolutamente feudal, de que a privação total da liberdade e a bárbara repressão dos menores delitos e transgressões disciplinares alcançam nível

bestial. Prova-se, em Iquitos, que a violência institucional do aparelho carcerário transgride os direitos humanos mais comezinhos. Só encontro, afinal, uma solução para a escabrosa Penitenciária de La Concepción, de inteira justiça cognominada de La Bestia: sua demolição urgente e completa, salgando-se o local onde foi erigida".

Comandante Caruana

Diz a sabedoria popular que "não se anda na Planície Amazônica - navega-se".

Calculada, em sua totalidade, por José Veríssimo, em 40.000 quilômetros, a navegação amazônica abrange não só o Rio Amazonas, como outros grandes caudais: o Rio Branco, o Japurá, o Içá, o Jutaí, o Coari e os trechos navegáveis do Tocantins, Xingu e Capim.

Primeiro rio do mundo em volume de águas e o segundo em extensão, o Amazonas nasce na Cordilheira dos Andes, em território peruano, atravessa de O para E dois Estados da região Norte do Brasil - Amazonas e Pará - e desemboca no Oceano Atlântico.

A gigantesca bacia hidrográfica, ensinam os manuais de Geografia, é a mais vasta do globo e mede cerca de 5,8 milhões de km2, dos quais 4,8 milhões em território brasileiro e o restante em cinco países da América do Sul: Bolívia, Colômbia, Equador, Peru e Venezuela. Somente no Brasil a bacia amazônica mede precisamente 4.787.717 km2.

Os dois principais rios formadores do Amazonas são, como se sabe, o Ucayali e o Marañon. O Marañon, como ~~frequentemente se ensina~~ se ensina na escola, tem sua origem no riacho de nome Lauricocha, que nasce no lago do Nino, nas geleiras da Cordilheira de Santa Ana, a 5.200 metros de altitude, na província de Junin.

Outra versão, mais recente e, provavelmente, de maior ~~embasamento~~ consistência técnica, contradiz a informação clássica. "Segundo as mais novas averiguações do geógrafo Squires e do Comandante C. Besley - informa Raymundo Moraes - o Amazonas, em vez de nascer no Lauricocha, no Departamento de Tarmo, no Peru, nasce na mesma República, mas na região andina de La Raya, no Telhado do Mundo, com o nome de Vilcanota".

Depois de percorrer aos saltos 45 km, na direção Norte, formando sucessivamente seis pequenos lagos (Santa Ana, Caballococha, Nieveurco, Tinquincocha, Yanacocha e Patarcocha), o riacho inicial deságua no lago de

Lauricocha, com quatro quilômetros de extensão e largura de quinhentos metros. Na saída pela extremidade NE do Lauricocha, no meio das remificações dos Andes, cujos últimos contrafortes transpõe no Pongo de Manseriché, vira definitivamente para Leste.

Pouco abaixo de violenta corredeira, o Amazonas, já com o nome de Marañon, torna-se navegável, em qualquer época do ano, mas somente para pequenas embarcações que não requeiram mais de dois metros de água. Neste ponto, acha-se ainda a 4.950 quilômetros de sua foz.

A navegação no Amazonas é feita por toda sorte de embarcações, desde os transatlânticos e os velhos e impávidos gaiolas, às gambarras a vela, com dois mastros e tolda pequena para cinco tripulantes na popa; as vigilengas, de um único mastro, com toldo e formato arredondado, além das populares montarias, pequenas canoas feitas de um tronco de pau escavado a fogo e, finalmente, as ubás, ~~que são~~ embarcações sem quilha, feitas da casca inteiriça de uma árvore, movidas por meio de varas, ou de pás.

Essas embarcações, desde as de maior calado, às simples montarias, navegam pelos grandes ou pequenos cursos d'água, entrando em furos e igarapés, canais, córregos, lagos, lagoas, águas turvas, límpidas, pretas, verdes, azuis ou pardas.

Poucos, como o Comandante Fernando Caruana, conheciam tão bem os intrincados caminhos fluviais da Amazônia: coroas, restingas, praias, ilhas, furos, lagos, discos e frisos líquidos, abertos para o céu. Não lhe eram estranhos os segredos mais ocultos da selva, o habitat de antas e gaviões, pacas e jacarés, da fauna e flora ao longo de afluentes, confluentes e defluentes.

Naqueles rios, a bordo de todo tipo de embarcação, o veterano oficial da Marinha Mercante brasileira viveu a maior parte de sua vida laboriosa.

Suas mãos rijas, detendo o leme do navio, traziam segurança a passageiros e tripulantes. Recebido com estima em todos os portos de escala, seu nome ~~representava~~ inspirava firmeza e competência.

Nascido e criado na Ilha do Mosqueiro, nas imediações de Belém do Pará, Fernando Caruana poderia perfeitamente servir de paradigma humano do nortista brasileiro.

Na região Norte do Brasil, como se sabe, predominam tipos humanos representativos da colonização européia - portugueses, espanhóis, holandeses, franceses, ingleses, e, principalmente, dos agrupamentos indígenas e sua miscigenação com brancos e negros.

O extraordinário amálgama racial da Amazônia realizou-se no vale com forte sentido ecológico. Em nenhuma parte do mundo produziu-se melhor exemplo de integração homem-rio-floresta como naquela região.

"A floresta, os rios e os lagos, com seus povoados vegetais ou animais - informa Leandro Tocantins - envolveram o homem numa teia de interesses, de necessidades e competição. O que faz vislumbrar na Amazônia aquele "organismo vivo", no qual operam harmoniosamente vários sistemas vivos, o vegetal, o animal, o humano", no dizer do professor Mukerjee".

Na fecunda mescla racial que se observou a contribuição negra foi inexpressiva, ao contrário do que ocorreu em outras regiões brasileiras. Na Amazônia o que predominou foi a mestiçagem entre o índio e o branco, produzindo variados tipos raciais, como o curiboca, o mameluco, o mestiço, o caboclo, etc.

O Comandante Caruana era mestiço, oriundo da mistura de branco com mameluco do primeiro sangue. Seu pai, nascido no Ceará, viera muito jovem residir em Belém do Pará, onde sobreviveu na atividade pesqueira e, mais tarde, no transporte fluvial entre a capital e a Ilha do Mosqueiro.

Casando-se com uma paraense de direta ascendência indígena, Evaristo Caruana teve dois filhos, Jerônimo e Fernando, ambos engajados, desde cedo, no árduo trabalho da pesca, particularmente fértil na Ilha do Mosqueiro e toda a costa fluvial e marítima de Belém.

Um dos filhos de Evaristo, Jerônimo, morreu cedo, vítima de febre amarela, enquanto Fernando sobreviveu e substituiu o pai na pesca e sua comercialização no mercado do Ver-O-Peso.

De estatura mediana, forte e sólido, Fernando Caruana tinha a cor pardacenta, fronte curta, olhos pretos e vivos, lábios grossos e, como sinais exteriores da direta origem indígena, maxilas prognáticas, fronte achatada, dentes pequenos e alvos, orelhas pequenas e abertas.

A infância e adolescência de Caruana transcorreram em Belém e na Ilha do Mosqueiro, lugares onde ganhou o sustento da mãe, que enviuvara, e dos

cinco filhos, que tivera ~~tidos~~ em dois casamentos.

Residia no Mosqueiro, que considerava um insubstituível "paraíso terrestre" e onde, nos intervalos das viagens pelo rio Amazonas, divertia-se com os filhos nas pescarias, não mais como meio-de-vida, mas como esporte e lazer apaixonantes.

A Ilha do Mosqueiro foi povoada primitivamente pelos índios tupinambás, que viviam da caça e pesca, abundante ~~esta~~ em toda a costa Norte e nas baías de Santo Antônio e do Sol.

Os tupinambás eram peritos não só na pesca, como na conservação do pescado, utilizando o processo do moqueio, de que se originou a expressão "ilha do moqueio" e, finalmente, por corruptela, "ilha do mosqueiro".

A Ilha possui belas ~~encantáveis~~ praias, como a do Areião, do Bispo, Grande, do Farol, Chapéu-Virado, Murubira, Ariramba, São Francisco, Carananduba, Caruara, Paraíso, Conceição, Bacuri e Fazenda.

A família Caruana instalou-se na localidade de Carananduba, no interior da Vila, cujo acesso a Belém se fazia por embarcações da SNAPP, empresa federal de navegação.

O pai do Comandante foi, como centenas de outros pescadores, beneficiário de doação de área na ilha, só concedida, em fins do século passado e início do atual, a colonos, lavradores, pescadores e moradores permanentes do Mosqueiro.

Na área doada pelo Governo, Evaristo Caruana construiu residência modesta na praia de Carananduba, mais tarde herdada, ampliada e modernizada pelo filho, que se tornara figura muito estimada na Ilha.

Ali Caruana vivia com Francisquinha, com quem se casara em segundas núpcias, e com os filhos Raimundo, de 16 anos; Rita, de 14, e Fernandinho, de 9, de lá só saindo para comandar o navio-gaiola "Amazonas", da frota fluvial da companhia "Navegação da Amazônia e Portos do Pará", SNAPP, mais tarde transformada em ENASA, "Empresa de Navegação da Amazônia S.A."

As constantes viagens Ilha do Mosqueiro-Belém nas velhas embarcações da SNAPP provocaram no espírito de Caruana a atração pela navegação fluvial. Desde menino, seja com o pai nas canoas geleiras, freteiras e igaritês, transportando peixe para o mercado da capital, seja nas embarcações de passageiros que ligavam a ilha ao continente, Caruana foi sempre o

observador atento ~~e entusiástico~~ da atividade de comandantes, imediatos, pilotos ou marinheiros, conduzindo, em dias de bonança ou ~~de~~ tempestade, as embarcações ao porto e embarcadouros do Ver-O-Peso.

Quando completou quinze anos de idade, conseguiu emprego na SNAPP e entrou definitivamente para a Marinha Mercante, servindo, de início, como carregador, garçon, marinheiro e, após cursos feitos à noite, como prático, piloto, oficial, Imediato e, finalmente, Comandante de grandes navios de carga e passageiros da frota federal. Num deles, o "Amazonas", Fernando Caruana servia por mais de doze anos, já próximo da aposentadoria ~~ao~~ quando completou 64 anos de idade.

Era homem metódico, íntegro e paciente. Incapaz de erguer a voz em momento de altercação, mantinha a autoridade apenas com o olhar, firme, decidido, revelador de uma ~~vontade~~ autoridade que não nascia de suficiência, ou ~~de~~ arrogância, mas de uma tenacidade de ferro.

Na véspera de ~~outra~~ nova viagem rio-acima, passou o dia pescando com o filho mais velho, Raimundo, no igarapé do Pau-amarelo, um de seus locais preferidos pelas condições propícias para uma boa pescaria, atividade que exige perícia e, sobretudo, ~~muita~~ paciência.

Alcançava o igarapé na pequena lancha de motor de popa, equipada com petrechos de pesca: linha, rede, puçá e espinhel, além do moquém de grelha, de forma triangular, que colocava em pedras ou forquilhas de madeira, sobre a qual assava a fogo lento o peixe, depois reduzido a migalhas e levadas aos fornos de farinha brandamente aquecidos. Essa velha técnica, também ~~era~~ de origem indígena, como ~~numerosas~~ muitas outras, foram sendo perpetuadas nos hábitos amazonenses.

O peixe moqueado, que Caruana e Raimundo degustavam com ~~enorme~~ grande prazer, era popularmente chamado de piracuí, ou farinha de peixe.

Além do anzol de linha tradicional, o Comandante também utilizava o espinhel, outro petrecho de pesca, composto de uma grossa e comprida linha, interligada a outras menores e mais finas, dotadas de anzóis nas extremidades.

Com o espinhel, a rede ou a linha, Caruana apanhava a piraíba, o dourado, a gurijuba, a piramutaba, o bacú e muitas outras espécies ictiológicas da Amazônia.

De manhã bem cedo, até o anoitecer, Caruana era o mais feliz dos ~~homens~~ mortais, perseguindo o aruaná, o pirá-tapioca, o tucunaré, os acarás, os acaris, os jaraquis, o curimatás, a tainha, os aramacás, numa persistência hábil e cautelosa.

Sabia, como todos os pescadores da Amazônia, que "a melhor hora para a pesca é de manhã"- ~~como informou~~ segundo José Veríssimo -"nem tão cedo que não haja luz bastante à transparência d'água, nem tão tarde, que as tenha agitado a viração, mas quando, não havendo ainda caído o vento, conservam-se as águas serenas, e lisa como ~~um~~ espelho a sua superfície".

Quando anoitecia, encerrava a pescaria, ligava o motor de popa e iniciava a viagem de volta, a lancha cheia. Eram felizes, pai e filho, compensados pelo dia de prazer ~~inimitável~~. insuperável.

Durante o trajeto de regresso, Caruana narrava ao filho casos ligados à pescaria, como o feito heróico de Josino Cardoso, que fora amigo de seu pai:

- O Josino - dizia ao filho - pilotava a vigilenga Juruna perto da Ilha de Maracá, quando viu cair do céu um pequeno avião, que mergulhou no rio. Imediatamente, ele e os companheiros pescadores, rumaram para o local do acidente e salvaram da morte certa os aviadores argentinos Bernardo Duggan, Eduardo Olivero e Eugenio Campanelli, que tentavam de avião o raid Nova York-Buenos Aires.

Desviou a lancha de um tronco de árvore, comeu mais um pedaço de peixe moqueado e continuou:

- Josino e companheiros tornaram-se heróis no Brasil e, principalmente, na Argentina, que lhes tributou muitas homenagens.

Já era noite quando Caruana e Raimundo chegaram à casa de Carananduba, onde Francisquinha, Rita e Fernandinho os receberam carinhosamente, já antegozando o jantar ~~gostoso~~ de moqueca e pirão.

No dia do embarque para Belém, numa quente manhã de abril de 1958, Caruana preparou-se para ~~a nova~~ outra viagem pelo rio Amazonas, comandando o navio-gaiola.

Vestiu o uniforme branco, impecavelmente limpo e passado, bebeu café com leite com pão e broa de milho e, antes de sair para embarcar rumo ao Porto de Belém, ouviu Francisquinha dizer-lhe, meio constrangida; ~~e aflita:~~

- Fernando, me desculpe, querido... Mas... queria te pedir uma coisa: por quê não pede pro Altamirando te substituir nesta viagem?...

Caruana, que bebia o café, voltou-se assustado:

- O quê?... Pedir pra me substituir? Que idéia esquisita, ~~Francisquinha!~~

- Não sei, querido... ~~Tive um sonho esta noite~~, estou com medo dessa viagem... Se você quiser, ~~Fernando~~, vou à companhia, digo que está doente, invento qualquer coisa...

- ~~O que é isso~~, Francisquinha! Inventar doença, pedir substituto? Parece que está brincando! ~~Não fiz isto~~ em 35 anos de Marinha, e agora me pede isto, às vésperas da aposentadoria? Ora, querida, que idéia absurda!

Francisquinha não insistiu, e ajeitou o uniforme no corpo rijo do marido, que se levantara para apanhar o quépi do cabide.

Vendo o estado aflito da mulher, envolveu-a num abraço afetuoso, acariciou-lhe os cabelos, o rosto bonito de cabocla e falou:

- Vamos, ~~amor~~, que bobagem! ~~Sonhos e pesadelos a gente tem a vida toda, e nem por isso mudamos os hábitos, ou nossos deveres e obrigações.~~

Antes de colocar o quépi na cabeça, tomou outro gole de café e ainda disse à mulher, que recolocava a cadeira no lugar:

- Fique tranqüila, Francisquinha, tudo vai correr bem. Conheço o rio e o navio como a palma de minha mão. Fique calma, Deus é grande. Vamos a Belém, senão ~~posso~~ atrasar. As crianças estão prontas?

Nesse instante, Raimundo, Rita e Fernandinho surgiram, correndo do interior da casa, ~~eufóricos com o passeio.~~

- Estamos prontos, papai! - gritou o mais velho, que falava sempre pelos irmãos.

- Então vamos.

Antes de sair, perguntou à mulher:

- Fechou a casa toda?

- Fechei.

- E a bomba da cisterna?

- Já desliguei.

Só então, com ~~toda~~ a família, o Comandante Fernando Caruana saiu de casa e rumou para o centro da Ilha, onde embarcou no navio com destino a

Belém.

Fazia aquele itinerário todas as vezes que partia em viagem ~~pelo Amazonas~~, subindo o ~~rio~~ Amazonas com destino a Manaus e Iquitos, ~~ida e volta.~~ E era sempre uma festa para as crianças, orgulhosas do pai, com seu vistoso uniforme de Comandante.

O barco de transporte da SNAPP, deixando o pequeno embarcadouro do Mosqueiro, contornou a ilha, ~~com~~ em forma de rim, alcançou o litoral Norte, em linha longitudinal, depois a Baía do Sol, pelo lado ocidental da Ilha de Colares, atravessou a Baía de Santo Antônio até aproximar-se do continente e do porto de Belém, onde ancorou por volta de onze horas da manhã.

Caminharam uns cem metros pelo cais do Porto, construído pelos ingleses no início do século, e chegaram ~~diante do~~ ao velho gaiola que Caruana comandava.

Ao avistar o "Amazonas", imóvel, parecendo maior no cais acostável, Francisquinha empalideceu, como se visse um fantasma. Caruana avançara alguns metros para conversar com amigos e colegas que o vieram saudar.

Depois consultou o relógio, e foi despedir-se dos filhos, prometendo a cada um:

- Vou trazer o filhote de jaguatirica que você pediu, Raimundo.

- Não vai se esquecer, papai? - perguntou o primogênito, os olhos cintilantes.

- Esqueço não, filho. Promessa é promessa!

Voltou-se para a filha Rita e também prometeu:

- Compro pra você, em Iquitos, a roupa de alpaca que pediu, Rita.

Pôs o caçula no colo, beijou-o e prometeu:

- Pra você, Fernandinho, vou trazer o tucano de bico amarelo.

E perguntou:

- Vai cuidar bem do pássaro?

Exultante com o presente prometido, Fernandinho garantiu:

- Vou cuidar bem do passarinho, papai!

- Passarinho nada, menino! - disse sorrindo o Comandante. - O tucano é um passarão!

Depositou o filho no chão, aproximou-se de Francisquinha, abraçou-a e beijou-a carinhosamente, em silêncio.

Francisquinha não conteve as lágrimas, levando Caruana a dizer, comovido:

- Não chore, Francisquinha. Vamos, vamos, enxugue as lágrimas, quero um sorriso bonito, e também sua bênção!

- Tome cuidado, Fernando, pelo amor de Deus, tome cuidado! - repetiu a mulher, nervosamente. - E que Deus o abençõe!

Escondendo a emoção num sorriso benevolente, Caruana afastou-se e subiu depressa a prancha do navio.

No portaló esperavam-no, perfilados, o Imediato Aparício Barreto e outros oficiais da tripulação.

- Então, Aparício, tudo pronto? - perguntou Caruana ao Imediato. - Combustível, carga, documentação?

- Tudo pronto, Comandante! - respondeu o oficial, orgulhoso das providências tomadas.

- Muito bem. ~~Podemos então~~ Vamos autorizar o embarque.

Uma sineta soou forte, movimentando o cais e a multidão de passageiros que se despediam, apanhando a bagagem e subindo a bordo.

~~Vida, Rio-acima~~

Vida, Rio-acima

O gaiola, assim chamado por sua estrutura elevada, com dois convezes e camarotes nas amuradas, é a embarcação mais popular da Amazônia, com suas oitocentas toneladas de deslocamento e doze pés de calado. Com motor a óleo fabricado na Alemanha, e força de 400 HP, alcança a marcha de 19 milhas horárias, rio-acima.

Construídas na Inglaterra, Holanda, Dinamarca, Estados Unidos e até em Santarém, no Pará, as venerandas embarcações substituíam o carro e o trem de ferro no vale infindável, fazendo história, criando lendas e um rico acervo folclórico navegando ~~ao longo dos~~ grandes rios.

Suas instalações dispõem, na primeira-classe, de acomodações para 44 passageiros em igual número de beliches, com quatro camarotes de luxo, dotados de ventiladores e guarda-roupa.

Da primeira passa-se diretamente à terceira-classe, já que não existe, na verdade, uma segunda-classe.

Isso faz supor que na Amazônia, como, de resto, em todo o Brasil, a grande diferença social e econômica concentra seus habitantes em apenas duas categorias de classes, ~~sem a intermediária segunda-classe~~ a rica e a pobre.

Renda per capita, concentração de renda, miséria, pobreza e riqueza ostentatória são, tanto na Amazônia, como no Brasil, na América Latina e no Terceiro Mundo, fatores sócio-econômicos que se perpetuam no tempo e no espaço.

Nesse sentido, o intimorato navio-gaiola amazonense poderia perfeitamente servir de ~~ambulante~~ símbolo ambulante dessa ~~enorme~~ injusta diferença de classes, fácil de constatar ~~quando nele se viaja~~ no enorme território.

Os passageiros do "Amazonas", comandado com habilidade ~~e competência~~ pelo Capitão Fernando Caruana, distribuíam-se, como vimos, pelas duas classes. Na terceira, quase ao nível das águas, o que se via era lamentável: pobreza, promiscuidade, precárias condições de higiene e conforto, com número excessivo de viajantes dormindo em redes, enfileiradas lado a lado, ou suspensas longitudinalmente, perto de carga e ~~até~~ de animais.

Era quase meio-dia quando o "Amazonas" iniciou ~~a nova~~ outra viagem Belém-Iquitos-Belém. Liberado o embarque, Caruana subiu ao passadiço e, ele próprio, ladeado pelo Imediato e o piloto Jerônimo, pegou o leme, no comando da partida.

Mantinha-se calado, ~~sombrio~~, o sobrecenho franzido, meditando sobre as palavras de Francisquinha. Tentava esquecê-las, confiando em sua experiência, provada no tempo, e na proteção de São Cristóvão. Mas uma perturbação estranha pesava-lhe no espírito, entristecendo-o.

Cumpridas as formalidades legais, o ~~"Amazonas"~~ navio soltou os tradicionais apitos graves. As pranchas foram, então, retiradas, os cabos desatados, as máquinas postas a funcionar, resfolegantes, soltando nuvens de fumaça pela chaminé.

Iniciando a manobra de desatracação, o gaiola virou a proa em direção ao centro do rio, afastando-se do cais.

Do passadiço, Caruana avistou Francisquinha e os filhos, abanando lenços brancos. Tirou o quépi e, erguendo-o na mão, despediu-se das pessoas que mais amava no mundo, sentindo no coração uma opressão que o deixava intranqüilo e lhe dava ao olhar uma melancólica doçura.

~~Mesmo distante~~, Quilômetros adiante, com o "Amazonas" ~~afastando-se~~ indo do cais, continuou a fitar o vulto querido da mulher, ~~até~~ já, desaparecer ~~sumido~~ numa curva do rio.

~~Mais adiante~~, Depois, num estirão, já em marcha normal, Caruana voltou-se para o Imediato, companheiro de tantas viagens, e lhe falou, baixando o tom de voz:

- Estive pensando, Aparício: acho que vou apressar minha aposentadoria, me dedicar mais à família, aos filhos, à Francisquinha.

- Esta vida de judeu errante cria conflitos com a família - comentou o Imediato, solidário com o colega. - A gente passa mais tempo viajando do que convivendo com os parentes. E isto provoca queixas, desencontros e até separação de casais.

Calaram-se por alguns instantes, os olhos atentos aos furos que o navio ia vencendo na subida do rio Pará, guiado por Caruana com mãos de mestre.

~~Quilômetros além~~, Mais acima, num largo do rio, a navegação mais tranqüila, Caruana voltou a ~~falar~~ dizer:

- A Francisquinha anda nervosa, meio irritadiça, falando ~~em pesadelos~~ coisas. Imagine, Aparício, me pediu hoje para não viajar, pedir substituto, impressionada com um ~~sonho~~ não sei quê... Veja você! Nunca tive substituto nas viagens, e não seria agora, em fim de carreira, que eu iria fazer uma ~~coisa~~ besteira dessa!

Fez uma manobra hábil, evitando que o barco se chocasse com uma ilhota flutuante. O "Amazonas" jogou para um lado e para outro, depois voltou à posição normal, e continuou vagarosamente ~~a viagem.~~ rio acima.

Caruana retomou o diálogo interrompido:

- Vou te confessar uma coisa, Aparício, confio em sua discrição. Ultimamente ando com umas caraminholas na cabeça, pensando em besteira, como esta diferença de idade entre Francisquinha e eu. Certo dia ela saiu cedo de casa, foi a Belém fazer compras, demorou muito para voltar, dizendo que encontrara uma amiga de Óbidos, estudaram juntas, e o tempo foi passando. Sabe o que andei pensando? que ele tem um amante, anda me traindo!

Aí o Imediato não agüentou e, com a liberdade que a amizade lhe permitia, zangou-se:

- Que estupidez, Caruana! Você é burro mesmo! Se a Francisquinha te traísse, insistiria tanto pra você não viajar? Ao contrário, ela iria é estimular sua partida, ~~pois assim poria~~ para te pôr chifres à vontade!

Depois completou, veemente:

- Além disso, homem, ponho a mão no fogo pela Francisquinha, mulher honesta, que te adora! Pensamento besta, Caruana! Me desculpe, mas nunca ouvi tolice tão grande!

Meio sem jeito, diante da bronca do amigo, Caruana então reconheceu:

- Você tem razão, Aparício. Sou burro mesmo, esqueça a besteira que falei. Coitada da Francisquinha, ficou chorando no Porto, e eu aqui, duvidando dela!

Subindo o rio Pará, o "Amazonas" aproximou-se dos Furos de Breves e, em alguns trechos, quase chegou a tocar na ramagem das árvores da margem.

Mais tarde alcançou um estirão alargado e afastou-se das margens que, aos poucos, foram desaparecendo na linha do horizonte. Avistaram-se, então, numerosas ilhas e, mais adiante, a maior delas, a Ilha do Marajó.

Durante longo tempo, a enorme ilha dominou a paisagem, como se nela mergulhasse a formidável massa líquida. Mas de novo, ~~entrou~~ no canto, quilôme-

tros acima, o navio voltou a navegar próximo da floresta, no dédalo de furos, igarapés, ilhas, ilhotas e estreitas correntes de água, quando a ramagem das árvores novamente se chocava com os ferros da balaustrada.

O "Amazonas" chegara aos temíveis Furos de Breves, subindo em marcha lenta, aumentando as precauções do timoneiro.

Era a parte mais arriscada da viagem entre Belém e Manaus, não só pela quantidade de furos, estreitos e canais, formadores do que chamam tradicionalmente de Arquipélago das Ilhas de Dentro, como pelos obstáculos que o rio oferece às embarcações.

Apesar dos riscos e toda sorte de dificuldades, era por aquele intrincado labirinto que os marujos preferiam conduzir seus barcos, evitando a volta enorme que seria o contorno do cabo Maguari, no Oceano Atlântico, para, de lá, chegar-se ao estuário do rio Amazonas e subir o caudal até Manaus.

O itinerário tortuoso incluía os furos de Parauaú, Tajapurú, Macujubim, Aturiá, Macacos, Limão, Jacaré, Jaburu, Ituquara, Boiussú.

Ultrapassados com cuidado especial os furos, o gaiola seguiu viagem, rio-acima, passando por Jararaca e, quilômetros adiante, abandonou o Estreito de Breves e avançou pela fantástica massa líquida, distanciando-se das margens e penetrando nas águas barrentas do Rio-Mar.

Passou então diante de Gurupá, cidade decadente, exibindo tristemente as ruínas do forte. Durante bom tempo avistou-se do navio a velha cidade, dando a impressão de que o navio se imobilizara, tão lenta era sua marcha.

Caruana, passando o leme para Jerônimo, percorreu a embarcação, fiscalizando serviços, solucionando questões, ouvindo queixas, paciente e cordial, conversando amistosamente com passageiros e tripulantes.

E os dias se sucediam na rotina fastidiosa da viagem, quebrada, aqui e acolá, por acidentes ou pela visão imponente da foz do rio Xingu, da Ilha Urucicaia, de Arumanduba e Almeirim, onde a paisagem se modificava em grandes descampados, pontilhados de fazendas com luz elétrica, e por pequenas montanhas que guardavam o nome de pobres localidades ribeirinhas.

Apesar da beleza da paisagem, passageiros e tripulantes sofriam com o ataque implacável de piuns e carapanãs, os terríveis insetos que atormentavam as viagens.

Mas também desfrutavam bons e reconfortantes momentos: as paradas nos portos de escala, a descida à terra, a visita aos trapiches, onde se comprava de tudo, desde a chícara de café, o cálice de jararaca, a boa cachaça da região, até roupas e partidas de borracha, madeira, castanha, etc.

Atracando e desatracando, o "Amazonas" avançava, rio-acima, no itinerário fascinante do vale: Prainha, Monte-Alegre, Santarém, com o espetáculo belíssimo do encontro do rio Tapajós, de águas verdes e transparentes, com o barrento Amazonas.

Depois surgia Óbidos, cidade grande, aprazível, bem cuidada; chegava-se ao paraná Dona Rosa, estreito e profundo; a Oriximiná, onde deságua o rio Trombetas, e por aí afora: Juruti, Parintins, Urucurituba, Itacoatiara, Carreiro, Manaus.

Eram os caminhos queridos de Caruana, o itinerário de sua vida, das emoções de sua alma boa e honrada. Emoções que iriam crescer, entre Manaus e Iquitos e, de volta ao Brasil, de Iquitos à sua Belém, onde o esperavam Francisquinha, Raimundo, Rita e Fernandinho, a Ilha do Mosqueiro, as pescarias, ~~todo~~ seu amoroso tesouro humano, ~~geográfico~~ geográfico.

A Fuga do Inferno

Após a escala, mais prolongada, em Manaus, o "Amazonas" seguiu viagem, rio-acima, rumo a Iquitos, no Peru.

Viajantes de Tefé, Fonte Boa, Santo Antônio do Içá, São Paulo de Olivença e Benjamin Constant, vendo o gaiola chegar e partir, sabiam que, em alguns dias, estaria de volta ao Brasil, ~~quando, como seus passageiros, viajariam para Manaus, Belém ou cidades intermediárias~~.

Não eram, eles, contudo, os mais impacientes pela chegada do ~~navio~~ "Amazonas", e sim ~~os que o esperavam~~, com aflita expectativa, ~~estavam~~ seis criminosos confinados na Penitenciária de La Concepción; ~~em Iquitos, compartilhando a mesma cela do Pavilhão 2:~~ Aguirre, Carvajal, Zimaco, Miguel Viana, Juan Diaz e Ridruejo.

~~O destino reunira-os~~ Ali viviam e conviviam naquele mesmo e infecto cubículo ~~do presídio onde pagavam~~ punidos pelos crimes ~~que cometeram~~ cometidos. E ali estiolavam sua vida degenerada, apodrecida no submundo do vício.

Naquela prisão misturavam-se, em torpe promiscuidade, com velhos e jovens, brancos, pretos e mestiços, em regime de terror que, para muitos, era o caminho direto para a loucura, ou, para outros, o pensamento obcecante da fuga.

A vida em comum criara-lhes uma amizade circunstancial e, por um processo de solidariedade que a convivência estimulava, ~~a cada dia, amadureceram~~ começaram a tramar um plano audacioso de fuga. E a fuga tinha a ver, fundamentalmente, com a chegada a Iquitos ~~de uma~~ da embarcação brasileira, cujos silvos ecoavam periodicamente pelo vale, ~~chegando~~ alcançando os muros envelhecidos da prisão.

E foi, por volta de 11 horas de uma manhã causticante de abril, naquele ano de 1958, que os seis presidiários ~~escutaram~~ ouviram, sobressaltados, o apito grave do "Amazonas", que já se aproximava do porto de Iquitos.

~~De novo,~~ Destacado no passadiço, Caruana comandava as manobras de atracação no ~~embarcadouro~~ encoradouro que conhecia tão bem. ~~Dado lá~~ Observando a paisagem, divisou o prédio sinistro de La Bestia. Sentiu, ~~subitamente~~ então, sem entender, uma sensação incômoda ~~de medo~~ e estranha, como uma ~~ameaça latente~~. angústia súbita, como o próprio peso da vida. Olhar a prisão com o olhar agudo como uma centelha, concentrado em si mesmo.

No presídio, ~~confinados~~ aconchegados entre beliches, banquetas, pia, vaso sanitário, pequenos armários, roupas e objetos diversos, em completa desarrumação, Aguirre, Juan Diaz, Zimaco, Carvajal, Ridruejo e Miguel Viana concentravam atenção crispante no porto e no navio que ~~acabara de~~ chegara.

Para eles o "Amazonas" ~~era~~ parecia o símbolo de libertação. Vendo-o, através da pequena janela da cela, Carlos Lopez Aguirre mantinha-se atento, observado em silêncio pelos companheiros: Zimaco, recostado na parede, limpando os dentes com um palito de fósforo; Carvajal, estendido na parte inferior do beliche, fazendo bolinhas com miolo de pão; Juan Diaz, no leito superior, coçando os pés imundos; Miguel Viana, recostado num armário, apertando as cravelhas de um violão quebrado; Ridruejo, sentado no chão, disfarçando o nervosismo com duas ou três tampinhas de cerveja, que amassava entre os dedos.

Quando Aguirre, afastando-se da janela, aproximou-se dos companheiros, tudo ficou em silêncio. Avisou, então, com voz firme:

- O navio encostou. Vamos começar!

Dirigiu-se a Miguel e recomendou:

- Fique atento, Miguel. O grude chega daqui a pouco.

Miguel, sem esconder a impaciência, perguntou a Carvajal:

- Guardou a espuma, ~~não é~~ Carvajal?

Carvajal levantou o colchão da cama, apanhou um pequeno frasco e exibiu-o ao brasileiro:

- Claro, amigo! Está aqui. Nunca falho!

Avistando-o com o vidro na mão, Aguirre irritou-se:

- Guarde isto, Julio! Quer que os guardas descubram?!

Efetivamente, metros adiante, chegavam pela galeria do pavilhão três guardas trazendo o almoço em dois panelões, num carrinho de rodas.

Sentindo o cheiro da comida, alguém gritou da cela ao lado, entusiasmado:

- Chegou a gororoba, pessoal!

A escolta do almoço chegara à cela vizinha e, batendo o cassetete na janelinha de ferro, avisava:

- Almoço!

Do interior do cubículo um detento estendeu a marmita, que um guarda

apanhou, depois de abrir a portinhola e comentar, irônico:

- Hoje tem carne de porco, Paquito... Acho que vai gostar.

Paquito aproximou o rosto da janelinha e, com sonora gargalhada, retrucou no mesmo tom:

- Carne de porco? Mataram o Tenente?

Ouvindo a piada insultuosa, outros presidiários explodiram também em gargalhadas, iniciando um tumulto que aos poucos se estendeu por todo o pavilhão.

Um dos guardas, sujeito de maus bofes, ficou enfezado, encheu a marmita, chegou mais perto da cela e jogou a comida na cara do detento, berrando:

- Porco é você, cachorrão! Vamos, coma ~~a comida~~ esta merda no teu chiqueiro!

Outro recluso, confinado na mesma cela, ~~de Paquito~~, revoltou-se ~~contra~~ com a agressão e replicou, raivoso:

- Isso é contra o Regulamento, Ruiz! Vou dar queixa ao Diretor!

O soldado pôs a cara na janelinha e deu a fulminante resposta, possesso:

- Vá dar queixa pra puta que te pariu! E se não calar a boca, veado, meto a comida no teu cu!

Solidários com o companheiro ameaçado, dezenas de presos, batendo colheres, garfos e marmitas nas grades, iniciaram tremenda balbúrdia, só atenuada com a chegada do Tenente Ramirez e outros guardas do pavilhão.

O Chefe da Guarda soprou furiosamente o apito e berrou:

- Vamos parar com a bagunça?! Não estão querendo comer? Preferem ir pra solitária, bandidões?!

O tumulto acabou e, no silêncio generalizado, a escolta da comida recomeçou a ronda.

Quando chegou diante da cela de Aguirre, o guarda repetiu o ritual, batendo na portinhola:

- Almoço!

No interior da cela os seis presidiários haviam terminado os preparativos ~~do plano de~~ para a fuga: Miguel estendeu-se no chão, perto da porta, enquanto Carvajal apanhou o frasco.

Aguirre, os ouvidos colados à porta, acompanhava os passos da escolta. Fez então um sinal e Carvajal, rapidamente, aplicou na boca de Miguel o xarope químico que preparara na farmácia, onde trabalhava.

Em contato com a saliva, o produto formou uma gosma pegajosa que escorreu pela boca do cearense, como a baba de um epilético.

Aguirre explicou nervosamente ao guarda, que abrira a portinhola de ferro:

- "Seu" guarda, deu um ataque esquisito no Miguel! O coitado está espumando, estrebuchado no chão. Coisa horrível!

O guarda examinou o interior da cela e constatou, espantado, a veracidade da informação: Miguel executava com perfeição sua parte no plano, agindo como um verdadeiro epilético, imitando as convulsões de um doente, deixando escorrer da boca a espuma química trazida por Carvajal.

Os outros reclusos, rodeando Miguel, aparentavam grande assombro diante do espetáculo encenado.

Carvajal voltou-se, então, para o soldado e explicou, afobado:

- Acho que é a tal de epilepsia, "seu" guarda! Meu irmão tinha esta doença, coisa muito contagiosa!

O guarda foi depressa chamar o Diretor e o Chefe da Guarda, a quem informou, agitado:

- Com licença, "seu" Diretor. Na cela 9 tem um preso que parece muito doente, estrebuchando no chão!

Ibarra e Ramirez foram espiar o interior da cela, na qual Miguel Viana continuava a encenação, soltando gemidos impressionantes, a baba descendo pela boca, caindo no chão.

- Tenente, abra a porta! - ordenou Camilo Ibarra.

Ramirez abriu com a chave a fechadura da cela. Depois fez a porta deslizar, deixando entrar o Diretor do presídio.

Além de Ibarra e o Chefe da Guarda, penetraram também no cubículo os três soldados da escolta da comida.

A imitação de Miguel era tão perfeita que ninguém se preocupou com a segurança. O Diretor, impressionado com o que via, abaixou-se para examinar de mais perto o "doente".

Naquele exato momento, aproveitando-se do descuido do Diretor e mili-

tares, Carlos Lopez Aguirre e os cinco companheiros de cela agiram com incrível ~~presteza~~ rapidez: o primeiro, em ação fulminante, aplicou poderosa gravata no Diretor ~~da prisão,~~ retirando-lhe do coldre o Parabellum que trazia. Zimaco fez o mesmo no Tenente, enquanto Juan Diaz, Carvajal e Ridruejo imobilizaram os outros guardas, arrebatando-lhes igualmente as armas.

Colocando o cano da arma na fronte de Ibarra, Aguirre ordenou:

- Quieto, "seu" Ibarra! Se fizer qualquer besteira, estouro seus miolos!

Diante da resistência que Ramirez ensaiava, Zimaco meteu o cano do revólver no ouvido do militar e advertiu:

- Fique bonzinho, Tenente! Ou está querendo chumbo na cabeça?

Aguirre arrastou o Diretor para a porta:

- Mande o pessoal ficar quieto, senão morre!

- Olha o que vão fazer, rapazes! - ponderou o Diretor, meio sufocado no braço do presidiário.

Aguirre afrouxou um pouco a gravata, deixando que o refém completasse a advertência:

- Que besteira estão fazendo! Não têm a menor chance de fugir!

- Isto é que o senhor pensa, "seu" Ibarra! Com sua ajuda e do Tenente, vamos conseguir, o senhor vai ver!

Depois completou, premindo o "Parabellum" no Diretor:

- Se a gente falhar, "seu" Ibarra, continuamos aqui mesmo, enquanto vocês vão pro cemitério! Não é melhor colaborar?

Armados, com os importantes reféns, os seis presidiários chegaram à galeria de celas.

Miguel Viana, limpando a baba artificial na camisa, fechava com Carvajal o grupo que, pelo ~~galeria~~ corredor do pavilhão, avançou na direção da Sala da Guarda.

A tentativa de fuga, percebida por outros detentos, provocou no pavilhão um silêncio atônito, ~~como se pairasse na atmosfera~~, de perigosas virtualidades. Todos sentiam, uma solidariedade anônima que encorajava a ação dos fugitivos.

Quando o grupo - detentos e reféns - aproximou-se da Sala da Guarda, um compartimento separado da galeria por pesada porta de ferro, os militares lá estacionados, fortemente armados, observavam, estupefatos, o que se

passava.

Aguirre, seguindo à frente, apertou o cano da arma na têmpora do Diretor, ~~dizendo~~ e disse a voz firme:

- Dê ordem pra ninguém atirar, "seu" Ibarra, senão vai haver uma carnificina dos diabos!

Erguendo a voz para fazer-se ouvir pelos guardas, que mantinham as armas ~~em riste~~ apontadas, o Diretor sentiu o perigo extremo que corria, e ordenou, emocionado:

- Não atirem! Não atirem! Deixem o caminho livre!

Quando o grupo parou diante da Sala, houve um instante de angustiante espera, principalmente quando se percebeu que, de dentro, os guardas hesitavam em obedecer à ordem do Diretor.

Mas o Tenente interveio com energia, reforçando o pedido de Ibarra:

- Abra a porta, Sargento Ortega! Vamos, abra, abra! Depressa!

O Sargento, que mantinha a metralhadora apontada para os fugitivos, ainda tentou argumentar:

- Mas, Tenente... Com estes bandidos?! E o Regulamento?

- Foda-se o Regulamento! - bradou Ramirez, colérico. - Vamos, vamos, Sargento! Abra a porta! É uma ordem!

A porta foi então aberta, e o grupo penetrou no recinto.

Aguirre, dominando sempre o apavorado prisioneiro, instruiu os companheiros:

- Apanhe a metralhadora, Carvajal! Você, Ridruejo, pega aquela outra. Miguel e Juan, apanhem os revólveres, as pistolas e a munição no armário!

Com presteza, apesar de nervosos, os fugitivos apoderaram-se de armas e munição, enquanto Aguirre se voltava para a escolta da comida:

- Vocês ficam aqui dentro! Vamos sair com o Tenente e o Diretor! Se tentarem qualquer reação, os dois morrem! Agora abram a porta, vamos, abram, depressa!

Outra porta de ferro, ligando a Sala da Guarda à área interna de recreação, foi rapidamente aberta, deixando passar o grupo, agora reduzido. No pátio, na extremidade da guarita de segurança, ~~numa extremidade~~, um policial com fuzil-metralhadora observava espantadíssimo a chegada dos fugitivos e reféns. Instintivamente ergueu a arma e apontou na direção do grupo.

Percebendo o risco que corriam, Aguirre ordenou ao Diretor, pressionando-lhe com força a arma na têmpora:

- Mande o gorila ~~descer~~ abaixar o fuzil, "seu" Ibarra!

- Abaixa o fuzil, Gabriel! Não atire! - gritou depressa o Diretor ~~da Penitenciária~~.

Cruzaram a área, a caminho da portaria central.

A notícia da fuga espalhara-se como rastilho de pólvora pelo ~~prisão~~ presídio, provocando tumulto. Dezenas de presos, presenciando das celas a tentativa de fuga, gritavam a plenos pulmões, pedindo para serem também libertados.

Fugitivos e reféns, enquanto isso, haviam chegado ao corredor de acesso à portaria central, onde se repetiu o ritual da evasão: guardas e funcionários administrativos imobilizaram-se, perplexos, diante da ameaça à vida dos dois chefes. Ninguém reagiu, acompanhando, impotentes, a fuga de arrojo inaudito.

Quando Aguirre avistou uma camioneta parada diante da porta da Diretoria, caminhou com sua presa naquela direção. Nesse instante, contudo, um funcionário gordo, de cabelos grisalhos, chegou apavorado com um revólver na mão. Ibarra, imediatamente, deu a ordem irretrucável:

- Fique quieto, Genaro! Não faça besteira! Guarde a arma!

Alcançando o veículo, Aguirre perguntou:

- Onde está a chave?

- Vá buscar a chave, Genaro! - gritou Ibarra ao subalterno.

Aguirre pediu então a Carvajal:

- Veja se tem combustível, Júlio.

Com a chave da camioneta, trazida rapidamente pelo funcionário, e a constatação de que estava abastecido, fugitivos e reféns ocuparam-no precipitadamente, indiferentes ao apelo de Ibarra, que ainda tentava dissuadi-los:

- Desistam dessa loucura, rapazes! Não vão conseguir! Toda a Polícia ~~ira~~ vai atrás de vocês! É besteira grossa! Deponham as armas, prometo que não serão punidos!

Aguirre, impaciente, empurrou violentamente o Diretor para dentro do veículo, dizendo:

- Cala a boca, "seu" merda! Suas promessas valem menos do que bosta!

E continuou, quase ~~berrando:~~ aos berros:

- Não se lembra do Artigas, que tentou fugir, e vocês recapturaram para depois matá-lo com um tiro na cabeça?!

Com o grupo instalado no interior do veículo, Carvajal, ao volante, ligou o motor, enquanto Aguirre ~~determinava~~ ordenava ao Diretor:

- Mande abrir o portão, "seu" Ibarra. E muito cuidado, senão aperto o gatilho!

- Pode abrir o portão, Sargento Ortiz! Vamos, abra depressa! - disse Ibarra ao guarda de plantão.

Vagarosamente, o grande portão de ferro se abriu, deixando passar a camioneta, que disparou pelas ruas de Iquitos.

O Tribunal do Carrasco

Depois que cruzou a cidade, por ruas periféricas e caminhos isolados, o veículo dos fugitivos ganhou a estrada que liga Iquitos a Francisco Orellana, itinerário de tráfego escasso.

O plano de fuga previa alcançar Santa Maria de Nanay, à margem do Marañon, e chegar a Indiana, localidade próxima à embocadura do Rio Napo com o Marañon, onde o grupo esperaria o navio-gaiola ~~brasileiro~~, de volta ao Brasil.

Mas Juan Diaz, que conhecia detalhadamente a região, preveniu que correriam risco se cruzassem Nanay, cujo destacamento policial certamente seria informado da fuga.

O grupo decidiu, quilômetros adiante, abandonar a estrada e, por uma trilha, seguir pela selva.

E o fizeram aos gritos, eufóricos, comemorando o êxito da fuga.

A algazarra, presenciada com desconfiança pelos dois reféns, era tão entusiástica que Aguirre, a certa altura, aconselhou:

- Calma, minha gente! É melhor deixar a comemoração para mais tarde.

O bando aquietou-se. Zimaco então quis saber, impaciente por livrar-se dos reféns:

- Onde vamos deixar os calhordas?

- O Juan é quem vai decidir - completou Aguirre.

- O Juan? E por quê o boliviano?

- Mais tarde você vai saber - respondeu Aguirre, enigmático.

O carro avançava, rompendo a mata, batendo em galhos e folhagens, ziquezagueando na trilha de terra.

Rasgava ~~era~~ a selva amazônica, portentosa, ocultando o sol, que pairava ~~pairando~~ sobre a fronde verdejante, ~~impedindo-o de entrar~~. Embaixo, apodrecendo na terra úmida, galhos, folhas e troncos de castanheiras, samaumeiras, samambaias, piranheiras, tiriricas, seringueiras e cacaueiros, a mata de terra firme, a mata úmida e dos igapós, a mata das várzeas, inundadas pelas enchentes.

Sua imponência emudecia os fugitivos, excitados como crianças diante

da liberdade conquistada.

A selva, para muitos o inferno verde, era para aqueles criminosos ~~parecia~~ um jardim, com as flores e a beleza do paraíso.

Olhavam em volta com olhos aguçados pela curiosidade. Um sentimento selvagem de posse parecia iluminar-lhes a fisionomia embrutecida. Apoderavam-se do ar puro, do perfume das flores, dos caminhos abertos, da luz ofuscante da liberdade. Em seu olhar, antes de grande dureza, pousava um inesperado lampejo de doçura, substituindo, de relance, sua ânsia ~~vontade~~ de vingança.

Esquecidos de tudo, contemplavam com emoção aquele impressionante mundo vegetal, agora ao seu alcance, nutrindo-se, comovidos, da paisagem majestosa da mata, tocados pelo silêncio, "um silêncio sinfônico - como escreveu Ferreira de Castro, - feito de milhões de gorjeios longínquos que se casavam ao murmúrio suavíssimo da folhagem, tão suave que dir-se-ia estar a selva em êxtase".

Enquanto isto, no porto de Iquitos, o "Amazonas" preparava-se para a viagem de volta.

Caruana fizera compras, revira amigos, repousara um pouco, preparando-se para a segunda etapa da longa viagem, descendo o rio de três nomes.

Entre outros passageiros, embarcou no gaiola um casal idoso de turistas americanos, carregando embrulhos e presentes. Não exprimiam alegria, nem entusiasmo, deixando transparecer tédio e decepção.

Outros passageiros, também embarcados em Iquitos, eram conhecidos de viedas anteriores, do Comandante Caruana; ~~de viagens anteriores:~~ um cientista francês, Michel Leroy, etnólogo de certo renome, em viagem de pesquisas na região, ~~amazônica~~; um franciscano, Giovanni Massotti, da Prelazia de Santarém, que participante em Iquitos de uma reunião religiosa; um funcionário peruano, casado com brasileira de Belém do Pará, homem de ascendência indígena pronunciada.

Como Michel e Frei Massotti se conheciam e, ao que tudo indicava, se estimavam, não foi difícil para Caruana acomodá-los num único camarote, deixando disponíveis vários outros para os viajantes que embarcariam em cidades peruanas, onde o navio ~~irá~~ escalaria e, principalmente, em Benjamin Constant, São Paulo de Olivença, Tefé e outras cidades brasileiras.

Depois das formalidades, despedidas e troca de amabilidades entre brasileiros e peruanos, Caruana afastou o Amazonas do cais, e levou-o ao centro do rio.

Como a notícia da fuga chegara rapidamente ao porto, as embarcações foram alertadas para se precaverem nas escalas.

Depois de rodar cerca de trinta quilômetros pela trilha da selva, o veículo dos fugitivos chegou a uma clareira coberta de musgos, cipós e arbustos. Ali Juan Diaz mandou parar.

Carvajal estacionou o camioneta à margem da estrada. Juan desceu e explicou aos companheiros:

- Aqui está perfeito. Vamos descer. Dois ficam no carro, vigiando o Tenente e "seu" Ibarra.

Aguirre apontou para Zimaco e Ridruejo:

- Fiquem vocês, bons de gatilho. Mas cuidado com os cretinos. Se tentarem fugir, fogo neles!

Os outros afastaram-se alguns metros e, perto de uma samaumeira, conferenciaram em voz baixa.

No carro, desconfiados, Ibarra e Ramirez comentaram:

- O que estão tramando, "seu" Ibarra?

- E como é que vou saber, Tenente? Coisa boa não deve ser!

Minutos depois os fugitivos voltaram. Aguirre pediu a Zimaco e Ridruejo que trouxessem os reféns para fora.

Temendo uma cilada, suspeitosos, Ramirez e Ibarra desceram lentamente do veículo. Aguirre chegou perto do Diretor e, com falsa cordialidade, informou:

- O senhor está livre, "seu" Ibarra. Comportou-se bem, pode ir embora.

Voltou-se para o Tenente e alertou:

- O senhor ainda não, Tenente. Fica mais algum tempo conosco. Gostamos de sua companhia.

Ibarra, desconfiado das intenções dos foragidos, hesitou, parado no mesmo lugar. Mas Juan Diaz apontou-lhe o revólver e atirou, errando o alvo de propósito.

- Não ouviu? O senhor está livre, "seu" Ibarra. Pode ir andando!

O Diretor, com mau presságio, começou a caminhar, vagarosamente, pela trilha na mata. Mas Carvajal interceptou-lhe os passos, apontando na direção de um igapó:

- Pela estrada não, "seu" Ibarra. O senhor pode seguir mas é na direção daquela seringueira.

Ao lado da árvore, coberto de vegetação, um charco, visto de longe, ~~aparentava~~ parecia terra firme. Desconhecendo os segredos da selva, o Diretor caminhou no rumo indicado. Mas o fez com lentidão, suspeitoso, pressentindo alguma cilada, um tiro nas costas, um linchamento inesperado.

Mas Aguirre, impaciente, deu uma rajada de metralhadora para o alto e gritou:

- Ande depressa, homem! Não está querendo ir embora?

Ibarra, sem saída, acelerou o passo, aproximando-se do igapó, enquanto, parados ao lado do veículo, seus captores observavam, em silêncio~~sa~~ expectativa.

Quando o Diretor alcançou o igapó, caminhou alguns metros com passos vacilantes. Até que, sem apoio, começou a afundar. Compreendeu, então, a trama diabólica de que fora vítima. O terror cobriu-lhe o rosto de palidez.

Sem equilíbrio, afundando cada vez mais no paúl pegajoso, tentou amparar-se em galhos, cipós e folhagens que recobriam o pântano.

Nada, entretanto, o impedia de atolar no charco. Apavorado, com gestos grotescos, começou a gritar, desesperado, pedindo socorro, tentando suster-se na vegetação traiçoeira.

Espectador indefeso da cena, Ramirez quis socorrer o Diretor. Mas Aguirre, barrando-lhe o caminho, encostou nele o cano da metralhadora:

- Quietinho, Tenente! Está querendo também nadar ~~naquela~~ na piscina?...

Foi quando, ~~naquele instante~~ inesperadamente, avançando na direção do Diretor, Zimaco esbravejou:

- Peça perdão a Deus por seus pecados, "seu" Ibarra! Peça perdão ao Montenegro, que o senhor matou de pancadas, na solitária!

O Diretor, com as pernas metidas no lodaçal até a cintura, exclamou, aturdido:

- Não fui eu! Não fui eu! Foi o Tenente, foi ele, foi o Tenente!

Aí o Chefe da Guarda se enfureceu com a acusação infamante:

- Eu?! Ora, que f ilho da puta! Foi você mesmo, veado, canalha, corno manso! Foi você quem deu a ordem!

Carvajal avançou alguns metros e, por sua vez, também exarou outra acusação:

- E o coitado do Pablito, "seu" Ibarra? Já se esqueceu do coitado do velhinho, que vocês "suicidaram" no "Curral dos Porcos"?

- E o Mário, que morreu de fome na solitária? - gritou mais atrás o Ridruejo. - E o Fernán, supliciado com choque elétrico? Ora, filho da puta, vá para o inferno!

Ouvindo as acusações, como num tribunal de desforra, Camilo Ibarra continuava a debater-se no charco imundo. Seus gestos, no entanto, só serviam para afundá-lo cada vez mais.

Em meio ao desespero e aos esforços inúteis que fazia para manter-se à tona, ouviu ainda a voz acusadora de Miguel Viana:

- Não se lembra do Martin, "seu" Ibarra? Doente do pulmão, tossindo sangue, vocês deixaram o coitado nu, em noite gelada, pedindo proteção à Virgem Maria. E o Vergara, que enlouqueceu, trancafiado na solitária?

- E o Juanito, que vocês atiraram da torre, forjando uma fuga?! - gritou Juan Diaz, furioso.

E completou, possesso:

- Lembra-se do crânio arrebentado do infeliz?!

Ibarra, enquanto isso, já tinha o tronco chafurdado no pântano, deixando de fora apenas a cabeça e o pescoço. Com os olhos estatelados, tinha o rosto coberto de palidez mortal.

Antes de desaparecer completamente no charco, escutou a voz possante de Aguirre, ecoando na mata:

- Peça perdão a Deus por seus pecados, "seu" Ibarra! É a única coisa que pode fazer, antes de descer aos infernos!

De repente, com o peso do corpo, o queixo, a boca, o nariz, os olhos, a testa e, finalmente, o topo da cabeça do infeliz afundaram no igapó, com enorme rapidez, levando galhos, folhagem, musgos, cipós e arbustos de roldão.

Depois tudo ficou em silêncio, um silêncio sinistro que emudeceu toda a mata. Engolido o infeliz, o igapó voltou à sua feição normal, como se nada houvesse aconte-

cido.

No carro, atônito, Ramirez convencera-se de que teria o mesmo destino, principalmente quando ouviu Aguirre dizer-lhe, com desprezo:

- Espere sua vez, Tenente Ramirez! O senhor também vai pagar pelos pecados!

Voltou-se para os companheiros e advertiu:

- Fiquem de olho no homem! Vou dar uma volta com Juan.

Juntou-se ao boliviano e os dois caminharam na mata uns quinhentos metros, afastando galhos, cortando cipós, observando árvores e arbustos.

No recesso da floresta avistaram o entrelaçados das lianas, trepadeiras, cipós-parasitas abraçadas aos troncos, ou pendendo de galhos; ouviram vozes estranhas, gorgeios diferentes, gritos agudos de animais assustados, o sibilar do vento na copa das árvores.

- Tem certeza de que aqui tem árvore-da-cera, Juan? - perguntou Aguirre.

- Tenho. Conheço o cheiro dela, você vai ver.

Andaram mais alguns metros, até que o boliviano se deteve, observando atentamente uma pequena árvore, quase um arbusto.

- Aqui está, a árvore, Aguirre!

A planta, da família das oleáceas, era encorpada e de seus galhos pendiam pequenos frutos de coloração amarelada, pouco menores do que pêssegos.

Juan Diaz colheu e guardou alguns deles num saquinho, voltando depois, com Aguirre, para junto dos companheiros.

Quando os avistou, Miguel Viana brincou:

- Foram caçar passarinhos?

Juan Diaz aproximou-se da camioneta, apontou para Ramirez e respondeu:

- Para o Tenente, só se for urubu!

Chegou mais perto do militar, trazendo o saquinho com os frutos da mata, e disse:

- Chegou sua vez, Tenente Ramirez.

Aguirre, que bebia água num cantil, acercou-se do Chefe da Guarda e ordenou:

- Tire a roupa, Tenente!

Ramirez, perplexo, não se moveu, mantendo um falso orgulho, desmentido pelo medo.

Aguirre, subitamente, aplicou-lhe violenta bofetada, ~~no rosto do militar,~~ repetindo com furor incontida:

- Vamos, tire a roupa, canalha!

Mas o militar não se mexeu, replicando com arrogância:

- Soy hombre! Não faço isto, cachorro!

Carvajal, chegando em auxílio do chefe, deu outra bofetada no militar e propôs:

- A gente tira à força!

Imobilizaram o Chefe da Guarda, que se debatia freneticamente, repetindo:

- Soy hombre! Soy hombre, canalhas! Por quê não vão foder a puta que os pariu?!

Aí os fugitivos se enfureceram e, com socos e pontapés, arrancaram de qualquer maneira a farda do militar: o quépi, com um tapa que o fez voar longe; depois a jaqueta, o culote, as botas, a camiseta.

O strip-tease divertia os foragidos que, da raiva passaram à galhofa, e desta ao sarcasmo, à medida que o corpo volumoso do Tenente ia sendo despojado do uniforme.

- Vejam só: o Tenente tem mamilos grandes... - gozou Zimaco.

- Até que podia dar de mamar... - completou Ridruejo, rindo estrepitosamente.

Quando Juan Diaz avistou um cordão com medalhinha no pescoço do militar, não resistiu e comentou, ~~irônico~~ zombeteiro:

- Caramba! O Tenente é muito religioso, tem uma medalhinha no peito!

Zimaco tocou na medalha e acrescentou, no mesmo diapasão:

- Que homem piedoso! Devia ser padre, em vez de carcereiro!

Miguel Viana examinou a medalha e informou:

- É de Nossa Senhora de Guadalupe!

E perguntou ao Chefe da Guarda, com um sorriso ~~de deboche~~ debochado:

- Gosta de rezar, Tenente? Reza de joelhos?

Ramirez limitou-se a olhá-lo desdenhosamente, sem responder.

Carvajal interveio, com maldosa ironia:

- Vai ter o céu garantido. Quem sabe não rezou uma ladainha pela alma do Pablito, do Montenegro, do Juanito, do Fernán, de tantos infelizes?

- E agora, Tenente, rezou pela alma do Diretor? - completou Aguirre.

Ramirez continuava impassível, calado, o semblante enojado. Despojado do culote, dos sapatos, das meias, ficou só de cueca.

Aguirre, ~~meio~~ em dúvida, foi perguntar a Juan Diaz, uma espécie de árbitro naquele assunto:

- É para tirar também a cueca, Juan?

- Também. O Tenente deve ficar peladinho, como nasceu!

Apesar de fortemente seguro, Ramirez tentava desesperadamente libertar-se, dando pontapés, cuspindo no rosto dos presidiários, esbravejando:

- Me soltem, canalhas! Arrebento um de cada vez! Soy hombre, perros, hijos de una puta!

Aguirre, de repente, com um gesto brusco, arrancou-lhe a cueca, com ódio, dizendo:

- Ninguém quer o teu cu imundo, porcalhão! Nem para isso você presta!

Depois, vislumbrando a poucos metros uma maçaranduba, completou:

- Vamos amarrar o homem naquela árvore!

Ramirez foi então arrastado para o tronco e nele amarrado fortemente com cordas.

Depois que ~~o fizeram~~ disse, Zimaco perguntou ao ~~líder~~ chefe do bando:

- E agora, Aguirre? A gente deixa o Tenente amarrado, e vai embora?

- Calma, Zimaco. O plano foi bolado por Juan, e falta una cosita, um detalhe importante.

Juan Diaz, efetivamente, sem pressa, foi apanhar o saquinho, colocado sobre o capô do carro. Voltou em seguida para junto de Ramirez, que o observava sem nada entender, os olhos suspicazes, cheios de revolta e desprezo.

O boliviano abriu o saquinho e, com uma faca, começou a cortar os frutos da árvore-da-cera, de onde escorreu uma espécie de graxa com a consistência de sebo e coloração cinzo-amarelada.

Retirou um lenço sujo do bolso, embebeu-o com a substância oleosa, aproximou-se do prisioneiro e, com ela, besuntou-lhe o corpo, de alto a baixo, disso resultando a exalação de um cheiro ácido e forte.

Ramirez, calado, limitava-se a encarar o boliviano com olhos estupi-

dificados.

Com exceção de Aguirre, os outros fugitivos, ~~desconhecendo~~ os efeitos daquele ritual esquisito, beirando a bruxaria, permaneciam calados, ~~cheios~~ de ~~surpresa~~.

~~Assim que terminou~~ a besuntação, Juan Diaz limpou as mãos em folhas secas e ~~disse~~ aos companheiros:

- O Tenente está ~~preparado~~. Vamos para o carro.

O bando foi postar-se ao lado da ~~camioneta~~.

- Ninguém faz barulho - recomendou o boliviano.

Fez-se um grande silêncio, e a selva ~~pareceu~~ cobrir-se de mistério.

~~Metros~~ adiante, amarrado ao tronco da maçaranduba, o corpo untado de resina, ~~Ramirez~~ esperava, atônito.

Foi quando, silenciosamente, atraídas pelo ~~cheiro forte~~ da graxa vegetal, ~~chegaram~~ do mato serpentes de várias cores e tamanhos: cascavéis, corais, jararacas, sucuris, urutus, grossas e finas, venenosas ou sem veneno. E até a mãe-d'água, que os índios chamam de Iacu-Mama, capaz, segundo dizem, de atrair ~~irresistivelmente~~ pela respiração os animais que se aproximam, e que ela devora ~~em poucos instantes~~.

Com as cobras, saindo de esconderijos da selva, também ~~foram chegando~~ as formigas temíveis: as do fogo, vermelhas, agressivas; as tracuás, escuras e ferozes; as saúvas e tocandeiras, habitantes de galhos podres; as saca-saias, pavor do tapúio, do seringueiro, de bichos e aves.

Vendo-as aproximar-se, silenciosas, ~~atraídas pelo odor da resina~~, Ramirez estremeceu ~~de horror~~, antevendo ~~seu~~ terrível destino.

~~Mais adiante~~, impressionados com o espetáculo, ~~mas felizes no íntimo~~ com o castigo ~~que o carrasco ia sofrer~~, os seis foragidos convenceram-se, ~~de que~~, afinal, chegava ao fim a vida do ~~homem que odiavam~~.

~~Sentiam-se vingados~~ das torturas e humilhações, experimentando um sentimento forte de poder, ~~de mistura com~~ repugnância e um prazer inebriante que lhes ~~acendiam~~ os olhos rútilos.

- Está fodido! - comentou Ridruejo, em voz baixa.

- Puta merda, que morte horrível! - completou Miguel Viana, o olhar contraído, ~~mesclando~~ a imagem de Ramirez com ~~a de~~ muitas de suas vítimas, ~~agora vingadas~~.

- Castigo bom para um filho da puta! - grunhiu Zimaco.

Apesar de afetados pelo espetáculo aterrador, não escondiam, os seis fugitivos, uma fervida expressão de triunfo que os redimia das violências sofridas na prisão. Prelibavam, com prazer sádico, a morte próxima do carrasco, certos de que a tortura que agora lhe impunham era, afinal, a justiça divina, afinal conquistada.

Pouco adiante, ofídios e formigas chegavam cada vez mais perto do infeliz, enlouquecidos com o odor da resina.

Ao avistá-los, tão próximos, Ramirez passou da perplexidade ao terror, e deste à fúria desatinada. Começou a gritar, alucinado, voltando-se para seus algozes:

- Filhos da puta! Filhos de uma cadela, ainda vão pagar por esta barbaridade!

Mesmo com braços e pernas amarrados, conseguia movimentar pés e mãos, tentando desesperadamente afugentar os diabólicos habitantes da selva.

Os presidiários, da mesma forma como agiram com o Diretor, iniciaram em voz alta o julgamento do réu, relatando os crimes que cometera:

- Tem coragem de falar em barbaridade, Tenente? - apostrofou Juan Diaz - E o que fez com o desgraçado do Martinez?!

- E com o Diego, Gómez, Salinas, Cristóbal, Ricardo, quantos mais, miserável? Torturados sem piedade, sem defesa! - berrou Zimaco, os punhos erguidos.

- E o Villafuerte, com os colhões esmagados, um cabo de vassoura enfiado no cu? - vociferou Carvajal, os olhos injetados de ódio. - E ainda fala em crueldade, cachorro?!

Ramirez, esquecendo-se um instante das cobras e formigas, cada vez mais próximas, não se conteve e, por sua vez, replicou aos que o acusavam:

- Quem são vocês para falar em crime, em crueldade, miseráveis?! São assassinos confessos, matadores de inocentes, torturadores da pior espécie! Sem autoridade para acusar ninguém! E vão pagar caro pelo que estão fazendo!

- Quem está pagando pelos crimes é você, carrasco ordinário! - retrucou Aguirre, aos berros. - Quantos presos você matou de fome, Tenente? Quantos matou de pancada, de choque-elétrico, de traição, de tortura, de cruel

dade?!

- Já se esqueceu do Montoya, que você envenenou na prisão? - acusou Zimaco, apoplético. - E do Miguelito, fuzilado pelas costas, do González, envenenado com estricnina?!

Ramirez já não os ouvia, pois, estremecendo de asco, sentira a primeira cobra ~~a subir-lhe~~ subindo-lhe pelo corpo. Tentou afastá-la, esperneando como alucinado, ~~sem êxito.~~

Outras cobras e um número espantoso de formigas iniciaram a escalada dantesca pelo corpo despido do Chefe da Guarda, lambendo-~~lhe~~ a resina oleosa, que o recobria.

Ao contato asqueroso dos invasores, Ramirez rodobrava os gestos frenéticos, inúteis, mas ~~em~~ convulsões grotescas, ~~gemidos e soluços~~ gemia e soluçava, a fisionomia devastada pelo ~~pavor~~ horror. Mas em ~~Em voz de~~ fugentá-los, só conseguia enfurecê-los ~~mais ainda~~ cada vez mais, levando-os a morder-lhe o corpo nu.

Transido de horror, ~~o desgraçado~~ Ramirez começou a expectorar, chorando convulsivamente, ~~sem poder ouvir o~~ alheio ao libelo condenatório dos presidiários, que continuavam:

- Suas vítimas, Tenente, gritaram de dor, pediram misericórdia, puseram-se de joelhos, suplicaram piedade! Mas você, com aquele sorriso cínico, divertia-se com o sofrimento dos coitados! - acusava Carlos Lopez Aguirre,

Ramirez, ~~por sua vez, entregara-se~~ enquanto já se entregava à fúria irracional das serpentes e formigas, que o mordiam ~~e o torturavam~~ dos pés à cabeça.

O espetáculo era de tal forma asqueroso, que até os fugitivos se calaram, arrepiados de ~~horror~~ pavor. Foi quando, ~~Naquele instante~~, preocupado com a ~~longa~~ demorada interrupção da fuga, Aguirre ~~deu voz de comando:~~ recomendou:

- Vamos embora, gente! Perdemos muito tempo aqui! A Polícia deve estar atrás da gente!

Voltaram depressa à camioneta. Antes de partir, Aguirre voltou-se para Ramirez e gritou:

- Agora que vai descer às profundas do inferno, Tenente, peça perdão a Deus por seus pecados! E fique aí com suas cobras e formigas! É a companhia que merece!

Entrou na camioneta e bateu a porta. Carvajal ligou o motor e pôs o carro em movimento, afastando-se na mata. Mais adiante, numa curva, desaparece entre as árvores.

Os Índios sem Paraíso

Descendo o rio Marañon, o navio de Caruana, era um ponto movente na paisagem do vale, emoldurado pela floresta, ~~interminável~~.

~~Amazonas~~ transportava mais carga que passageiro, ~~principalmente~~ produtos manufaturados em alpaca e algodão, artigos de tapeçaria e objetos de arte, fabricados em ouro, prata, madeira, destinados a Belém e, de lá, ao México, Estados Unidos e Europa.

~~No~~ trecho peruano, as refeições servidas a passageiros e tripulantes incluíam pratos típicos do país, como salada de chonta, semelhante ao palmito; o juane, cabiche de paiche, ou as sopas famosas, como o inchicapi, a mazamorra de gamitana e o timbuche, um caldo de pescado muito apreciado pelos viajantes.

Nas prateleiras da adega havia bebidas ~~peruanas~~, como o masato, de origem nativa, o shibé, preparado à base de farinha, ou a aguajina, refresco com base na fruta do aguaje, ~~palmeira~~ palmeira da região.

Além das bebidas, os garçons do navio, ~~com sua~~ mestiçagem tristonha e subnutrida, serviam refrigerantes feitos de frutas locais, como o ungurahui e o camu-camu.

Os passageiros ~~audaciosos~~, em busca de emoções fortes, pediam as bebidas preparadas à base de raízes vegetais e aguardentes, como o chuchurahui e o huitochado, aos quais se atribuíam poderes afrodisíacos e reconstituintes.

Sentados nas espreguiçadeiras do convés superior, os americanos, Frei Massotti, Michel Leroy e outros ~~viajantes~~ bebiam aguajina, que os mamelucos ~~traziam~~. Alguns se abanavam com leques comprados em Iquitos, tentando afastar as carapanãs e, com menos eficiência, refrescando o rosto ~~do~~ forte calor.

~~Pouco~~ adiante, de sobrancelhas arqueadas, sentado ao lado da mulher numa espreguiçadeira ~~velha~~, coberta com toalha, Charles Sturges, americano embarcado em Iquitos, resmungava ~~sua~~ decepção ~~com a~~ viagem desconfortável.

Perto dele, Michel Leroy, formado pela Universidade de Lyon, conversava com o frade italiano.

Interessado no estudo das tribos indígenas da ~~região amazônica~~ Amazônia, Leroy iniciara pesquisas no Estado do Pará, de onde, após ~~dois~~ dois anos de viagens e observações em Belém, Breves, Gurupá, Almeirim, Alenquer, Santarém, Óbidos, Oriximiná e outras localidades paraenses, deslocou-se para o Amazonas. E lá, a partir de Manaus, percorreu o rio Negro, alcançou Boa Vista e, em seguida, através do Solimões, penetrou no Peru, ~~e chegou~~ chegando a Iquitos, onde realizou ~~importantes~~ estudos sobre o amálgama racial peruano-brasileiro.

Era um homem solitário e afável, exigente na escolha de colaboradores e amigos, ~~vestindo~~ vestia com apuro e ~~equipado~~ estava equipado com ~~petrechos~~ equipamentos de pesquisa e documentação, como máquinas de filmar, ~~fotografar~~ e gravar.

Fora casado na França com uma colega, também pesquisadora, morta em acidente na África, deixando-lhe recursos financeiros para ~~outras~~ novas viagens à África, Ásia, Oceania e América do Sul.

A longa permanência no Brasil ~~tornou-o conhecido~~ deu-lhe alguma notoriedade internacional~~mente~~, com ~~diversos~~ publicando trabalhos ~~publicados~~ de Antropologia Etnologia no Journal de la Societé des Américanistes, no Handbook of South American Indians, do Bureau of American Ethnology, onde pontificavam Claude Lévi-Strauss, Franz Boas e Roman Jakobson.

~~Com base nos~~ Os estudos e pesquisas de ~~Michel~~ Leroy, na região amazônica, ~~centrava-se na~~ tinham por base a miscigenação racial de índios e brancos e suas lamentáveis conseqüências para a sobrevivência das tribos na vastíssima região.

Da mesma forma que Agassiz, Wallace, Bates, La Condamine, Spix e Martius, Darwin, Hercules Florence, Lévi-Strauss, José Veríssimo, Couto de Magalhães, Arthur Ramos e ~~muitos~~ outros viajantes, historiadores e cientistas devotados à Antropologia, Etnologia, Fauna e Flora da bacia amazônica, também Michel Leroy ~~verberava~~ denunciava o estado de decadência ~~a que haviam chegado~~ das raças indígenas sul-americanas, ~~a partir da presença~~ provocada pelos colonizadores, preadores, missionários e emigrantes nacionais e internacionais.

Seu companheiro de viagem, ~~com quem compartilhava o mesmo camarote~~, o frade Giovanni Massotti, estivera em visita à missão franciscana de Iquitos, e agora regressava à Prelazia de Santarém da Ordem Franciscana, onde servia.

Frei Massotti era conhecido e estimado em toda a Amazônia, não só devido ~~a~~ ao notável poder de catequese, como, principalmente, pelo caráter generoso de seu apostolado, ~~pronto a ajudar os semelhantes e, em particu-~~ voltado particularmente

para, os índios, objeto de vigoroso esforço missionário.

Nascido na Itália, ingressara aos vinte anos na Ordem Franciscana, interessando-se especialmente pela atividade missionária entre os não-cristãos.

Com apenas vinte e oito anos de idade, veio para o Brasil, atraído pela obra dos franciscanos que chegaram ao Brasil no século XVI, fundando a Custódia de Santo Antônio, com sede em Olinda; instalando, em fins do século XVII, as Províncias Franciscanas da Imaculada Conceição e de Santo Antônio, com três comissariados na Amazônia e, em meados do século XVIII, atuando evangelicamente em mais de cinqüenta missões, sendo vinte e seis espalhadas pelo vale amazônico.

Após servir em várias missões, Frei Massotti integrou-se, finalmente, na Prelazia de Santarém, prestando inestimáveis serviços à Missão de São Francisco do Cururu e à catequese dos índios Mundurucus.

Para a difusão de sua intensa obra apostólica no Cururu, passou a viajar constantemente, subindo e descendo os grandes rios do vale, solucionando divergências entre os religiosos, reerguendo missões em crise, introduzindo novas técnicas de catequese, de ensino e profissionalização.

Durante esses deslocamentos, pôde Frei Massotti constatar, o lamentável estado a que haviam chegado as tribos indígenas e seus descendentes.

Conheceu então Michel Leroy, nele encontrando o companheiro perfeito na indignação que os mantinha em prolongadas discussões sobre os remanescentes puros da raça indígena, imunes ainda à ação degenerescente dos brancos, como os Iáguas, habitantes do Norte peruano e região fronteiriça com o Brasil, famosos pelo uso, em guerras e caçadas, de flechas envenenadas com curare; os Boras, do tronco tupi da fronteira Brasil-Colômbia-Peru, vivendo ainda da caça e pesca; os Cubeos, habitantes da bacia do alto rio Negro e, finalmente, os Tukunas, do grupo lingüistico aruaque.

- Visitei algumas aldeias dessas tribos, felizmente infensas à ação devastadora do branco - disse Leroy ao sacerdote italiano, no convés do "Amazonas". - Vi índios sadios, fortes, pacíficos, ocupados com sua vida tribal, suas caçadas e pescarias, com seu artesanato de forte influência incaica.

Depois, chamando a atenção para a crescente mestiçagem observada em

Iquitos, no navio e em todos os portos de escala, prosseguiu:

- Veja, Frei Massotti, o triste resultado desses cruzamentos, dessas matanças e invasões, da imigração predatória de uma desqualificada mão-de-obra do Brasil e países limítrofes.

Durante um desses colóquios, embasados no conhecimento do assunto que os empolgava, Leroy apanhou um caderno de anotações do bolso da túnica, examinou alguns dados e explicou:

- Os quase dois milhões de indígenas, estimados pelo Padre Antônio Vieira somente na região amazônica, ao tempo da descoberta e início da colonização, estão hoje, reduzidos a menos de 250 mil. Dos 230 grupos tribais existentes no Brasil em 1900, sobreviveram somente 140. É triste, é lamentável, é revoltante!

- O professor Darcy Ribeiro - acrescentou o etnólogo - informa que do início do século até 1957 mais de 80 tribos entraram em contato com a população branca e foram desculturadas, ou destruídas pela doença e a contaminação. Somente nas regiões extrativistas de borracha, castanha, minérios, ouro, etc., 59 tribos foram totalmente dizimadas.

Guardou o caderno no bolso, acendeu o cachimbo, pensativo, os olhos pousados na selva. Depois, com o semblante toldado pela revolta, prosseguiu, com o forte sotaque gaulês:

- E dizer que isto aqui já foi o éden de milhares de tribos, vivendo num tempo em que, no dizer de Gastão Cruls, "condensavam-se em grandes e inumeráveis nações tribais, ocupando regiões cobertas de florestas e cortadas de rios, tornando a vida fácil e prazerosa".

- "Vida fácil e prazerosa", que ironia cruel! - interveio Frei Massotti, solidário com a revolta do cientista. - Hoje vivem de esmolas, de atividades marginais, em situação de subemprego, vendendo bugigangas, bebendo cachaça, em precárias condições de saúde.

Leroy deu mais duas ou três cachimbadas, concatenando as idéias. E voltou a comentar:

- A conseqüência da miséria dessa "ação civilizadora" dos brancos, pode ser aferida pelas terríveis palavras de Louis Agassiz, escritas no século passado, e que talvez o amigo conheça.

Virou a folha do caderno e passou a ler:

- "O resultado de ininterruptas alianças entre mestiços é uma classe de pessoas em que o tipo puro desapareceu, e com eles todas as boas quali-

dades físicas e morais das raças primitivas, deixando em seu lugar bastardos tão repulsivos quanto os cães amastinados, que causam horror aos animais de sua própria espécie, entre os quais não se descobre um único que haja conservado a inteligência, a nobreza, a afetividade natural que fazem do cão de pura raça o companheiro e o animal predileto do homem civilizado".

Depois de vasculhar o caderno de anotações, Miguel Leroy fixou-se em determinado trecho e disse ao franciscano, que o escutava atentamente:

- O prezado amigo há de perdoar-me, mas não resisto à tentação de ler um trecho contundente de José Veríssimo, talvez um pouco desagradável a seus ouvidos de missionário.

- Leia, leia, caro professor! - insistiu Frei Massotti, curioso. - Faço uma idéia do que seja.

Michel então começou a ler:

- "O que se pode condenar, e que a história deve altamente reprovar, é que o povo conquistado tenha ficado longe de sua verdadeira missão, esquecendo-se que, como civilizado e cristão, ele tinha o dever de não confundir aproveitamento com perseguição. A história registra com horror os crimes atrozes que, à sombra da Cruz e da Lei, se praticavam".

O diálogo resvalara para um terreno delicado, deixando Frei Massotti particularmente interessado, já que o assunto lhe dizia respeito diretamente. Foi então que, exaltadamente, retrucou:

- Não nego que houve excessos e distorções na catequese religiosa. Mas, caro professor, o senhor não poderá negar, de sã consciência, a extraordinária obra civilizadora dos missionários, desde os jesuítas, com Anchieta e Nóbrega, aos franciscanos, capuchinhos, carmelitas, maristas, etc. Não fossem eles, através de ingentes esforços de alfabetização, evangelização, aprendizado de práticas agrícolas e trabalhos manuais, da incorporação ao mundo civilizado de milhares de silvícolas e, principalmente, de sua defesa contra preadores, escravizadores e invasores de suas terras, nem esses 250 mil aborígines teriam sobrevivido!

À medida que falava, Frei Massotti ia adquirindo eloqüência e um ardor apologético que impressionavam e, ao mesmo tempo, divertiam o cientista francês.

Frei Massotti, alheio às reflexões irônicas do etnólogo, prosseguia:

- O senhor, em suas viagens, conheceu ou, pelo menos, avistou muitas cidades, aldeias e povoados fundados pelos jesuítas e missionários católicos, como Samuel Fritz, que fixou e amparou, à margem do Solimões, dezenas de tribos indígenas.

- Um momento, caro Frei Massotti, um momento! - interrompeu Michel Leroy, com excitação. - Li, tempos atrás, mas não me recordo onde, acusações muito sérias a esse famoso jesuíta, Samuel Fritz, defensor intransigente da ambição territorial dos espanhóis no Amazonas, em fins do século XVII. Os mesmos espanhóis que, como o senhor sabe, dizimaram os maias, astecas e incas, transformando em ruínas suas admiráveis obras artísticas e arquitetônicas, implantando no continente americano, no Norte, Centro e Sul, governos sanguinários, despóticos e retrógrados!

E completou, movido pelo calor da argumentação:

- Aquele jesuíta, de origem alemã, estava, aliás, convencido de que a Amazônia pertencia, de direito, à Coroa Espanhola.

A polêmica parecia crescer, ardorosa, agora em forma de disputa, ganhando em intensidade. Isso, em vez de aborrecimento, ou antagonismo, trazia excitação intelectual aos dois contendores.

- Além dos conflitos bélicos entre portugueses e espanhóis - redarguiu o franciscano, com o rosto afogueado - conflitos provocados por litígios territoriais, o que dificultava a ação missionária foi a política portuguesa, de forte estímulo à miscigenação racial, a ponto de conceder favores materiais aos colonos que se casassem com as damas da terra, provocando, com isso, choques entre colonos e missionários, aqueles ávidos de mão-de-obra escrava, estes defendendo a liberdade dos indígenas convertidos. A tal ponto chegaram os conflitos que o Marquês de Pombal decretou a extinção das missões religiosas instaladas no Norte e Nordeste do Brasil, ocasionando rápida decadência do país.

Fatigado, talvez, da ênfase com que defendia a posição religiosa, Frei Massotti calou-se por alguns instantes, aspirando o ar quente que lhe encharcava a veste sacerdotal.

Desse intervalo, se aproveitou Michel Leroy para, novamente, pespegar o seu ponto de vista conflitante:

- Com o devido respeito, Frei Massotti, recordo que o próprio Anchieta, tão louvado pela Igreja, escreveu em 1561 carta a Tomé de Souza, na qual, refletindo sobre a pregação do Evangelho entre os silvícolas, afirmou: "Por temor se hão de converter mais que por amor". Talvez esta carta tenha levado Couto de Magalhães a considerar, no livro "O Selvagem", que, "por outro lado, os padres jesuítas antigos, que com serem grandes homens, nem por isso deixaram de ser homens, participaram em grande parte dos defeitos de seus contemporâneos. Naquele tempo a crença no poder do espírito maligno era tão grande que Satanás representava na vida humana um papel tão importante como o do próprio Deus".

Depois de cachimbar rapidamente, impedindo Frei Massotti de contra-argumentar, Leroy consultou o caderno e continuou, enfaticamente:

- Aliás, os missionários tinham êxito no Brasil, junto aos índios, mais pela ameaça do Inferno, do que pelas promessas do Paraíso. Com isso, submeteram as tribos a seu credo e mando, transformando os silvícolas mais em servos do que em cristãos.

Frei Massotti não gostou, de forma alguma, da manifestação anticlerical do cientista. Retrucou, alçando a voz, com certo azedume:

- Seus antepassados, professor, tentando criar no Brasil a France Antartique também não prometeram (e nem deram) aos índios as delícias do Paraíso! Na verdade, transformaram-nos em bucha de canhão, remetendo-os, juntamente com os portugueses, diretamente para o Inferno! E não se esqueça desse corsário violento, Duguay-Trouin, que, em 1711, comandando poderosa esquadra, forçou a barra do Rio de Janeiro, apoderou-se da cidade e saqueou-a a ferro e fogo, dizimando os moradores. E os Boucaniers, nas Antilhas, os Flibusteiros de Montbars, o Exterminador, Morgan d'Olonne e De Grammont, os invasores da Guiana, tomando a terra aos índios, trucidando-os barbaramente? Já se esqueceu desses compatriotas?

Houve uma pausa entre os dois antagonistas, provocada, certamente, pela aproximação do Comandante Caruana, que fez aos seus passageiros uma observação fortuita sobre a ameaça de chuva e dos ventos que iriam sacudir o navio.

Depois que Caruana se afastou, Michel Leroy reatou a discussão, dizendo ao franciscano:

- Permita-me o prezado amigo citar-lhe um trecho do livro "A América

Trágica", do escritor americano Theodore Dreiser, onde se lê que "a grande arma do imperialismo continua sendo a penetração missionária e a exportação de capitais".

Deu uma baforada e prosseguiu:

- O senhor provavelmente não desconhece que a penetração religiosa no México, no século passado, foi vital para assegurar a conquista do Texas pelos americanos. Aqui na Amazônia missionários protestantes e católicos atuam a serviço de interesses hegemônicos dos Estados Unidos, como membros do New Tribes Missions, que chegam à região com grandes recursos materiais e financeiros.

Provando, outra vez, que era um cientista bem organizado, Michel Leroy voltou a consultar o caderninho, explicando, antes de ler o que anotara:

- Faço justiça aos católicos, Frei Massotti, após conhecer, recentemente, um relatório reservado que o diretor do Serviço de Proteção aos Índios, Coronel José Luiz Guedes, remeteu ao Ministro da Agricultura, no qual informou que "enquanto que as missões católicas, constituídas, normalmente, de europeus, vivem de contribuições do próprio povo, de dotações orçamentárias e até mesmo de auxílios prestados pelo SPI, as missões protestantes vivem de recursos próprios, recebidos em larga escala do exterior".

E ainda leu:

- "Recebendo auxílio do exterior e dotadas de todos os recursos, tais como remédios, utensílios, armas, veículos motorizados, principalmente jipes, lanchas modernas e até aviões, prestam as missões estrangeiras aos nossos patrícios do interior toda sorte de auxílios materiais. Com isto, colocam as autoridades federais e estaduais numa situação de desprestígio perante os nossos caboclos, dando-lhes a impressão de que o governo brasileiro nada faz por eles, enquanto que elementos estrangeiros tudo fazem. Ora, além de outras atividades nocivas aos interesses nacionais que realizam, isto constitui, indiretamente, uma verdadeira campanha desnacionalizante, com grave perigo para nosso país. Tanto isto é verdade, que já tive ocasião de ouvir vários comentários a este respeito, havendo mesmo certa senhorita amazonense me declarado que "era preferível que o Amazonas fosse

americano, pois o Brasil nada fazia por aquele Estado".

Houve uma pausa maior na discussão, como se os interlocutores parassem para refletir, preparando o espírito para nova investida. Foi quando, de repente, com certa aleivosia, Frei Massotti contra- atacou:

- Não se ofenda pela pergunta que lhe vou fazer, professor: o senhor, além de ateu e, ao que tudo indica, anti-clerical, também é comunista?

Michel Leroy não respondeu, de imediato. Deu uma baforada e depois, calmo, fleugmático como um britânico, retrucou: ~~respondeu~~:

- Tinha a certeza de que o senhor, cedo ou tarde, faria esta pergunta. E vou respondê-la, com toda franqueza. De forma alguma, caro Frei Massotti, sinto-me ofendido pela insinuação irrefletida. Defendo intransigentemente a liberdade de expressão. Para mim valem da mesma forma o crente, o descrente, o católico, o protestante, o budista, o ateu, o comunista. Seriam, por acaso, ateus, anti-clericais e comunistas os índios que adoram e cultuam o Sol e a Lua?

Começaram a cair as primeiras gotas da chuva e um vento forte chegou da floresta, agitando as águas do Marañon.

Os dois passageiros levantaram-se. Antes de se recolherem, no entanto, Michel Leroy acrescentou com cordialidade:

- Nenhum dogma, ou credo, me empolga, Frei Massotti. Busco apenas a verdade, estudo o destino dos homens, abomino as injustiças e acredito firmemente na ciência e nas descobertas que ela promove,em benefício da humanidade.

A chuva caiu, forte, molhando o convés, balançando o navio.

- Vamos ao refeitório, Frei Massotti? Assim poderemos tomar um vinho francês. Mas, por favor, sem discussão. Um bom vinho a gente degusta sem brigar.

E entraram.

O Seqüestro do "Amazonas"

No Marañon, como de resto em toda a bacia amazônica, o gaiola, ou qualquer outra embarcação de maior calado, navega com atenção especial, evitando ~~colidir~~ chocar-se com barcos de pesca e transporte, árvores, galhos e troncos arrancados nas grandes enchentes.

Para alertar as embarcações, espalhadas pelo leito do rio, o "Amazonas" acionava continuamente o apito grave e característico, ouvido a longa distância.

- É o gaiola, Juan? - perguntou Carvajal, ~~preocupado~~ não muito/mto do rio. - Não vai chegar antes de nós?

- Fique sossegado - tranqüilizou o boliviano, que tinha noção exata das distâncias no vale. - Chegamos a Indiana antes do navio, que é velho e pesadão.

- Acho que está na hora de deixar ~~a camioneta~~ mos o carro por aqui - ~~aventou~~ sugeriu Aguirre.

- Ainda não - disse Juan Diaz. - Vamos seguir mais um pouco. Perto do ancoradouro a gente se livra dela.

Seguiram viagem na trilha sinuosa, transpondo, pouco adiante, um riacho margeado por belas aguajes, ~~como que os peruanos dão aos buritizais brasileiros~~.

Três quilômetros à frente, nas imediações de um rio ~~mais~~ encorpado, o veículo estacionou. Os fugitivos saltaram, espalhando-se pelo local aprazível, colhendo frutos, bebendo água fresca.

Meio impaciente por livrar-se do veículo, Ridruejo ~~quis saber:~~ perguntou:

- Vamos tocar fogo no ~~camioneta?~~ carro?

- Tocar fogo? Você é burro mesmo, Ridruejo! - comentou Juan Diaz, irônico. - Queimar o carro, deixar pista pros soldados?

Ridruejo não gostou da interpelação e retrucou, enfezado:

- Burro é a mãe! Precisa ofender?

Percebendo que a altercação poderia azedar, Aguirre interveio, brincalhão:

- É o jeito dele, Ridruejo. Conheço bem este índio de merda. Não te-

ve a intenção de ofender, não é mesmo, Juan?

- E agora é você que me ofende, boiota? - replicou Juan, certo de que a intervenção de Aguirre era de paz.

- Burros e boiotas somos nós, parados aqui, enquanto o navio se aproxima de Indiana! - comentou Zimaco, impaciente. - Vamos, pessoal, pé na estrada!

- E o carro? - insistiu Ridruejo.

Sem lhe dar resposta, Carvajal entrou no veículo, ligou o motor e, diante do espanto dos companheiros, levou-o para o topo de um barranco, desceu e soltou o freio. Depois, com pequeno esforço, empurrou-o para dentro do rio, no qual, lentamente, afundou.

- Muito bem, Carvajal! - aplaudiu Aguirre. - Você brilhou, soube usar o bestunto.

- Cabeça de gente não é só pra pensar besteira - comentou Carvajal, lisonjeado.

- E agora, Juan? Seguimos para onde? - Aguirre ~~foi~~ indagou ~~de Juan Diaz~~.

O boliviano, que ~~estivera~~ examinava o local, indicou a direção Sul:

- Por ali. A gente atravessa um trecho da mata e chega à barranca do rio. Depois é seguir pela margem e, em pouco tempo, chegamos a Indiana ~~um pouco~~ antes do gaiola.

Aguirre apanhou a metralhadora, que recostara no tronco de uma árvore, recolocou o cantil e uma sacola no corpo e falou aos companheiros:

- Vamos embora, gente! Acabou o conforto. Agora é que a onça vai beber água!

Enquanto isso, ~~lá embaixo~~, rio abaixo, o "Amazonas" seguia viagem, ~~em~~ rumo ~~de Indiana~~, direção da primeira escala no Peru.

Ao leme, na torre de comando, Caruana manobrava com perícia, evitando os obstáculos, atento ao leito do rio.

Alguns passageiros dormitavam nas espreguiçadeiras. Outros, nos camarotes, faziam a sesta, enquanto no convés inferior mulheres amamentavam os filhos, velhos liam nas redes, ~~três ou quatro~~ rapazes jogavam cartas em torno de um caixote.

Era uma humanidade sofrida, tristonha, ~~mantendo~~ como a paciência dos pobres, ~~no calor invadido por~~ sofrendo o assédio insistente de piuns e carapanãs.

~~Muitos~~ Alfaiates viajavam sem destino certo, fugindo de um inferno para outro, em busca de uma vida que não mudava: sempre a mesma pobreza, falta de perspectiva, desesperança, insegurança. Eram homens e mulheres de faces encovadas, herdeiros de raças decadentes, ~~e desamparadas~~.

Não muito distante do estirão, por onde descia o barco, os seis presidiários avançavam na mata úmida, dificultada por empecilhos de toda sorte: charcos, igapós, cursos d'água, galhos e cipoais, que venciam a golpes de facão.

Quando alcançaram a margem do Maranon, (de um ponto elevado) a menos de um quilômetro de Indiana, avistaram, ~~de um ponto elevado~~, o trapiche e o embarcadouro rústico de ~~lugarejo~~. Indiana.

Pararam, exaustos, para um pequeno ~~repouso~~. descanso. E ali discutiram um problema de difícil solução: a troca da roupa de ~~detentos~~. presidiários.

- Temos duas opções - sugeriu Aguirre: - ou invadimos o navio, do jeito que estamos, ou ~~tomamos de assalto~~ assaltamos o vilarejo pra ~~pegar~~ apanhar roupa nova.

- E há tempo para isso? ~~indagou~~ Quis saber Carvajal.

Interrompendo as conjeturas, Juan Diaz, com a sabedoria prática que o fizera respeitado, opinou:

- Não é preciso invadir nem o navio, nem a localidade. No porto há um armazém, onde há roupa, sapatos e tudo do que precisamos.

- E a Polícia? lembrou Miguel Viana.

- Há dois ou três gatos pingados, que a gente espanta com um tiro.

- Pois vamos embora. Mãos no gatilho, pé no chão e fé em Deus! - exclamou Aguirre, animadamente.

O bando, engatilhando as armas, seguiu apressado na direção ~~de Indiana~~. do lugarejo.

Localidade insignificante, Indiana pouco diferençava das povoações ribeirinhas: o trapiche, o ancoradouro, num corte do barranco, acolhendo embarcações de carga e passageiros; duas ou três ruas esburacadas, cercadas ~~de~~ por construções de pau a pique, reboco, madeira e folhas de buriti.

O trapiche, construção tosca de madeira, avançava sobre o rio a varanda comprida, sustentada por estacas fincadas no lodo. Circulando pelo

alpendre, vendedores e compradores faziam pequenas transações, bebiam café, pisco, cañaso ou masato, negociavam borracha, madeira, castanha, cacau, além, naturalmente, de peixe e animais abatidos.

No cais, a tradicional aglomeração de passageiros, funcionários do porto e, sobretudo, vendedores apregoando os produtos locais.

Pelo caminho que descia da colina, margeava o rio e desembocava no trapiche, ~~de repente~~, surgindo entre árvores e um muro de pedra, ~~os seis foragidos,~~ armas à mão, ~~foram ocultar-se por trás~~ de um casebre.

Aguirre espionou o local, avançou alguns metros e fez um sinal aos companheiros, que atravessaram correndo a área ~~por trás~~ do armazém. ~~Depois~~ Subiram a escadaria de madeira e alcançaram a varanda.

Causando ~~grande~~ espanto, imobilizaram com as armas fregueses e empregados, atravessaram correndo o alpendre e invadiram a casa comercial. E lá, erguendo a voz para não deixar dúvida a ninguém, Aguirre advertiu:

- Todo mundo quieto! Ninguém se mexe, senão leva tiro!

Aproximou-se do comerciante, um homem gordo e calvo, com cara de índio, sentado atrás da velha máquina registradora, e que o olhava estupefato, e ~~exclamou:~~

- Ô cara de broa, onde está a roupa?

O peruano, completamente abobalhado, permaneceu mudo, olhando os invasores como se fossem extra-terrestres, sem entender o que se passava.

Mas Aguirre insistiu, encostando-lhe no peito o cano da metralhadora:

- Vamos, caralho! Depressa! Onde está a roupa? Roupa, sapatos, camisas, porra! Quer levar um balaço na cara?!

Aí o mameluco, trêmulo, apontou para um armário envidraçado e balbuciou, aturdido:

- A roupa?... Sim, senhor, ali, naquele armário...

Os presidiários pularam o balcão, atravessaram a sala e arrombaram as portas do armário, retirando das prateleiras pilhas de calças, camisas, meias e sapatos, que colocaram sobre o balcão.

Com armas apontadas para a platéia assombrada, começaram a trocar de roupa, no mesmo instante em que o "Amazonas", aproximando-se do embarcadouro, apitou com força.

O bando enfiou no corpo, de qualquer maneira, calças, camisas e meias;

calçou sapatos, sandálias e botinas, jogando num canto os uniformes imundos.

- Vamos, gente, depressa! - pediu Aguirre, nervosamente.

No cais, imponente, desfraldando a bandeira do Brasil, o "Amazonas" iniciava a manobra de atracação, virando a proa para o ponto de chegada e encostando lentamente no atracadouro tosco. Depois um marinheiro atirou a corda fina, amarrada ao cabo grosso, que a turma de terra prendeu nas amarras.

Presas popa e proa, a grandes trancos, a prancha de descida foi arriada.

No trapiche, enquanto isso, os fugitivos terminaram de vestir a roupa grosseira de brim e algodão. Ridruejo ainda amarrava os cordões da botina, quando Aguirre, saltando o balcão, gritou para os que se encontravam no recinto:

- Vocês continuam aqui dentro, como se nada tivesse acontecido! Não queram bancar os valentões, que é pior! Todo cuidado é pouco!

Seguido pelos ~~outros~~ companheiros, atravessou o armazém e ganhou o exterior. Escondendo as armas sob camisas, túnicas e sacolas, desceram rapidamente a escadaria e, antes de assaltarem o navio, Aguirre ~~pediu~~ disse a Carvajal:

- Corra àquela casinhola, Júlio, destrua o equipamento de rádio. A gente te espera ~~perto da~~ na prancha.

Carvajal partiu correndo, enquanto o ~~restante~~ resto do bando foi misturar-se à multidão, entretida com a chegada do ~~barco~~ navio.

Alcançando o posto de rádio, ao lado do prédio da administração, Carvajal aproximou-se do rádio-operador, um mulato bigodudo, baixo e atarracado. Antes que pudesse reagir, prostrou-o com violenta pancada. Depois, com uma barra de ferro, destruiu o rádio-transmissor, cortou fios e inutilizou o equipamento. E foi juntar-se aos companheiros que o esperavam ~~ao lado da prancha~~. na plataforma.

- Vamos subir - comandou Aguirre.

Mãos no gatilho, subiram ~~lentamente~~ devagar a escada de acesso, ~~até~~ defrontando-se ~~rem-se~~, no portaló, com o Comandante Caruana, que os encarava com estranheza, a testa franzida.

Antes que ~~pudesse reagir~~ reagisse, Aguirre voltou-se para os companheiros e

deu a ordem: ordenou:

- Agora!

Imediatamente, em movimentos simultâneos, sacaram as armas, espalhando-se pelo convés de baixo.

Caruana, atônito, tentou sacar o revólver, mas Aguirre encostou-lhe a metralhadora arma no peito:

- Quietinho, homem! Ou prefere ir pro fundo do rio?

Nos dois convezes, superior e inferior, passageiros e tripulantes, mudos e espantados, observavam a invasão insólita.

Recostados na balaustrada, Frei Massotti e Michel Leroy, dominados foram tomados pelo assombro, exclamaram:

- Mon Dieu! - exclamou o etnólogo. - São eles, Frei Massotti! Só podem ser eles!

- Eles quem, professor? - perguntou indagou o franciscano, espantado.

Leroy abaixou o tom da voz, com receio de ser ouvido:

- São os presos que fugiram da Penitenciária de Iquitos! Bandidos da pior espécie!

- Santa Maria! Que Santa Engrácia nos proteja! - reagiu o sacerdote, persignando-se.

Embaixo, nervoso, caminhando de um lado para outro, Aguirre advertia:

- Se alguém reagir, leva bala!

Caruana, perplexo, abalado pela invasão, inesperada, conseguiu dizer com voz firme:

- Este é um navio brasileiro! Os senhores estão invadindo território brasileiro! Isto é crime, punido com o maior rigor!

Inabalável, desprezando a advertência do Comandante, Aguirre, mais calmo, seguro de si, redarguiu: retrucou:

- Não queremos ferir a soberania de país nenhum, Comandante! O que desejamos é embarcar no navio, fazer uma viagem. Só isto!

- Pois se querem viajar, deponham as armas, compremm passagens e exibam documentos! Com estas armas engatilhadas, o que fazem é violar a lei, invadir território soberano, trazer pânico a uma embarcação civil. E isto não admito, em hipótese alguma!

- Admitindo, ou não, querendo ou não querendo, Comandante, estamos aqui e aqui vamos ficar! - retrucou respondeu Aguirre, inquestionável.

E prosseguiu:

- Passagem a gente compra depois!

Exibiu a metralhadora e completou:

- Este é nosso passaporte! E chega de conversa fiada! Mande recolher a prancha e vamos embora, que estamos perdendo tempo!

Caruana ficou alguns instantes imóvel, como se ordenasse as idéias. Mas quando Aguirre pressionou-lhe com mais força o cano da metralhadora, fez um sinal ao tripulante que, da ponte de comando, presenciava, atônito, os acontecimentos. Acionou a sineta e anunciou a partida.

Surpreendidos com o embarque inesperado, passageiros e tripulantes subiram depressa a bordo, enquanto fardos de carga eram lançados de qualquer maneira no convés e porão.

O "Amazonas" soltou depois o apito convencional e o cabo de amarra foi solto. No cais, temendo violência por parte dos invasores, trabalhadores, portuários e dois soldados subnutridos limitavam-se a observar, atoleimados, o que se passava.

Afastando-se do embarcadouro, o gaiola ganhou o centro do rio e reiniciou a viagem ~~interrompida~~.

Mantendo as armas apontadas para ~~o Comandante~~ Caruana, oficiais, marinheiros e passageiros, os seis fugitivos assumiram, de fato, o domínio ~~da embarcação.~~ do barco. Como primeira providência, organizaram uma vigilância permanente na sala de rádio, através de rodízio ~~do grupo~~, conscientes de que se destruíssem o equipamento provocariam estranheza e a perseguição do navio por unidades da Marinha.

A segunda iniciativa foi promover o confisco de armas a bordo, depositadas num camarote que invadiram. Só depois, meticulosamente, examinaram as instalações do navio, percorrendo de alto a baixo, de popa a proa, de bombordo a estibordo, sala de máquinas, copa, bar, dispensa, refeitório, banheiros, tombadilho e passadiço.

Na terceira-classe espantaram-se com as condições em que viajava aquela ~~pobre~~ multidão de passageiros, ~~muito~~ assustados com a invasão.

- Que coisa! - comentou Aguirre, impressionado com o que presenciava - Até La Bestia parece melhor do que isto!

- Melhor? - exclamou Zimaco, horrorizado. - Ficou louco, Aguirre?

- Avistando a poucos metros o Comandante, Aguirre foi perguntar:

- Comandante, e os camarotes?

- Não viram? Estão no convés superior.

Subiram novamente para inspecionar as acomodações de primeira-classe, algumas já ocupadas.

Apontando para o fim do corredor, Caruana, que os acompanhava, informou:

- Aquelas estão vagas.

Foram examiná-las. Aguirre então decidiu:

- Ficamos com duas.

Voltou-se para o Comandante e acrescentou:

- Queremos que reúna, em meia-hora, tripulantes e passageiros no refeitório. Todos, sem exceção!

Meia-hora mais tarde, efetivamente, umas cem pessoas ocuparam a sala de refeições do convés superior. ~~Naquele local~~ Lá, enquanto aguardavam os acontecimentos, Frei Massotti e Michel Leroy conversavam em voz baixa:

- Viajei várias vezes neste navio, professor, mas acho que esta vai ser a pior viagem.

- Pior e ~~muito~~ perigosa, Frei Massotti - preveniu o ~~cientista~~ francês. - Com o navio invadido por assassinos, o risco que se ~~correrem~~ é ~~muito~~ ~~grave!~~ enorme!

- Dio mio! - murmurou o sacerdote, apertando o rosário que lhe pendia do pescoço.

O mesmo temor também ~~inquietava~~ invadia toda a heterogênea fauna humana aglomerada no salão, comentando em ~~voz baixa~~ surdina os acontecimentos dramáticos que testemunhava. Temiam pelo pior, tudo lhes parecendo hostil e imprevisível, sentindo ~~no coração~~ intimamente uma sensação de medo e desconforto. Percebia-se em todos uma expressão de constrangimento, quase de vergonha pela ~~imobilidade causada pela~~ impotência diante da força ameaçadora das armas. Alguns pensavam em reação, arquitetando planos ilusórios de revolta e ~~ação~~. Ninguém, ~~no entanto~~ entretanto, acreditava que o bando ~~pudesse~~ fosse descuidar-se, dando margem à ~~rebelião~~ reação. Temia-se, à boca pequena, que, em circunstância de pânico, os invasores ~~pudessem~~ poderiam ~~ser capazes~~ de acionar as armas, causando uma ~~tragédia~~ morticínio. "O melhor mesmo é ter cuidado", aconselhavam-se entre si. "E confiar em Deus".

Alguns pareciam divertir-se com a aventura inesperada. Os americanos, por exemplo, achavam tudo "very exciting", acreditando, ~~no início~~ inicialmente, que a invasão ~~era falsa~~ fazia parte de um "show" ~~encenado~~.

Os viajantes de terceira-classe eram os ~~mais assustados~~ que mais sofriam, ~~com~~ crianças agarradas às mães, chorando baixinho; velhas rezando terços; velhos com o olhar sonolento, fatalizados pela miséria.

Num canto, na mesa de comando, Caruana analisava com o Imediato e outros oficiais a situação criada com ~~o seqüestro~~ a invasão do navio:

- Veja que azar, Aparício: esses assassinos ~~invadem~~ tomaram o navio às vésperas de minha aposentadoria.

Lembrando dos temores da esposa, acrescentou:

- Francisquinha parecia adivinhar o que ~~ia~~ aconteceu, pedindo ~~tanto~~ para eu não embarcar.

Calaram-se pos alguns instantes, observando o salão ~~apossado~~ dominado pelo medo e a expectativa.

- O que você acha que vão fazer, Caruana? - perguntou o Imediato.

- Não sei... Talvez chegar a Manaus e de lá fugir.

- Mas isto é loucura! - comentou um oficial. - Não vão conseguir nunca! E o Exército, a Marinha?

Frei Massotti, muito nervoso, o rosto afogueado, ~~chegou inesperadamente~~ aproximou-se, perguntando:

- O senhor já sabe, Comandante? Sabe que gente é essa?

- Sente-se, Frei Massotti, procure se acalmar.

O franciscano permaneceu de pé e, ~~sempre~~ muito exaltado, ~~continuou~~ prosseguiu:

- Me acalmar, Comandante, com estes ~~bandidos~~ gente aqui? Já sabe que ~~são~~ fugiram da Penitenciária de Iquitos?

- Sabemos, Frei Massotti, já sabemos. Fique tranqüilo. Vamos tomar providências para assegurar a segurança e a normalidade da viagem.

Interromperam, de subito, o diálogo com a chegada acintosa dos presidiários, à frente dos quais caminhava Carlos Lopez Aguirre, o olhar triunfante percorrendo o salão.

Avistando num canto um tablado, seguiu para lá com os comparsas, enquanto cessava o burburinho das vozes e se fazia um grande silêncio.

Aguirre subiu no estrado, diante dos companheiros perfilados, ~~de~~ mãos no gatilho, ~~das armas~~. E começou a falar:

- Pedimos sua presença aqui para deixar bem claro que ninguém sofrerá nada se colaborar. Somos de boa paz. Não gostamos é de traição, sabotagem ou brincadeira de mau gosto!

Ninguém se mexia, escutando o invasor, na atmosfera crispante, como se vivessem na iminência de um grande perigo.

Dono da situação, Aguirre desceu do tablado e, caminhando de um lado para outro, professoral, continuou:

- Vamos fazer juntos uma longa viagem. Não temos ilusões de que serão nossos amigos. Mas se não quiserem ser amigos, pelo menos não queiram bancar os heróis, os mocinhos de cinema! Como vêem, estamos armados, e muito bem armados!

Com gesto sensacionalista, assustando a platéia, ergueu a metralhadora e deu uma rajada para o alto, estilhaçando parte do teto, espalhando detritos pelo chão.

- My God! - exclamou o turista americano, convencido, afinal, de que a invasão não era um "show".

Depois da exibição paranóica, Aguirre voltou a falar, no silêncio tumular que se fizera:

- Cuidado com esta muchachita, meu povo! Ela cospe fogo, costuma se zangar com a maior facilidade!

Zimaco, Juan Diaz e os outros soltaram sonoras gargalhadas, afagando as armas e reforçando com sorrisos boçais a ameaça do chefe, que continuava:

- Não tenham ilusões, amigos: vamos estar por toda parte, prontos para o que der e vier!

Antes de descer do tablado, voltou-se na direção do Comandante e indagou:

- O Comandante... Como é mesmo seu nome?

Caruana, pondo-se de pé, firme, identificou-se:

- Capitão Fernando Caruana, Comandante do "Amazonas"!

- Pois bem, Capitão Fernando Caruana: o senhor será responsável pelo que ocorrer no navio! E agora, chega de salamaleques. É tocar o barco pra frente, como se nada de anormal tivesse acontecido.

E terminou, sarcástico:

- Aliás, nada de extraordinário está acontecendo. Só há seis passageiros a mais no ~~gaiola~~ navio, ~~todos~~ gente de boa paz, bem intencionados. Está terminada a reunião. Cada um volta pro seu posto, que isto aqui não é Câmara dos Deputados!

A multidão, contrafeita, ~~começou a deixar~~ foi deixando o salão, diante dos invasores, parados no mesmo lugar, ~~atentos~~ que observavam, calados.

Quando o casal de turistas americanos passou a ~~poucos metros~~ perto do bando, Juan Diaz fixou um olhar cobiçoso nas jóias da velha.

Depois que se afastaram, segredou para Zimaco, ao lado:

- Você viu, Zimaco? Viu as jóias daquela coroca?

- Coisa fina, Juan! Colar, brincos, bracelete... Mas, ~~não serão falsos?~~ será que não é falso?

- Falso coisa nenhuma, Zimaco! Devem valer uma fortuna! Esses gringos não usam bijuteria!

Quando o refeitório se esvaziou, Juan Diaz aproximou-se de Aguirre e sugeriu:

- Companheiro: por que a gente não confisca o tesouro desses ricaços?

- Calma, Juan! Tudo a seu tempo. Por enquanto é melhor a gente não assustar demais os babacas.

- Tem razão - concordou o boliviano. - Mas, olhe, a velha, aquela barata descascada, fica pra mim. Combinado?

Aguirre aprovou, sorrindo. Mas Zimaco interferiu, gozativo:

- A velha fica com você, Juan... Mas as jóias comigo!

Juntando os dedos no gesto pornográfico, Juan Diaz deu a resposta na hora:

- Aqui, ó!...

Antes que Caruana deixasse o salão, Aguirre foi-lhe ao encontro:

- Comandante, faz favor!

Caruana esperou, solene, tenso.

- Não tem no navio duas cabinas com comunicação interna?

- Temos duas suites. Mas estão reservadas para uma família que embarca em Benjamin Constant.

- Cancele a reserva. Ficam para nós.

Pouco depois o bando transferiu-se para as suites, interligadas e si-

situadas perto da popa.

- A cama é um pouco dura, mas serve. - comentou Carvajal, instalando-se num beliche.

- Será que não tem pulga? - quis saber Miguel Viana, ~~preocupado com a higiene.~~

- Zimaco subiu ao beliche superior e opinou:

- Melhor do que em La Bestia. Fico com esta.

Aguirre preferiu uma cama isolada, perto da porta:

- Esta é minha.

Retirou um cigarro e fósforo do bolso e explicou:

- Abrindo a porta de comunicação, ficamos juntos. Assim a gente se defende melhor, em caso de necessidade.

E foi saindo, enquanto dizia:

- Vocês vão se instalando, que vou fumar ali fora.

Carvajal, que também acendia um cigarro, quis fazer companhia ao amigo:

- Vou com você, Carlos.

Antes de cruzar a porta, Aguirre voltou-se e advertiu Carvajal, com certa rispidez:

- Vai sair desarmado, Júlio? Confia nessa gente?

- Carvajal pensa que é turista. - comentou Ridruejo, com ironia, estendendo a colcha na cama.

Carvajal lançou um olhar irritado ao peruano, sem responder. Apanhou a arma e seguiu com Aguirre para o tombadilho.

- Veja você a ironia do destino, Júlio - falou Aguirre, debruçado na amurada. - Certa noite, em Nova York, prometi a Marisa uma viagem de navio pelo Amazonas. Agora estou aqui, ~~mas~~ sem ela...

- Está ficando sentimental, Carlos? - brincou o amigo.

- Já nem sei o que é ser sentimental. O que sinto ~~agora~~ é ~~é apenas~~ ódio e revolta, uma vontade danada de fugir, ir pra bem longe!

Deu duas tragadas e prosseguiu:

- Assim que tudo isto terminar, mando buscar Marisa e desapareço neste mundo de Deus.

- Acha que vai dar certo, Carlos?

Aguirre passeou os olhos pelo navio, perscrutou o rio e a floresta interminável. Só então respondeu:

- E como posso saber, hombre? Não depende da gente.

- De quem depende? De Deus?

- ~~Ou do diabo~~, De Deus, ou do Diabo! quem sabe?

As Fronteiras do ~~Perigo~~ Inferno.

Eram donos da situação ~~e, inversamente ao que viveram na Penitenciária~~, mantinham sob sua mira e vontade ~~dezenas de~~ homens e mulheres, seus prisioneiros.

Nem eles próprios sabiam o que ~~iria~~ poderia acontecer, mas desfrutavam ~~o prazer~~ volúpia de um domínio que os transformava em senhores de muitas vidas. Pouco a pouco o arbítrio, que contamina o ~~implícito no~~ poder, começou a insuflar-lhes no espírito uma ~~perigosa~~ forma de megalomania que perigosamente poderia degenerar em violência e ~~numa vontade perversa de~~ vingança.

Como asas escuras ~~emergia~~ subia de sua~~s~~ alma~~s~~ um ímpeto de ~~sensualidade~~, arrogância e prepotência. Do olhar de cada um ~~deles~~ parecia refulgi~~a~~ um brilho animal, sintoma prévio de rapinagem. E isto era assustadamente pressentido por todos, tripulantes e passageiros, confinados e indefesos, no barco seqüestrado.

A aproximação da fronteira e da cidade brasileira de Benjamin Constant passou a ~~provocar~~ no "Amazonas" uma movimentação ~~invulgar~~ incomum, ~~agravada~~ marcada pelo temor de acontecimentos imprevisíveis.

Além dos apitos prolongados, como sempre ~~acontecia~~ sucedia à chegada aos portos de escala, no passadiço o Comandante, Imediato, piloto e outros tripulantes viviam ~~momentos~~ instantes de grande apreensão.

Do lado dos invasores, também era visível a ~~tensa~~ expectativa do que poderia ocorrer. O perigo, ~~no entanto~~ contudo, em vez de atemorizá-los, dava-lhes arrojo e ~~coragem~~ audácia.

Aguirre, que assumiu a liderança, ~~líder incontestável~~ do ~~grupo~~ bando, conferenciou, num canto, com os companheiros. ~~A decisão que tomaram foi~~ E tomaram uma decisão, depressa comunicada a passageiros e tripulantes, reunidos na popa: ~~desceriam ao porão do navio, levando~~ ficariam confinados nos camarotes com reféns.

- Ninguém será maltratado - assegurou Aguirre à platéia perplexa. - Só queremos nos proteger. Se alguém nos denunciar, aí sim: fiquem certos de que os reféns pagarão caro pela traição. Eles e muitos outros. Mas se

cooperarem, ninguém vai sofrer nada.

Em vez de tranqüilizar, a ameaça fez crescer a inquietação dos que a ouviram, principalmente no instante em que Aguirre começou a selecionar os que desceriam ao porão, dando preferência a mulheres e crianças.

De repente, surgindo de um canto, Frei Massotti aproximou-se do bando e falou, com energia:

- Não precisam levar mulheres e crianças. Isto é uma covardia! Vou descer com vocês!

Aguirre, impaciente, já avistando no horizonte o casario de Benjamin Constant, replicou, asperamente:

- O senhor não se meta, padre! Vai ficar aqui mesmo, é conhecido dos brasileiros. Além disso, levamos quem nós quisermos! E agora me deixe em paz!

Voltou-se de novo para a platéia, convulsionada:

- É melhor parar com esta balburdia! Se não ficarem quietos, vai bala em todo mundo! Não estamos brincando, seus merdas!

A ameaça enfurecida, agravada pela exibição das armas, teve efeito imediato: todo mundo se aquietou.

Dirigindo-se a Caruana, Aguirre fez a última recomendação:

- O senhor já sabe, Comandante: se alguém nos trair, esta gente morre! O senhor será o responsável!

Empurrou os reféns para baixo, descendo ao porão com os sequazes.

Quando o "Amazonas" ancorou em Benjamin Constant, era quase meio-dia.

Fundada pelos jesuítas, somente em 1939 Benjamin Constant do Alto Solimões foi elevada à categoria de cidade.

Limitando-se com os municípios de Atalaia do Norte e São Paulo de Olivença, e com as Repúblicas da Colômbia e do Peru, com área de 5.700 quilômetros quadrados, sua principal atividade econômica é a produção e exportação de borracha, madeira e sernambi, um molusco lamelibrânquio, da família dos mactracídeos.

Distante de Manaus, via-fluvial, 1.628 quilômetros, Benjamin Constant situa-se à margem esquerda do Solimões, perto da foz do rio Javari,

em suave elevação do terreno. Diante da cidade, na margem direita do rio, avista-se a localidade de Tabatinga, sede ~~de importante~~ da bem equipada Companhia de Fronteira do Exército brasileiro.

No porto de Benjamin Constant, ~~melhor equipado do que os~~ pouco diferente dos rústicos embarcadouros ~~peruanos~~ do Peru, ~~também~~ igualmente transitava uma população heterogênea de tapuios, mamelucos, brancos e caboclos.

Num mastro, diante da sede administrativa, tremulava a bandeira do Brasil. Na plataforma, além de passageiros e moradores, circulavam soldados do Exército, da Marinha e do destacamento policial.

~~Embaixo, no porão de~~ Nos dois caminhões inutilizados, sofrendo o calor insuportável, fugitivos e reféns, transpirando por todos os poros, ~~aglomeravam-se entre fardos de carga~~, estavam dominados pela angustiante espera, guardando completo silêncio.

No porto, assim que a prancha foi arriada, policiais, fiscais e funcionários aduaneiros subiram a bordo, para a inspeção de rotina.

No cais, esperando a hora de embarcar, um grupo de brasileiros destacava-se no meio da multidão de mestiços e índios aculturados.

Era a família do fazendeiro e exportador Coronel Raimundo Possidônio Gouveia, nordestino de nascimento, metido num reluzente terno de linho branco, com chapéu panamá na cabeça. ~~Homem~~ Rico e poderoso, a pele curtida de sol, denotava impaciência, o fazendeiro ~~cercado de consideração e respeito~~ e mau-humor.

Quando o "Amazonas" passou pela cidade, ~~dias antes~~, subindo o rio, a caminho de Iquitos, Possidônio ~~iniciou os preparativos~~ comprou as passagens para a viagem, ~~no retorno do gaiola~~ até Manaus. Reservando os dois caminhões confiscados pelo bando.

O Coronel, como era mais conhecido na região do Alto Solimões, transformara-se, em menos de trinta anos, num dos grandes latifundiários e seringalistas da faixa fronteiriça do Brasil.

Dono de ~~enormes~~ muitas e grandes fazendas, a maior delas, com a ~~casa-grande~~ sede, ~~situada~~ situada no município de Benjamin Constant, Possidônio nascera 58 anos antes na cidade de Mossoró, no Rio Grande do Norte, filho de um pequeno proprietário de salineira.

Devido a dificuldades financeiras, emigrou com os pais para a Amazônia. Tinha, ~~então~~, apenas dez anos de idade. Com algum dinheiro, oriundo da venda da jazida de sal, da casa residencial e, principalmente, de uma herança recebida pela mulher, Benevenuto Gouveia, seu pai, conhecido como Bené Gouveia, comprou vasto seringal na região limítrofe com a Bolívia e

ali construiu um barracão-sede. Em poucos anos enriqueceu com a extração e exportação da borracha.

Quando Possidônio completou vinte e dois anos de idade, o pai morreu, vítima de impaludismo e malária, deixando-lhe e à viúva, além da fazenda do Acre, mais três seringais próximos a Tabatinga.

Para lá Possidônio e a mãe se mudaram, tão inóspita era a vida no Acre, com suas doenças endêmicas, sua falta de comunicação, de assistência médica e condições de higiene e conforto.

Adoecendo a mãe e, meses depois, falecendo de complicações renais, Possidônio viu-se só no mundo, rico e dono de um império de terras e seringais que o transformariam no mais poderoso aviador do Alto Solimões.

Aos vinte e cinco anos de idade, cansado da solidão, casou-se com uma índia aculturada de dezesseis anos, que servia em sua casa, com a qual teve apenas uma filha, Jussara, pois o parto, extremamente difícil, quase a matou, impossibilitando-a de ter outros filhos.

Áspero, prepotente, de temperamento explosivo, Possidônio aumentou consideravelmente o patrimônio que herdara, adquirindo novas propriedades e incorporando outras, recebidas como pagamento de dívidas, que ele cobrava de forma implacável.

Em pouco tempo erigira-se em rei da hévea, assim chamado em todo o Norte do país.

A casa que construíra à margem do rio Itacuaí, entre Atalaia do Norte e Benjamin Constant, possuía dezoito cômodos, água encanada e luz elétrica produzida por gerador.

Erguida a pouco mais de dez metros do rio, em pequena elevação do terreno, a morada separava-se da loja, armazém e duas barracas que, vistos de longe, assemelhavam-se a pequena localidade ribeirinha.

Construiu também estradas de interligação das fazendas e seringais, onde trabalhavam centenas de empregados, tapuios, mamelucos e nordestinos emigrados.

Além dos índios brasileiros, precariamente aculturados, a mão-de-obra era também recrutada entre seringueiros dos países fronteiriços, notadamente da Bolívia e Peru. Um deles, Juan Diaz, mostrou grande capacidade de trabalho, e foi promovido a capataz do Coronel, que o dispensava com total confiança, a ponto de fazer as refeições na casa-sede.

Mas quando, certo dia, Possidônio descobriu as pretensões amorosas do boliviano com sua filha Jussara, então lindíssima adolescente de quatorze anos, reagiu colericamente, ordenando ~~dando~~ uma surra de pau no atrevido e expulsando-o brutalmente para o país vizinho.

Além de erguer em suas terras dezenas de barracas de seringueiro, edificadas sobre estacas de madeira em terrenos alagadiços, Possidônio instalou à margem do Itacuaí ampla casa de comércio, onde passou a estocar a borracha colhida pelos seringueiros.

A fortuna do brasileiro permitiu-lhe construir não os toscos barracões de seringueiros, com madeira e cobertura de palha, mas ~~com~~ alvenaria e mobília de algum luxo, ligados ao rio por uma ponte onde ancoravam ~~as~~ embarcações e até vapores para descarga e carregamento de mercadorias e borracha.

O comércio do Carmo ~~de Possidônio~~ era feito por intermédio ~~através~~ de poderosa casa aviadora, cuja razão social ostentava-lhe o nome: "Raimundo Possidônio Gouveia Comércio e Exportação Ltda".

Exportando toneladas de borracha para empresas sediadas em Liverpool, Hamburgo e Nova York, Possidônio, apesar da riqueza, permaneceu com hábitos rígidos e frugais. Parcimonioso nos gastos, próximo da avareza, nunca viajou ao exterior, como outros fazendeiros e seringalistas menos ricos. Nem subiu socialmente, como os fundadores de importantes casas-aviadoras, espécie de instituição bancária, destinada a financiar a produção e suprir de crédito os proprietários de seringais.

Outros, provavelmente mais ambiciosos do que ele, haviam chegado à condição de armadores, com diversificada frota de transporte fluvial. Possidônio, contudo, manteve-se rústico, inculto, de ~~escasso~~ pouco traquejo social.

Sua vida concentrava-se na administração das fazendas, na produção e comercialização da borracha e no convívio familiar. Exercia essas funções com mão de ferro, submetendo a família, empregados e funcionários a normas ~~duras~~ rígidas e patriarcais.

Não era estimado ~~evidentemente~~, apesar de temido e reconhecido como o maior empregador de mão-de-obra da região.

Com relação à filha, era de uma severidade que beirava os limites da tirania. Vigiada como um tesouro, a moça acabou confinada em melancólica

solidão.

Mas o verdadeiro sofrimento de Jussara começou quando chegou à fazenda um amigo do pai, Odorico Munhoz, viúvo de cinqüenta e dois anos de idade, o rosto marcado pela bexiga, o ventre avantajado, os lábios carnudos e sensuais, a fala grossa e gutural.

Homem também muito rico, Odorico, em suas fazendas no Pará, colhia e exportava castanhas, além dos lucros que auferia com próspera casa-aviadora de Belém, da qual era sócio majoritário.

O entusiasmo que Jussara despertara em Odorico inspirou ao Coronel Possidônio o ~~trama~~ plano de um casamento providencial, através do qual expandiria os negócios e equilibraria as finanças, meio abaladas com a queda do preço da borracha no ~~exterior~~ mercado.

Jussara, ~~de imediato~~, desde o início, devotou ao amigo do pai uma antipatia constrangedora, ameaçando o projeto matrimonial e abalando o entusiasmo lascivo de Odorico, cada vez mais atraído pela beleza exótica da mestiça.

Mas o pretendente era duro na queda, e passou a ser presença ~~contumaz~~ habitual no casarão do rio Itacuaí, daí nascendo propostas de negócios e promessas de associação de Possidônio na casa-aviadora que possuía, além de financiamentos para a criação de gado nas terras desmatadas dasfazendas.

Era evidente que as propostas de Odorico Munhoz ~~visavam sempre~~ tinham como objetivo final Jussara. Para levá-la ao altar, exercitava uma insidiosa chantagem pecuniária junto ao Coronel. Com relação à ~~moça~~, eleita, a estratégia consistia em presentes trazidos de Belém, de Manaus e até do exterior, como roupas, jóias e perfumes franceses, que ela recebia friamente, limitando-se a dizer:

- Não precisava se incomodar...

Com o tempo, no entanto, o assédio do pai e a persistência do candidato acabaram derrotando Jussara que afinal concordou com o noivado, a ser oficializado em Belém, em festa promovida pelas duas famílias.

Odorico ficou consciente, na verdade, de que a ~~concordância~~ adesão de Jussara não fora fruto de amor, mas da quebra de sua resistência moral. Confiava, ~~no entanto~~, entretanto, no poder de persuasão do tempo e, principalmente, do dinheiro. Odorico era daqueles que, diante da indiferença sentimental da ~~pretendida~~ moça, julgavam, e ainda julgam pelo mundo afora, que o dinheiro tudo compra, inclusive o amor. Incontáveis exemplos, na verdade, lhe davam razão.

Foi, portanto, com renovadas esperanças e uma excitação que lhe punha nos olhos um brilho libidinoso, que Odorico Munhoz também se preparou animadamente para a viagem, rio-abaixo, a caminho do altar e do leito conjugal.

Reencontro de Ódio

Naquela tarde, aguardando o embarque no "Amazonas", Odorico Munhoz, ao lado de Jussara, parecia o mais feliz dos mortais. Seus olhos cintilavam, pousados ora no navio, ora na noiva, ora em Possidônio, que, perto de Manaíra, sua mulher, enxugava o suor do rosto com um lenço de linho, já encharcado.

Outros viajantes, em torno dos fazendeiros, esperavam igualmente a liberação do navio, alheios ao drama que se instalara a bordo, e do qual, em breve, também seriam protagonistas.

Temendo pela vida dos reféns, ninguém, evidentemente, denunciou a presença dos invasores, nem mesmo quando um militar, seguido por funcionários aduaneiros, perguntou a Comandante Caruana:

- Então, Comandante, como foi a viagem de Iquitos até aqui?

- Normal, Tenente Torquato, normal até agora, graças a Deus.

- Soube da fuga dos presidiários? Seis ou sete bandidos da pior espécie!

Apesar de ligeiramente perturbado pela brusquidão, Caruana disfarçou e respondeu com tranqüilidade:

- Soube, Tenente. E mantive certa precaução.

No cais, enquanto isso, os passageiros impacientavam-se, criticando a burocracia da escala:

- No Brasil é sempre assim! - reclamava azedamente o Coronel Possidônio.

- É gente demais mamando nas tetas do governo! - concordava, bajulador, o pretendente de Jussara.

O Coronel Possidônio, enxugando o suor que lhe descia pelo rosto obeso, chamou dois empregados:

- Não esqueceram nada na Rural?

Um deles, descendente dos tukunas, conferiu a bagagem e respondeu, assustado:

- Tá tudo aqui, Coronel! Doze pacotes. Não esqueceu nada, sim senhor!

Dona Manaíra, que também descendia dos tukunas, comentou, só para di-

zer alguma coisa:

- Será que vai demorar muito, Possidônio?

- E como é que vou saber, ~~Manaíra~~ mulher? - respondeu, aborrecido, ~~o fazendeiro~~.

E resmungou:

- Ora essa!

Deu alguns passos, mal-humorado. Voltou, em seguida, para o lugar de onde saíra e comentou:

- Burocracia desgramada! Corja de vagabundos, protegidos de políticos safados! E esse Juscelino que não faz nada, só pensa em Brasília, construindo palácios, gastando dinheiro dos IAPs, puxando o saco dos militares!

E completou, raivoso:

- Situação de merda!

Foi quando Odorico, ~~quase~~ meio timidamente, sugeriu:

- Não seria bom dar uma palavrinha ao Major Pery, pedir pra apressar o embarque?

- O Major é uma besta quadrada, não vai adiantar nada! - explodiu Possidônio. - Vai dizer que é a Lei, o Regulamento, outras besteiras! Conheço aquele meganha!

Neste ponto, o diálogo foi bruscamente interrompido pela sineta do navio, anunciando ~~a autorização para~~ o embarque e desembarque.

No ~~embarcadouro~~ cais, ~~imediatamente~~, recrudesceu de pressa a movimentação de passageiros, vendedores, carregadores e moradores da cidade.

Seguidos por carregadores, os ~~primeiros~~ viajantes começaram a subir pela prancha de acesso. Despediam-se, gritando uns para os outros, fazendo recomendações em voz alta, tumultuando o embarque.

~~Mais~~ Pouco adiante, pela escada da popa, embarcavam os viajantes de terceira-classe, carregando embrulhos, engradados, trouxas, malas velhas e até aves e pequenos animais, como cães, micos, papagaios, araras e um filhote de jaguaritaca.

Pela escada do convés superior subiu, finalmente, ~~impávida~~, a família do Coronel Possidônio. Não eram, contudo, o rico fazendeiro e seu futuro genro os que mais atraíam as atenções ~~generalizadas~~, mas Jussara, esplêndida em sua carnadura nativa, vestida numa saia de tecido fino que ~~lhe~~ dava

destaque ao corpo fijo de mestiça.

Todos a olhavam, com inveja, e isto aborrecia ~~enormemente~~ Odorico Munhoz, certo de que, mais do que admiração, era a cobiça o sentimento que excitava o olhar guloso dos homens e a inveja o das mulheres. No cais, aliás, uma delas, desfavorecida pela natureza, comentou para uma amiga, observando a caminhada radiosa da mestiça:

- Pouca vergonha!

Jussara, soberba, os seios lindos destacados no tecido da roupa, as pernas torneadas com perfeição, continuava a subir, ágil e indiferente, a escada de acesso. Tinha o olhar triste, displicente, contrastando com a exuberância ~~de~~ que a natureza lhe ~~dera~~ presenteara, generosamente.

Quando ~~alcançou o~~ chegou ao topo da escada, Possidônio defrontou-se com o Capitão Caruana, conhecido de outras viagens.

- Ora, salve, Comandante Caruana! - saudou com efusão. - Sempre firme, conduzindo a bom termo nosso velho gaiola?

- Como Deus manda, Coronel Possidônio. Como vai passando? E a senhora, dona Manaíra?

- Graças a Deus bem - respondeu a mulher do fazendeiro, humilde, ~~quase~~ intimidada.

Jussara aproximou-se para cumprimentá-lo:

- Salve, Jussara! Cada vez mais bonita, hein?

- Bondade sua... - disse a mestiça, ~~com timidez~~.

Possidônio apresentou o futuro genro:

- Conhece aqui o doutor Odorico Munhoz?

- Conheço muito. Figura ilustre de Belém. Como está passando, doutor Odorico?

- Muito bem, Comandante. Muito bem, mesmo!

Caruana voltou-se para Possidônio e perguntou:

- Então, Coronel, mais uma viagem à capital? E com toda a família, não é? A borracha está rendendo, hein?

- Que nada, Capitão! Baixou de preço, dá prejuizo e o governo não faz nada! Mas não vou a Belém a negócio. Desta vez é viagem social: o noivado da menina aqui com o doutor Odorico.

Mal disfarçando a surpresa com a notícia, Caruana cumprimentou os

noivos:

- Ah, pois não! Muitas felicidades aos noivos. E agora fiquem à vontade. Os três camarotes estão reservados, Coronel: o 12, o 13, o 14...

O fazendeiro conferiu os bilhetes, estranhando a troca das cabinas:

- Mas, Capitão, houve algum engano! Nas passagens constam as duas suites: a 1 e a 2!

- Houve ligeira confusão, Coronel... As suites estão ocupadas.

Contrariado, o rosto avermelhado, a testa franzida, encharcado de suor, Possidônio voltou a conferir os bilhetes. E insistiu, desta vez com mais ênfase:

- Mas isto não está direito, Capitão! Fiz reserva com dois meses de antecedência! Não está direito!

Caruana aproximou-se e,apertando o braço do fazendeiro, tentou explicar:

- Por favor, Coronel, houve um motivo sério, por favor, peço sua compreensão. Houve uma emergência! Depois explico!

Chamou um marinheiro, que ia passando:

- Ô Valdomiro, conduza aqui o Coronel e família ao 12, 13 e 14.

E afastou-se para cumprimentar outros passageiros, entre os quais um funcionário do Ministério da Agricultura, ~~homem magro e solene, portando chapéu Ramenzoni,~~

Possidônio, muito zangado, ~~seguiu~~ sedeu resmungando pelo corredor:

- Emergência uma ova! É falta de consideração, um desrespeito! Vou dar queixa ao Governador! Isto não fica assim, vocês vão ver! Vai dar queixa!

Quando o "Amazonas" voltou ao centro do rio, ~~que era agora o~~ a fora com a denominação de Solimões, e começou a descer suas águas barrentas, houve uma espécie de alívio ~~nos que viviam~~ naqueles que combatiam o drama da invasão.

Depois de instalado, ~~Para se refrescarem,~~ fugindo da temperatura tórrida, Possidônio, a mulher, filha e futuro genro foram recostar-se no corrimão do convés.

Viram, então, ~~Minutos depois, chegando~~ surgindo pela escada que ligava o convés inferior ao superior, os seis invasores, com armas e reféns, ~~surgiram como uma visão sinistra.~~

O espanto que se apossou do fazendeiro, de sua família e de outros

passageiros embarcados em Benjamin Constant foi de tal ordem que os emudeceu, por alguns instantes.

Mas Pouco depois, saindo da estupefação, os olhos ~~perplexos~~ fixados no bando, Possidônio exclamou:

- Mas... Santo Deus! que gente é esta?!

- Estão armados, Coronel! - comentou, ~~espantado,~~ Odorico Munhoz. - E completou acrescentou:

- O que estão fazendo resto ~~no~~ navio?

Os ~~seis~~ fugitivos, impassíveis, aproximaram-se, atentos ~~aos~~ do novos viajantes. E o inevitável aconteceu: a família do Coronel despertou-lhes e, principalmente, Jussara, imediata atenção.

Na retaguarda do grupo, Juan Diaz passeava os olhos pelo convés quando, ~~de súbito,~~ subitamente, avistou Possidônio. ~~Muito espantado,~~ Perplexo, avançou alguns metros ~~passos~~ e foi colocar-se ao lado de Aguirre, que seguia à frente.

~~Nesse instante~~, Foi então, empalidecendo, que o fazendeiro avistou ~~e reconheceu~~ o antigo empregado. ~~Assombrado,~~ cheio de assombro, o olhar denunciando medo e incredulidade, só conseguiu balbuciar:

- Mas... não é o Juan Diaz?

Jussara, que também reconhecera o boliviano, aproximou-se instintivamente do pai, como a pedir-lhe proteção:

- Papai... Está vendo? Não é o...

Não chegou a completar a frase, pois Juan Diaz aproximara-se para dizer, irônico:

- Buenos dias, senhor Coronel. Me reconhece? Sou o...

- Sim, sim, já sei! - interrompeu o fazendeiro, retomando a empáfia de quem passara a vida dando ordens. - É Sei! Juan Diaz, o boliviano! Mas, o que está fazendo aqui?

Aguirre também se aproximara e fixava em Jussara um olhar de ~~indefinível~~ gula e admiração, ~~assustando~~ inquietando Odorico.

Juan Diaz, erguendo um pouco a escopeta, que trazia, chegou mais perto do antigo patrão e lhe disse, desta vez com desdenhosa entonação:

- Mundo pequeno, hein Coronel? Acabamos nos encontrando de novo! Quem diria! O mundo (é pequeno), dá muitas voltas, não é mesmo?...

Voltou-se para dona Manaíra e Jussara e, com fingida cordialidade,

cumprimentou:

- Como está, dona Manaíra? E a senho... E você, Jussara, linda, cada vez mais linda!

Aí o Coronel se enfureceu e ~~falou~~ disse asperamente ao boliviano:

- Olha aqui, "seu" Juan Díaz! Veja lá como fala à minha filha!

Juan ~~Díaz~~ ergueu mais a escopeta e, ~~quando ia replicar~~ antes que replicasse, Aguirre se interpôs, ~~entre os dois~~, apaziguador:

- Parece que se conhecem de outros tempos, não é mesmo? Mas não seria melhor se esquecessem as diferenças e tentassem conviver em paz ~~nesta~~ na viagem?

Possidônio não respondeu, limitando-se a dirigir ao líder do bando um olhar desdenhoso, que o irritou.

Temendo que ~~sua~~ a interferência fosse interpretada como manifestação de medo, Aguirre ~~voltou a dizer~~ completou, desta vez com voz resoluta:

- Creio que os senhores não sabem, mas vão ficar sabendo: quem manda aqui somos nós! Vamos viajar juntos e esperamos que se comportem bem, como os outros. E nada de insolência, nem de malcriação!

Ergueu ainda mais o tom da voz e completou:

- Ficou claro?!

Possidônio, sem se intimidar, já recuperando o auto-domínio, reagiu com aspereza:

- Vocês não são brasileiros, e nem parecem ser passageiros do navio! O que estão fazendo aqui? Isto não é um circo!

Vendo passar, pouco adiante, o Imediato, o Coronel fez-lhe um sinal para se aproximar. E perguntou:

- O senhor pode me dizer que gente é esta?

Aparício, que se perfilara, ficou sem saber o que ~~dizer~~ responder, desnorteado. ~~E~~ Mas, com grande esforço, conseguiu balbuciar:

- São de Iquitos... Viajam no navio...

- Que viajam aqui nós sabemos, ora essa! - explodiu o fazendeiro. - Mas, compraram passagens?

Nesse ponto, fervendo de cólera, Aguirre deu mais dois passos e, quase colado no fazendeiro, ergueu o cano da metralhadora e falou aos berros:

- O senhor está perguntando demais, amigo!

- Quem pergunta, quer resposta! - reagiu o Coronel, atrevidamente. - Sou cidadão brasileiro, viajo em navio brasileiro, estou em território brasileiro! Conheço meus direitos! E faça o favor de não me chamar de amigo!

Aí Juan Diaz, ~~com~~ o olhar ~~que inspirava terror~~ infecionado de rancor, avançou ~~também~~ um passo, ergueu a escopeta e, ~~encostando~~ pondo-a no peito do fazendeiro, explodiu:

- Olha aqui, "seu" Coronel de merda! Fique sabendo, cachorrão, amigo ou inimigo, brasileiro ou não brasileiro, quem manda nesta choça somos nós! E quem garante isto é este pau-de-fogo! Não está de acordo? É só dizer, ~~seu~~ filho da puta!

Possidônio, lívido, aterrado, perdeu a valentia, ~~e~~ se acovardou diante da expressão ~~terrível~~ odiosa do boliviano, que ainda lhe disse, ~~cuspindo perdigotos~~ arfando de fúria:

- Não está de acordo, patrão?! Não está de acordo, cachorrão?!

Levantou o cano da arma e, com o dedo no gatilho, encostou-o no rosto ~~pálido~~ lívido do Coronel, completando:

- Não gosta de nós, "seu" capado?! Não gosta de nós, canalha?!

Manaíra e Jussara, apavoradas, exclamaram em uníssono:

- Nossa Senhora!

Odorico, assustadíssimo, aproximou-se do Coronel e, puxando-o pelo braço, pediu:

- Vamos, Possidônio, vamos embora. Vamos, por favor!

- Esperem! - interveio Aguirre, impedindo que se afastassem.

Voltou-se para Jussara e, aparentando calma, lhe disse:

- A senhorita não precisa ter medo, dona... dona... Como é mesmo seu nome?

Possidônio, sem a bravura de antes, respondeu por ela, com voz respeitosa, quase humilde:

- É minha filha... Chama-se Jussara.

Aguirre, sem lhe dar a menor atenção, insistiu, persuasivo, olhando com força a linda mestiça:

- Qual é seu nome, senhorita?

Jussara acabou dizendo, hesitante:

- Jussara...

- Pois bem, Jussara, não precisa ~~temer por~~ ter medo nada - ~~explicou~~ continuou Aguirre, melífluo, devorando a moça com ~~os~~ olhos ~~lúbricos~~ de repulsiva sensualidade. - Não vamos fazer mal a ninguém, muito menos a você. Mas é bom ~~aconselhar~~ dizer a seu pai que pare de insolência! É melhor para ele, para todos! ~~Nós~~.

Antes de afastar-se com o grupo, Juan Diaz ainda disse ao fazendeiro:

- Mais tarde a gente conversa, patrão! Adios!

Deu-lhe as costas e se afastou com os companheiros, no meio do silêncio que ~~pairou~~ ora sobre o convés.

Minutos ~~mais tarde~~ depois chegou Caruana, explicando ao Coronel, cujo rosto perdia a palidez e recuperava a vermelhidão ~~habitual~~ tradicional:

- O senhor agora ~~constatou~~ comprovou, não é, Coronel? São fugitivos da Penitenciária de Iquitos. Invadiram o navio em território peruano.

- E como puderam fazer isto, Comandante? Ninguém impediu essa malta de embarcar!? ~~Navegadora~~

- Impedir como, Coronel? Enfrentando metralhadoras, escopetas, armas automáticas? Invadiram o navio e em Benjamin Constant ~~desceram ao porão~~ esconderam-se nos camarotes com vários reféns, ameaçados de morte se fossem denunciados.

- Mas não houve jeito de mandar um rádio, pedir socorro? - insistiu Possidônio, cuja voz ia readquirindo o tom autoritário de sempre.

- O senhor acha que não pensei nisso tudo? - retrucou Caruana, ligeiramente irritado. - Na sala de rádio há sempre um deles, armado. É uma situação ~~terrível~~ difícil, muito perigosa.

Com o intuito de colaborar, ou, pelo menos, de participar da conversa, Odorico Munhoz opinou, sem muita convicção:

- Não há um jeito de prender essa gente, Comandante? Afinal, são apenas seis pessoas.

- Prender com o quê, doutor? São seis, mas estão armados até os dentes, confiscaram nossas armas.

Possidônio, ~~então~~, lembrando-se da garrucha que ~~trazia~~ guardava na mala, ofereceu-a ao Comandante.

- Obrigado, Coronel. Mas o que pode fazer uma garrucha contra metralhadoras!? escopetas? O melhor, por enquanto, é não provocá-los, esperar por uma solução. E ter cautela, pois ~~são criminosos~~ é gente violentíssimos, con-

denados à prisão perpétua.

Bateu continência e já ia saindo, quando se lembrou de alguma coisa:

- O bando ocupou as duas suites que ~~lhe estavam reservadas~~ o Senhor reservou. Ocupou é um modo de dizer, Coronel: ~~eles as~~ tomaram à força. Com licença. Até mais ver.

E se afastou.

Voltando-se para a mulher e Jussara, Possidônio recomendou:

- Vão descansar no camarote. Quero conversar um pouco com o Odorico.

Manaíra e Jussara obedeceram. Antes de sair, a moça ~~recomendou:~~ pediu:

- Tome cuidado, papai. Por favor! Fique longe desta gente.

Depois que se afastaram, Possidônio ~~dirigiu-se~~ disse a Odorico, baixando a voz:

- Veja você que azar, Odorico! Viajar em navio ~~seqüestrado~~ invadido por bandidos! Situação de merda!

- O que me preocupa, Possidônio, são dona Manaíra e Jussara, no meio desses celerados!

- De fato, Odorico, de fato. Situação de merda!

Depois de ligeira pausa, perguntou:

- Trouxe alguma arma?

- Trouxe não, Possidônio.

- Pois devia ter trazido, homem! Não se viaja sem arma, hoje em dia. Há bandido por toda parte!

- E o que ia adiantar se trouxesse? Acha que é possível enfrentar essa gang com um revólver, uma garrucha? Enfrentar bandidos condenados à prisão perpétua?

Ficaram em silêncio por alguns instantes, refletindo. Depois Odorico advertiu:

- Precisa ter muito cuidado com aquele boliviano, o que foi seu empregado. Parece que odeia você.

E perguntou, intrigado:

- Por quê tanto ódio, Possidônio?

- Porque era safado, ladrão! ~~Foi expulso~~ Expulsei da fazenda com uma surra!

- Aí é que está o mal. Agora o tipo quer se vingar!

- Você faria o mesmo, Odorico. Além de ladrão, salafrário, começou

a se engraçar com Jussara, veja você! Aquele pobre diabo!

- O quê?! Se engraçou com Jussara, aquele ~~reto de merda~~?! - exclamou Odorico, cujo olhar adquirira um fulgor de ódio. - Teve a audácia?! Você fez muito bem, Possidônio! Devia é ter dado um tiro no ~~cachorro~~ canalha!

- É o que eu devia ter feito, mas não fiz.

Calaram-se, refletindo sobre a situação ~~temerária~~ que viviam.

- Precisamos encontrar uma ~~maneira~~ de alertar Manaus - ~~aventou~~ Odorico.

Neste ponto, desanuviando o rosto carrancudo, animado por uma idéia súbita, ~~que encheu de orgulho~~, Possidônio ~~sugeriu~~:

- Odorico: lembrei de uma coisa. E se a gente saltasse em São Paulo de Olivença e avisasse a Polícia de Manaus?

- Mas você acha que vão deixar a gente sair do navio, Possidônio? Não são ~~tão~~ ingênuos.

Emudeceram, assustados, quando avistaram Aguirre, Zimaco, Juan Diaz, Ridruejo e Miguel Viana caminhando no corredor.

Aguirre, que seguia à frente com Zimaco, fez um sinal aos companheiros e foi para os camarotes, onde o grupo passou a examinar a situação.

- Entrou gente demais na fronteira - avaliou Aguirre, preocupado. - É preciso ficar de olho naquele fazendeiro ~~insolente~~, metido a besta!

- Não é melhor liquidar logo o filho da puta? - ~~propôs~~ Juan Diaz, espicaçado pelo ódio vingativo.

- Também tive vontade de dar uma rajada naquele ~~tipo~~! - confessou Aguirre. - O que me conteve foi a filha, aquela mestiça ~~gostosa~~. Não fosse ela, ~~varava~~ o cara de bala!

Encarou Juan Diaz e quis saber:

- Me diga uma coisa, Juan: você comeu a ~~mocinha~~?...

- Quis comer, mas não consegui. O pai vigiava a filha como um cão de fila!

- Pois eu garanto que como a moça, se você não se importar, companheiro.

- Não sou dono dela. Acho que aqui ninguém é dono de ninguém! - replicou Juan Diaz, cujos olhos destilavam despeito.

- Isto é o que você pensa, Juan! - interferiu Ridruejo, que limpava, num canto, a metralhadora. - Não conhece o ditado: "Quem não tem competên-

cia, não se estabelece"?

- O que você quer dizer com isto? - indagou raivoso Juan Diaz, encarando Ridruejo ~~com rancor~~.

- Nada, nada. - falou o peruano, voltando a concentrar-se na limpeza da arma.

Miguel Viana, que se estendera no beliche, entrou na conversa:

- Enquanto vocês pensam em mulher, acho que a situação não está boa para nós. E querem saber de uma coisa? Acho que não vai dar certo.

- Não vai dar certo, por quê, Miguel? - retrucou Aguirre, meio irritado. - Não deu certo até agora? Somos donos da situação, temos armas, munição e até mulher pra tirar o atraso. Por quê não vai dar certo?

- Em cada parada do navio vai entrar mais gente, Aguirre. E se embarcarem militares armados?

- A gente desarma os meganhas, ~~Miguel~~ os bobos! Nosso trunfo é a surpresa, não se esqueça. Surpresa e reféns.

Zimaco, ~~de seu canto~~ por sua vez, interveio, irônico:

- E o que você sugere, Miguel? Voltar pra La Bestia?

Aí Miguel se ofendeu:

- Não seja cretino, homem!

Zimaco, afetado pelo insulto, pulou da cama e se aproximou ameaçadoramente do brasileiro:

- Cretino é você! Cuidado com a língua, "seu" merda!

O conflito, parecendo acalmar-se, provocou pequeno tumulto no quarto, o que levou ~~levando~~ Aguirre a intervir, ~~dando~~ com um murro na mesa:

- Olha aqui, gente! Vamos com calma, sem insultos! Nossa segurança é a união! Com briga e ~~desunião~~ insulto, tudo vai por água abaixo!

Deu alguns passos nervoso na cabina e prosseguiu:

- Unidos, temos chance de escapar. Mas com desunião, voltamos ~~com toda certeza~~ certo pra Iquitos, pros tapas e berros de outro Ramirez! Quem quer isto?!

Do lado de fora do camarote a altercação dos fugitivos atraíra alguns passageiros que transitavam pelo convés. Avisado, Caruana veio escutar.

- Querem voltar pr'aquele inferno?! Acabar como os outros, definhando na solitária?! - ~~dizia~~ prosseguia Aguirre, exaltadamente, ~~no interior da suite~~.

Depois de curto intervalo, continuou, ~~nervoso~~ exaltado:

- A gente leva o plano para a frente, custe o que custar! Não se esqueçam de que só temos duas opções: ou a fuga e a liberdade, ou a prisão perpétua! ou uma bala no peito!

Durante a pausa que se seguiu, ouviram-se vozes e murmúrios no corredor.

Aguirre pediu silêncio e, cautelosamente, aproximou-se da porta, que abriu ~~repentinamente~~ inopinadamente, surpreendendo Caruana e outras pessoas aglomeradas diante do camarote.

Pegos em flagrante, assustados, começaram a se dispersar, enquanto o peruano gritava, colérico:

- Não quero aglomeração nesta porta! Já avisei e torno a repetir: façam o que têm a fazer, tratem de sua vida, que é melhor para todos! Vão embora, circulem, vamos, vamos!

Depois, enfurecido, gritou com mais força:

- Caiam fora daqui, porra!

Voltou ao interior da suite, preocupado com o pessimismo de Miguel Viana, a quem disse:

- ~~Por que acha~~ Não ainda acha que o plano não vai dar certo, Miguel? O navio tem gente demais? Em La Bestia tinha muito mais! E não conseguimos fugir? Você não sabe que gente desarmada não vale ~~pouco~~ nada?

Miguel, derrotado, ainda tentou argumentar:

- Acho difícil escapar por Tefé. Não seria melhor saltar nas na próxima escala, fugir pela selva?

- Que é isso, hombre? Fugir pela selva? - rebateu Juan Diaz, espantado. - Ficou louco? É morte certa!

Aguirre ~~voltou então a intervir~~ novamente interveio, ~~agora~~ com mais energia:

- Não há mais tempo para recuar, gente! Não vamos mudar o plano! É tocar pra frente, de qualquer maneira! E quanto menos se falar nisto, melhor! Não viram como essa gente escuta por trás das portas? Alguém mais quer se manifestar?

Houve um silêncio de concordância. Miguel Viana, vencido, opinou:

- Acato a decisão da maioria. Vamos em frente!

Aguirre, desanuviado, foi pedir a Ridruejo:

- Me empresta aquele mapa do Amazonas. Quero ver uma coisa.

Reencontro de Amor

O rio Solimões, cujo nome deriva dos índios que habitavam suas margens, tem uma extensão de 1.550 quilômetros de Benjamin Constant a Manaus, onde, ao juntar-se com o rio Negro, passa a chamar-se Amazonas.

Da cidade fronteiriça até o Oceano Atlântico o Solimões serpenteia em extensas sinuosidades, alargando-se em certos pontos, até alcançar mais de trinta quilômetros de margem a margem, subdividido em dois, três e quatro brações principais, entre grandes ilhas de aluvião, formando vastos canais laterais, ou paranás, preferidos para a navegação de pequenas embarcações.

Até São Paulo de Olivença, primeira escala após Benjamin Constant, o "Amazonas" passou por numerosos acidentes na bacia retalhada de rios, angras, furos, igapós, igarapés, paranás, cercado por florestas compactas, campinas ondulantes, ilhas e canais profundos.

Intimidados pela presença mortificante dos invasores, os passageiros do gaiola não apreciavam em sua plenitude a paisagem imponente do vale. E isto frustrando-os, impondo-lhes um sentimento incômodo de antipatia e repulsa, como se sentissem violentados na tradição pacífica de convivência, característica daquela gente.

Coagidos pela brutalidade do seqüestro, pouco se movimentavam na embarcação, evitando defrontar-se com o bando feroz que os mantinha sob mira. E eram eles, os bandidos repudiados, que melhor podiam desfrutar a beleza da paisagem que do navio se descortinava, e que os séculos compuseram em sua magnificência.

Era a paisagem exaltada em livros, documentos e narrativas de viagens por sábios, cientistas e escritores, de Orellana a Pedro Teixeira, de La Condamine a Spix e Martius, de Hercules Florence, Henry Walter Bates, Alfred Russel Wallace, Coudreau, Humboldt, Darwin, François Biard, Agassiz, Orville, Hartt, Elisée Réclus, a Tefé, Couto de Magalhães, Euclides da Cunha, José Veríssimo, Alberto Rangel, Inglês de Sousa, Aurélio

Pinheiro, Ferreira de Castro, Raimundo Moraes, Peregrino Junior, Dalcídio Jurandir, Darci Ribeiro, Leandro Tocantins, Márcio de Sousa, Mário Palmério, quantos mais?

Da cela escura onde ~~ali viviam~~ na prisão do Iquitos àqueles espaços ~~abertos e~~ imponentes, os ~~criminosos~~ seus inventores desfrutavam dias de ~~orgulho~~ e nossos triunfo e poder, ~~triunfo e euforia~~. combinação de violência e obstinação

~~Pareciam~~ aspiravam com intensidade aquela ~~sensação luminosa~~ euforia de liberdade, evadidos de sua condição de ~~prisioneiros perpétuos~~ encarcerados. Aquela exultação paranóica, que transmitiam, causava medo a passageiros e tripulantes, que viam ~~na embriaguez do poder~~ nela um perigo imprevisível. ~~de violência.~~

Naquela atmosfera dramática, ~~e indefinida~~, o "Amazonas" seguia viagem, passando por Esperança, Capacete, Ilhas Araríá, Pauaperi, Javarimirim, Tauaru, Assacaio, Santa Maria, Santa Cruz, Boa Vista, São Jerônimo, Macapuana, Santa Rita do Weil, Bom Futuro, até se aproximar, finalmente, ~~da~~ cidade de São Paulo de Olivença.

Quando viram surgir, meio escondidada na mata, a ~~cidade~~ localidade também fundada por Samuel Fritz, cresceu em todos, passageiros, tripulantes e fugitivos, uma nova e tensa ~~mente uma apreensiva~~ expectativa de acontecimentos ~~iminentes~~ inesperados.

A ~~pouco mais~~ menos de um quilômetro da cidade, Aguirre ~~foi perguntar~~ perguntou ao Comandante Caruana, que se ~~postara~~ colocara no passadiço:

- O navio ancora naquela cidade?

- ~~Sim~~. Ancora. São Paulo de Olivença é a ~~próxima~~ escala - respondeu Caruana. - É ponto de embarque de carga e passageiros. E ali recebe carga e passageiros.

- Mais passageiros? ~~Mas~~ Isto aqui já não está repleto? Não vai parar não, Comandante. Passe direto!

- Passar direto? - exclamou Caruana. - Se o "Amazonas" não atracar as autoridades pedem explicações pelo rádio, comunicam o ocorrido a Manaus e a Marinha manda lanchas em nosso encalço.

Aguirre e Carvajal foram conferenciar num canto do tombadilho.

- O homem tem razão, Carlos. É melhor agirmos como na fronteira.

- ~~Descer de novo aquele forno, Julio?~~ Enfurnar de novo naquele cubículo? Juntar mais reféns? Porra, não agüento mais!

- Não há outra saída, Carlos - insistiu Carvajal.

- Está bem, paciência! - cedeu Aguirre. - Vamos apanhar os reféns! ~~descer ao inferno!~~

Aproximou-se do Comandante e ameaçou:

- O senhor já sabe, Capitão. Vamos ~~descer de novo~~ subir com os reféns. Qualquer descuido, eles morrem!

~~Reuniram~~ Juntaram depois passageiros e tripulantes no convés: ~~explicou~~

- Vamos ~~descer~~ nos esconder ao porão do navio com dez de vocês. Os outros ficam cientes, mais uma vez: se houver traição, serão responsáveis pela vida ~~dos~~ dos reféns!

Na ~~partilha~~ escolha dos reféns, eclodiu outro tumulto, principalmente quando Aguirre apontou para Jussara, deixando Possidônio e Odorico Munhoz desesperados.

- Minha filha não! Minha filha não ~~deseo~~ vai! - recusou indignado o fazendeiro.

- E por quê não ~~deseo~~? É melhor do que os outros? - perguntou Aguirre, irritado.

A mãe de Jussara começou a chorar, pedindo ao chefe do bando:

- Pelo amor de Deus, moço! Não leve minha filha ~~pro porão~~ com vocês!

Impaciente, vendo que o barco se aproximava ~~ao~~ do embarcadouro, Juan Diaz agarrou a moça pelo braço e forçou-a a caminhar.

Ao ver ~~Vendo~~ a filha arrastada, Possidônio avançou desatinado contra o boliviano, que ergueu a escopeta, pronto para atirar. Mas Aguirre o impediu:

- Não, Juan! Não é hora disso! A gente troca a moça pelo pai!

Jussara, ~~no entanto~~ contudo, recusou, determinada:

- Não precisam levar meu pai. Eu ~~deseo~~ vim!

~~Quando o "Amazonas" manobrava para encostar no cais incipiente, fugitivos e reféns desceram ao porão escaldante.~~

No pequeno cais invadido pela multidão de passageiros, portuários, funcionários, militares e vendedores, ~~destacavam-se~~ viam-se, num canto, duas religiosas, com seus hábitos brancos. Ao lado delas um casal de índios aculturados, ~~aguardavam~~ a guardava tranqüilo e paciente, alheias à agitação do lugar.

No ~~porão~~ camarote, enquanto isto, fustigados pelo ~~temperatura insuportável~~ calor intenso, fugitivos e reféns esperavam, ansiosos. Mãos no gatilho, inquietos, sombrios, o bando estavam prontos para qualquer eventualidade.

Aguirre, ~~mais atrás~~ num canto, fixava em Jussara um olhar penetrante, que a mestiça, apoiada num ~~fardo de algodão~~ beliche, percebia com desassossego.

Faces coradas, coração palpitante, a mestiça ~~Jussara~~ voltou-se lentamente para ~~na direção do~~ o peruano. Os olhos dos dois se cruzaram, disfarçando sentimentos secretos: nele, um vigor másculo de excitação; nela, medo e inquietude, de mistura com um impulso inevitável de atração que a revoltava. Intimamente ~~empolgava~~. Desejava e temia, ao mesmo tempo, aquele homem que a devorava com os olhos e os sentidos. ~~cobiçava perigosamente~~. Mas, no fundo de si mesma, não parecia recriminar-se. ~~intimamente, não se recriminava~~. Era, naquele momento, mais animal ~~índia~~ do que mulher ~~branca~~, mais instintiva do que racional. Seu rosto transmitia um tal for menos puro, com uma sensação de constrangimento e vergonha.

Enquanto isto, no convés, um incidente ~~causou~~ instante~~s~~ de grande risco: um funcionário do porto, extremamente magro, provocou um ~~de magreza impressionante~~, veio cumprimentar Possidônio com efusão:

- Ora, salve! Que prazer, Coronel! E a senhora, dona Manaíra, como vai passando?

- E o senhor, "seu" Severino? Como vai essa bizarria? - respondeu o fazendeiro, disfarçando o nervosismo.

- Vou indo, vou indo, Coronel, como Deus manda!

Olhou de um lado para outro, procurando Jussara:

- E a menina, Coronel? Onde está minha afilhada?

- A menina? Ora bolas, estava aqui mesmo, inda agorinha! Onde foi se meter, Manaíra?

A senhora, aflitíssima, complicou a situação:

- Mas... ela não foi ~~pro porão~~ com os...

- Foi pra onde? ~~Pro porão?~~ - exclamou espantado o funcionários; ~~espantado. - Mas, o que a menina foi fazer naquele lugar?~~

- Ora, ora, Manaíra! - interrompeu confusamente ~~interveio, confuso,~~ o fazendeiro. - Deve ter ido dar uma volta... ~~Que porão, mulher! Você confunde tudo, que coisa!~~

Odorico então se adiantou, tentando ajudar:

- Foi observar ~~olhar~~ os pescadores, na popa...

Neste momento Caruana se aproximou, vindo em socorro ~~Ao perceber o olhar assustado do funcionário, Caruana veio em socorro~~ do Coronel:

- A moça está na popa, com umas amigas, Coronel.

Voltou-se ~~Virou-se~~ para o funcionário e puxou prosa:

- Então, "seu" Severino? Como estão as coisas na cidade? Já instalaram a agência do Banco?

- Qual nada, Capitão! Esta é uma terra esquecida de Deus! Vive do

rio, triste como um velório, vendo o tempo passar.

Um sorriso forçado surgiu no rosto do Comandante, que ~~ainda disse:~~ comentou:

- Vai melhorar, "seu" Severino, vai melhorar.

No~~s porão~~ camarotes, ~~mortificados pelo calor~~, fugitivos e reféns esperavam ~~sempre~~. Transpirando dos pés à cabeça, Aguirre, foi pouco a pouco se ~~a certa altura~~, aproximando ~~se~~ de Jussara. E lhe disse meio sussurrando: ~~para dizer-lhe, em voz baixa:~~

- Quanto tempo o navio fica no porto? Não agüento mais ~~este~~ o calor!

Confusa, intimidada, a moça custou a responder:

- Acho que não demora...

~~Os dois~~ Estavam próximos, ~~um do outro~~ quase se tocando. Jussara sentia o hálito quente do peruano, sua respiração arquejante, seu olhar veemente. Era como se defrontassem ~~tavam-se~~ naquele inferno escaldante presa e captor. De um lado, o olhar duro e másculo de Aguirre, como se a atraísse para si; ~~perscrutando sentimentos e emoções~~; de outro, o coração arquejante ~~oprimido~~ da mestiça ~~Jussara~~, misturando ~~mesclando~~ sensualidade, e repulsa, desejo, e desprezo.

Subitamente, com um tranco do navio, os dois quase se tocaram. Protegido pelo beliche ~~por uma coluna de ferro~~, Aguirre enlaçou a mestiça, atraiu-a para si, numa rapinagem voluptuosa que a excitou. ~~estremeceu~~. Acariciou-a com as mãos, primeiro no rosto, no colo, nos seios, depois tocou-lhe ~~tocando-lhe~~ no sexo. Jussara quis resistir, aprisionada no abraço voraz do peruano. ~~Toda~~ Sua carga emotiva prelibou, então, o prazer intenso da posse. Entregou-se, com um desejo intenso e secreto, ~~que a estremecia~~, abandonando-se à deliciosa angústia que a ~~estremecia~~ deixava trêmula. ~~um estado de plenitude deliciosa.~~

Pouco ~~Metros~~ adiante, testemunha sombria do assédio erótico de Aguirre, Juan Diaz reprimia sentimentos de inferioridade e revolta. Inconformado, julgando-se com mais direito à mestiça, dava campo livre a Aguirre, mas, insidiosamente, jurava ~~tramava~~ vingança.

X Naquele ~~mesmo~~ exato instante, ~~acima~~ no cais, (as duas religiosas,) Berenice e Clotilde, ~~as duas religiosas~~, continuavam pacientemente à espera do embarque. Como elas, a ~~também~~ seu lado, os dois índios, que as acompanhavam, olhavam intimidados, ~~tinham o olhar humilde e quase assustado diante do~~ o navio imobilizado no molhe, como se fosse qualquer ~~uma~~ coisa que ~~estranha e ameaçadora~~. o ameaçasse.

Nascidas na cidade do Crato, no Ceará, Berenice de Almeida Lima e Clotilde de Almeida eram primas, oriundas de família tradicional e muito religiosa.

Ingressaram na Irmandade Missionária da Imaculada Conceição, da Ordem dos Franciscanos, movidas não só pela fé, como também por motivos humanos

e sentimentais, de profunda repercussão na vida de cada uma. Berenice, a mais jovem, era de uma beleza terna e suave, enquanto Clotilde ~~expunha~~ tinha uma aparência austera e melancólica. O que as ~~aproximava~~ unia e confraternizava era o devotamento ao apostolado, à educação de meninas e moças de origem indígena, que eram preparadas para a vida familiar.

Os acontecimentos da vida ~~anterior~~ de Berenice, antes de ingressar na Congregação, não foram nem edificantes, nem tranqüilos. Ao contrário, inversamente, sua vida fora marcada pelo drama passional, por pouco ~~não resultando em~~ resvalando para tragédia.

Quando estudava ~~na cidade~~ no Crato, apaixonou-se por um estudante muito popular na cidade não só pela perícia no violão como principalmente, pela voz agradável (e os canções que entoava) que a cidade ouvia em nostálgicas serenatas.

~~Aquele~~ Por uma fantástica e inexplicável coincidência, aquele seresteiro que Berenice amou na adolescência era o mesmo Miguel Viana que o ~~estranho e inexplicável~~ destino agora ~~trazia de volta ao Brasil~~, punera, a bordo do "Amazonas".

O romance que viveram, Berenice e Miguel, ~~anos atrás~~ na cidade cearense, ~~evoluiu rapidamente para os~~ chegara depressa aos limites ~~inquietantes~~ da paixão. A adolescente Linda e tímida, ~~Berenice~~ não resistiu ao fascínio ~~de Miguel~~ do rapaz, a quem se entregou, disso resultando uma gravidez que ~~foi motivo de~~ provocou violenta reação da família.

Como o ~~rapaz~~ Miguel não quis~~esse~~ nem o filho, nem o casamento, a fuga covarde foi o caminho ~~escolhido~~ que escolheu. Partiu para Fortaleza e de lá, num navio cargueiro, chegou a Belém do Pará, Manaus, Iquitos e, finalmente, ~~para~~ à capital do Peru, onde, como se relatou, assassinou uma dançarina de cabaré.

Berenice, diante do escândalo inevitável, ~~deixou~~ abandonou também ~~a cidade~~ o Crato e foi ter o filho em São Luis do Maranhão, acolhida ~~na casa de~~ por uma tia viúva, e sem filhos. Ali ficou por mais de um ano, tranqüila, mergulhada numa melancolia que preocupou chegou a dona Eponina, ~~sua~~ a (generosa) tia. Mais tarde, por influência da prima Clotilde, decidiu consagrar-se à vida religiosa, ingressando no Convento de São Luiz, como noviça, depois transferindo-se para a Missão de São Paulo de Olivença, no Alto Solimões, onde lecionou no Educandário da Ordem dos Franciscanos. Lá se tornou ou grande amiga de índios e mamelucos, como Iauitê e Çuriçaua, da tribo dos tukunas, ~~convertidos à fé católica~~.

~~Iauitê e Çuriçaua~~, Nascidos e criados numa aldeia tukuna, à margem do rio Jandiatuba, Iauitê e Çuriçaua foram catequizados pelos franciscanos. Inteligentes, dóceis, de ~~muita~~ grande capacidade de trabalho, ~~eram~~ foram excelentes colaboradores dos transformaram-se em

missionários na conversão de centenas de aborígines de outras tribos da região.

Juntamente com Berenice e Clotilde, Iauitê e Çuriçaua foram designados para trabalhar no Serviço de Proteção ao Índio, órgão federal com escritórios em Manaus e Belém.

O que preocupava Irmã Clotilde, enquanto aguardava no cais de São Paulo de Olivença o embarque no "Amazonas", era a decisão de Berenice de não fazer votos e partir para São Luis do Maranhão, juntando-se ao filho.

Aquele era, aliás, o tema do diálogo que mantinham, em voz baixa, no embarcadouro de São Paulo de Olivença:

- Em Manaus - dizia Clotilde - você ouvirá as ponderações de Madre Superiora. Com prece e meditação você mudará de idéia, Berenice. Estou certa de que mudará, permanecendo na Congregação.

Berenice, com olhar melancólico, ficou algum tempo em silêncio. Depois encarou bondosamente a prima e respondeu, com voz terna, mas firme:

- Pensei e orei bastante, Clotilde. Acho que nem em Manaus, ou noutro lugar, modificarei minha decisão. Quero dedicar-me ao filho, educá-lo com amor e carinho. Não é essa também uma digna missão cristã?

- Claro que é, Berenice. Mas a entrega a Cristo é mais dignificante, mais grata aos olhos de Deus - retorquiu Clotilde, com certa veemência.

Mas o diálogo, naquele instante, foi bruscamente interrompido pela sineta do "Amazonas", anunciando o embarque.

Çuriçaua e Iauitê aproximaram-se das religiosas:

- Acho que está na hora... - disse a índia, com timidez.

Berenice tomou-lhe delicadamente a mão e falou:

- Vamos, minha filha.

Instaladas num único camarote, Berenice e Clotilde retomaram o diálogo difícil, sem testemunhar, como os outros passageiros, a reaparição dos seis presidiários, de volta do porão, assim que o gaiola retomou a viagem.

Desde a invasão do navio, os fugitivos decidiram fazer as refeições em horário normal, juntamente com passageiros e tripulantes. Com isso, provavelmente, pretendiam integrar-se na rotina do navio, conquistando a sim-

patia dos viajantes. Medida inútil, na verdade, pois ~~toda a~~ todos na embarcação devotava-lhes uma repulsa ~~irremovível.~~ irrecuperável.

Foi à hora do almoço, numa quinta-feira, que Berenice e Miguel se reencontraram. E o reencontro ~~cercou-se~~ fi cercado, naturalmente, de um assombro indescritível.

Sentadas à mesa ~~de refeições~~, num canto do refeitório, Berenice e Clotilde conversavam tranqüilamente quando ~~chegaram~~ surgiram os seis presidiários. ~~Observaram-nos~~ Olharam-nos a princípio, com surpresa, ~~mas~~, ao constatar, no entanto, que traziam armas, e exibiam não um aspecto duro e ~~cruel~~ arrogante, passaram da surpresa ao espanto.

Por algum tempo Berenice não pôde reconhecer Miguel, que se instalara entre os companheiros. Qualquer coisa, no entanto, obrigou-a a fixar nele o olhar que, de repente, a fez estremecer até o fundo da alma.

~~A princípio~~ Tentando não acreditar no que via, e com o coração desabalado, com o semblante lívido, continuou a fitá-lo como se visse aquilo um fantasma. Balbuciou então, trêmula:

- Miguel?... Deus do céu, não é possível!...

Miguel Viana, por sua vez, passeando os olhos pela sala, avistou Berenice e, espantadíssimo, reconheceu-a de imediato, murmurando, atônito, como para si mesmo:

- ~~O que é isso~~? É a Berenice? ~~Será~~ Mas... será possível?...

Ao lado da prima, Clotilde percebeu ~~o rosto~~ a fisionomia descomposta de Berenice, sentada e perguntou, assustada:

- O que houve, Berenice? ~~Está transtornada, tão assustada~~... Não está se sentindo bem?

Atravessada por uma angústia ~~indizível~~ irreprimível, Berenice então respondeu:

- Meu Deus!... ~~Veja~~ Olhe, Clotilde, ali na frente, aquele rapaz...

- Qual deles, Berenice? Que gente é ~~essa~~ aquela, afinal de contas?...

- Aquele, ali, à direita, de blusa azul...

- Estou vendo. Parece mais jovem do que os outros, não tem cara de índio.

- ~~Ele é~~ É um brasileiro, Clotilde. ~~Nasceu~~ Natural no Crato, ~~como ou...~~

- Mas, ~~afinal~~ Berenice, quem é ele, ~~Berenice~~ também?

- Você não vai acreditar, Clotilde! É Miguel, o pai de meu filho...

- Não é possível! - ~~tornou a dizer~~ exclamou Clotilde, estupefata.

Do fundo da sala, ~~também~~ batido pelo assombro, Miguel Viana atraía a

atenção dos companheiros.

- Que há ~~consigo~~, Miguel? - ~~indagou~~ perguntou Aguirre, sentando ao lado do brasileiro. - ~~Está vendo~~ Viu o capeta?...

- Olha, Aguirre, aquela moça, ali em frente, aquela religiosa, de hábito branco. Foi minha namorada ~~na cidade~~ onde nasci...

- E o que tem isto demais? Todo mundo teve ~~uma~~ namorada, Isto é normal.

- Foi mais do que namorada, ~~Aguirre~~. Tivemos um filho, houve uma confusão dos diabos!

- ~~Tem~~ Tem certeza, Berenice? - insistia Clotilde, ~~mais adiante~~. - É mesmo aquele covarde que abandonou você? ~~Tem certeza?~~

- ~~Tenho~~, Clotilde. É ~~ele mesmo~~, Miguel, Viana, o seresteiro do Crato. Mas, ~~meus do céu~~, o que está fazendo aqui?

Emocionada, ~~Berenice~~ calou-se. ~~Minutos~~ depois, seguida pela prima, ~~levantou-se~~ deixou o refeitório.

~~Voltando~~ ao camarote, Berenice sentiu-se mal e foi deitar-se. Clotilde deu-lhe um calmante, escureceu a cabina e esperou que adormecesse.

No refeitório, ~~por outro lado~~, a inquietação de Miguel ~~tornara-se insuportável, obrigando-o~~ obrigou-o a deixar também o salão. Informado sobre o ~~número do~~ camarote de Berenice, foi ~~bater lá~~ até lá e bateu à porta.

Quando abriu ~~a porta~~ e ~~deparou com~~ avistou o brasileiro, Clodilde, ~~como primeira reação~~, quis, ~~com voz baixa~~, expulsá-lo dali. Mas se conteve e, para não despertar Berenice, perguntou, em voz baixa:

- O que o senhor deseja?

- Berenice... Ela está? ~~Posso falar com ela?~~ Preciso falar com ela.

- De forma alguma, moço! ~~Ela~~ Está dormindo, não está se sentindo bem. É melhor o senhor ~~se retirar~~ sair daqui!

Ouvindo, ~~de dentro~~, a voz de Miguel, Berenice levantou-se, chegou à porta, e disse com tranqüilidade à prima.

- Pode deixar, Clotilde. Falo com ele.

- Berenice... - só conseguiu dizer Miguel Viana, emocionado.

- Vamos para ali - ~~propôs~~ sugeriu Berenice, apontando para ~~um canto do~~ o convés.

- Berenice - interveio Clotilde, contrariada. - Não deve conversar com este homem!

- Por favor, Clotilde! ~~Preciso~~ Quero conversar com ele.

- Fique tranqüila - disse Miguel. - Não vou fazer ~~nenhum~~ mal a Berenice.

- Mal o senhor já fez, moço! Já fez muito mal! Ainda quer mais?

- Por favor, Clotilde! - repetiu Berenice. - Não demoro, fique ~~segura-~~ ~~da.~~ tranqüila.

E se afastou com ~~o fugitivo~~ meu fiel.

No refeitório, Aguirre fixava em Jussara um olhar ~~candente~~ insistente, percebido por Odorico. Para distraí-los, Jussara falou ~~ao pai~~ do outro lado da mesa:

- Onde é que essa gente vai desembarcar, papai?

- E como vou saber, menina? - ~~redarguiu~~ respondeu o fazendeiro, mal-humorado. - Ninguém sabe o que eles estão planejando!

Odorico bebeu um gole de cerveja e também opinou:

- Não têm muitas opções, Possidônio: ou fogem pela selva, ou ~~serão~~ vão ser presos em Manaus.

- E se saltaram antes? - aventou Jussara. - Em Santo Antônio do Içá, por exemplo? Ou em Tefé? Por que o senhor acha que vão até Manaus?

Aguirre, ~~da~~ da mesa, sabia perfeitamente que ele e os companheiros eram o centro das atenções ~~adversas~~ daquela gente que os odiava e, sem dúvida alguma, desejava vê-los pelas costas.

E meditava, bebendo uísque:

- "De todo esse bando de poltrões, só me interessa aquela índia gostosa. Os outros que se fodam!"

No convés, protegidos do sol por uma cobertura de lona, Miguel e Berenice ~~iniciam~~ haviam do um diálogo constrangido e cheio de reminiscências ~~incômodas~~. Apesar disso, conversavam com relativa serenidade, disfarçando mágoas ~~e remorso~~ e um sofrimento que lhes ~~dói~~ pesava no coração.

Miguel, aniquilado, ouvia mais do que falava. A moça, Berenice, consciente de aquele reencontro era mais uma provação para seu espírito, habituado à prece e ao silêncio, falava com suavidade, apesar da tristeza profunda que seu rosto transmitia.

- O que você fez de sua vida, Miguel? - dizia com pesar. - Por quê destruiu sua mocidade, entregou-se ao mal, tornou-se um criminoso?

Com as faces lívidas, envolveu-o com um olhar lastimoso, o semblante tomado por uma comoção ~~intensa~~ intensa.

Miguel limitava-se a ouvi-la, sentindo no coração um vazio terrível.

- Olhando para você, Miguel - prosseguia Berenice - descubro em sua vida uma grande miséria moral.

Depois, como se arrependesse das palavras duras que pronunciara, pousou nele um olhar indulgente. E acrescentou, com voz sofrida:

- Só a piedade de Cristo pode salvar você, Miguel. É sua única esperança!

- Berenice... pelo amor de Deus! - suplicou Miguel, desesperado.

E desabafou, como pedindo socorro:

- Sofri muito, Berenice! Agora nem sua piedade me salva!

Berenice mantinha a alma agoniada, o olhar transmitindo uma sensação de embaraço e vergonha. Mas ainda teve um impulso de ternura, quando falou, após curto silêncio:

- Nós nos amamos um dia, Miguel. Mas nosso amor só nos trouxe sofrimento, meu amigo, meu infeliz amigo! - exclamou prostrada, ao sentir que suas forças se exauriam.

Descobrindo que ela se fragilizava, Miguel recuperou um pouco a capacidade de refletir. E reagiu, apesar do profundo sentimento de culpa que o atormentava.

Narrou, então, os anos infames que vivera, após fugir do Crato. Descreveu, inclusive, o crime que cometera em Lima, a condenação, as torturas no presídio, até chegar à fuga e ao assalto ao "Amazonas".

Nesse ponto, desabafou, em confidência que penetrou fundo no coração da noviça:

- Matei duas vezes, Berenice. Você, por covardia, e Helena, por ciúme e loucura!

Exausto de sofrer, consumido pelo tormento, abriu o coração mutilado, pediu perdão, num lampejo de desvario:

- Paguei caro pelo que fiz, Berenice! Fui condenado a viver, pelo resto da vida, numa prisão!

Comovida, o olhar compassivo, Berenice tomou delicadamente a mão de Miguel e prometeu com doçura:

- Vou rezar por você, Miguel. Rezar e pedir a Deus para que se arrependa e se entregue, pagando pelo crime que cometeu.

Reagindo ao estado de inércia que o debilitava, Miguel quase se exaltou:

- Pede que me entregue, Berenice? Que traia os companheiros, volte para aquele inferno?

Berenice reagiu e, também exaltadamente, respondeu num arrebatamento que deu à sua voz uma ~~dura~~ entonação:

- Você passou a vida traindo a si mesmo, construindo infernos onde enterrou sua alma, degradou sua consciência!

Arquejava, falando com um acento de cólera que ela própria não conhecia. Calou-se, com remorso e comiseração.

~~Inesperadamente~~, num rapto de piedade, contemplou Miguel que chorava, torturado pela vergonha. Aproximou-se, abraçou-o com uma ternura que o comoveu. Depois murmurou, com voz trêmula:

- Se você se entregar, Miguel, juro que vou lutar com todas minhas forças para você ficar no Brasil, ~~aqui cumprir pena~~, até ganhar a liberdade.

Miguel beijou os cabelos, a fronte, o rosto ardente da noviça, que ainda acrescentou:

- Quando sair da prisão, Miguel, estarei esperando você. E vamos, ~~nós~~ ~~dois~~, reconstruir a vida com nosso filho.

Morte, rio-abaixo

Certa noite, durante o jantar, chegou apressadamente ao refeitório um tripulante da sala de máquinas. Tinha a roupa suja de óleo e graxa e foi diretamente à mesa do ~~Comandante~~ Caruana, a quem falou, nervosamente, em voz baixa.

O Comandante, ~~Imediatamente, Caruana~~, preocupado, pediu licença aos oficiais que o acompanhavam na refeição, levantou-se e saiu com o maquinista.

O fato chamou a atenção dos seis ~~assaltantes~~. Aguirre fez um sinal a Carvajal que foi atrás de ~~seguiu~~ Caruana, abordando-o no canto do navio.

- Aconteceu alguma coisa? - perguntou ~~disse~~ Zimaco a Juan Diaz.

- Parece que sim. O Carvajal foi saber. Vamos esperar.

Chegando à sala de máquinas, Caruana e Carvajal ouviram do Chefe-Maquinista, um mulato truculento, sem camisa, o dorso untado de óleo e suor, uma notícia preocupante:

- ~~Comandante~~ Uma tora entortou o eixo do navio. Precisamos encostar, comandante senão o motor emperra.

- Não dá para chegar a Amataurá, Sebastião?

- Não dá, Comandante. A batida foi forte. O eixo pode quebrar de uma hora pra outra.

- Pois se o jeito é encostar, Sebastião, a gente encosta. O que se há de fazer?

Antes que Caruana se afastasse, Carvajal comentou, desconfiado:

- Se isto ~~foi~~ for sabotagem, Comandante, vocês vão se dar mal!

- Sabotagem coisa nenhuma, homem! Isto acontece em quase toda viagem! O rio está cheio de detritos, de árvores, madeira, porcaria de todo tipo. Só se for sabotagem deste ~~mundo~~ mundão de água que desbarranca a mata, invade tesos e aldeias, engole casas e animais! Isto é comum por aqui!

Depois, já saindo, desabafou:

- Agora, moço, com licença. ~~Tenho de~~ Vou tomar providências, ou o ~~navio~~ faial pára de vez, pode ficar à deriva!

Voltando ao refeitório, onde os presidiários ~~estavam sós, bebendo,~~ estavam isolados, Carvajal relatou o ocorrido.

- Que merda! - ~~vociferou~~ grunhiu Aguirre, ~~dando~~ com um murro na mesa. - Mais esta!

Esta choça
O caiola já anda como lesma! Vai enguiçar logo agora?

Carvajal, mais previdente, sugeriu:

- É bom a gente observar se vão mesmo consertar o defeito. Depois a gente decide o que fazer.

- Bem lembrado. Vamos até lá.

O "Amazonas", manobrado com perícia, aproximou-se de pequena enseada, perto de Caturiá, onde ancorou para consertar a avaria.

A noite, de lua cheia, deixava claramente ver as margens do rio e da mata, de onde chegavam ruídos de grilos, sapos, gritos e guinchos de pássaros e animais.

Seria Iria ser uma noite inesquecível, lembrada com espanto por muito tempo.

E começou Assim que a luz forte de um holofote foi lançada da popa sobre o rio, mergulhando dois maquinistas, Antônio e Agenor, mergulharam de calção para fazer o reparo.

Rapidamente, uma onde enorme de insetos, piuns e carapanãs, atraídos pela luz forte, chegou da floresta. Eram os piores inimigos das viagens fluviais, e sua voracidade foi relatada por Charles Marie de La Condamine que, de 1742 a 1743, desceu o Amazonas para até chegar à Guiana Francesa.

No "Relato Abreviado de uma Viagem pelo Interior da América Meridional", o cientista escreveu:

"Aí começamos a nos libertar dos mosquitos, maribondos e insetos de toda sorte, o maior incômodo que tivemos no transcurso de nossa navegação. São tão insuportáveis, que os próprios índios não viajam sem uma tenda de tela de algodão, para se abrigarem durante a noite".

Alguns passageiros, mais curiosos, foram debruçar-se na amurada da popa, para acompanhar o trabalho, dos maquinistas, enxotando com as mãos os insetos que voltavam sempre, insaciáveis.

Outros, aproveitando a parada do motor e o silêncio, só rompido pelo ruído bater de martelos na tarefa do reparo e chaves de fenda, foram para as cabinas, como o Coronel Possidônio, sua família, Frei Massotti, Michel Leroy, Berenice e Clotilde, além dos turistas americanos, os da terceira classe estendendo suas redes e catres, na terceira classe, os passageiros mais pobres, atraídos também pela luz enxame voraz dos insetos.

Ridruejo, Carvajal e Juan Diaz, armas em punho, fiscalizavam de longe com força o conserto do eixo danificado, enquanto Zimaco cumpria o plantão na sala de rádio.

Aguirre e Miguel Viana ~~seguiram~~ foram para o convés superior, ~~onde o~~ O brasileiro apanhou o violão, afinou as cordas e começou a ~~cantar~~ solfejar uma melodia ~~do seu~~ do tempo de seresteiro.

Seu pensamento ~~levou-o~~ levara-o de volta ao passado, a Berenice, às serenatas nas noites quentes do Crato. ~~Mas~~ As reminiscências, no entanto, em lugar de enternecê-lo, mergulharam-no numa melancolia ~~pungente~~ profunda.

Aguirre, vagarosamente, ~~caminhou~~ deu alguns passos no corredor, aproximou-se do camarote de Jussara, ~~diante do qual~~ recostou-se no corrimão, ouvindo a canção de Miguel:

- "Lábios que beijei,
mãos que afaguei,
numa noite de luar assim.
O mar na solidão bravia,
e o vento a soluçar pedia
que fosses sincera para mim..."

~~Metros~~ Pouco adiante, Berenice, deitada, mantinha os olhos abertos, ~~ouvindo~~ e também ouvia a serenata, ~~de Miguel~~, ~~recompondo na memória~~ recordando igualmente as ruas ~~desertas~~ do Crato, o vento gemendo nas persianas das janelas. Em vez de nostalgia, sentia uma opressão no coração ~~magoado~~ sofrido, uma grande angústia a oprimir, fazendo-a chorar. ~~E chorou~~, deixando que as lágrimas descessem pelo rosto ~~pesado de~~ devastado pelas lembranças ~~trazidas pela voz de Miguel~~ que a voz de Miguel lhe trazia. ~~Do fundo de sua alma começou a nascer, ou renascer, um amor casto, cheio de pureza, despertando-lhe as fibras adormecidas de seu coração.~~

X → Noutra cabina, ~~poucos~~ metros adiante, Jussara também ouvia a serenata. O que sentia, ~~no entanto~~ evitado, nada se assemelhava ao sentimento ~~puro~~ atormentado de Berenice. O da mestiça ~~buscava~~ chegava a Aguirre com um frêmito de sensualidade, ~~Meteu as~~ que a levou a colocar as mãos sob a camisola fina, ~~e, lentamente,~~ acariciando o próprio corpo, ~~os olhos fechados, a boca entreaberta.~~

~~Quando ouviu~~ Ouvindo passos no convés, certificou-se de que ~~[illegible]~~ Aguirre estava perto, a poucos metros do camarote. Saboreou então uma sensação de prazer e, simultaneamente, de inquietude. Voltou ~~-se~~ os olhos para a porta e viu ~~quando~~ a maçaneta ~~girou~~ girar, sentindo o coração desabar. ~~A~~ Mas a porta ~~no entanto~~, estava fechada, ~~a chave.~~

Aguirre se afastou, ~~retornando~~ voltando para junto de Miguel, que continuava a cantar.

No ~~Solimões~~ rio, enquanto isto, os ~~dois~~ maquinistas trabalhavam, observa-

dos pelos espectadores noturnos.

Na popa, passeando os olhos pelos passageiros mais próximos, Ridruejo avistou num canto o casal de índios tukunas, Iauitê e Çuriçaua. Atraído pela beleza juvenil de Iauitê, aproximou-se e puxou prosa:

- Embarcaram em São Paulo de Olivença? Vão para Manaus?

Intimidados, com a arma que Ridruejo carregava, os índios não responderam. Mas o peruano insistiu:

- Não falam português? Ou espanhol?

Çuriçaua fixou no invasor um olhar inamistoso. Só então respondeu:

- Vamos para Manaus.

E se afastaram, enquanto o preliminário acompanhava, excitado, o vulto delicado da indiazinha, seus longos cabelos negros, tombados nos ombros.

Juan Diaz, que observava de perto, veio interrompê-lo na contemplação lasciva:

- Nunca tinha visto índia, Ridruejo?

- Claro que já vi, Juan. Mas uma bugrezinha gostosa como esta, não tinha visto.

- Tome cuidado - aconselhou Juan Diaz. - Esses índios são traiçoeiros!

- Eles têm fechas, Juan, mas eu tenho isto aqui! - respondeu Ridruejo, afagando a metralhadora.

A noite ia alta e, com exceção do ruído dos maquinistas, trabalhando na oficina, o silêncio se tornara maior.

De súbito, aquele silêncio pressagioso foi rompido pelo grito de um dos maquinistas, ferido na hélice, após surgir na superfície com uma máscara impressionante de horror:

- As piranhas! As piranhas! Deus do céu!

Agenor, o outro maquinista, veio também à tona, mais adiante, atravessando com grandes braçadas o espaço que o separava da escada de corda, que começou a subir aos gritos:

- As piranhas! Atacaram o Antônio! As piranhas, as piranhas!

Os gritos dos dois homens ecoaram na noite, patética, acordando passageiros e tripulantes, que chegaram correndo ao local da tragédia.

Um dos primeiros a chegar foi Caruana, ajudando, espantado, o maqui-

nista sobrevivente ~~a chegar à popa~~. Agenor, transfigurado, suplicava ~~entre lágrimas~~ aterrorizado:

- As piranhas, Comandante! Atacaram o coitado do Antônio! Ele se ~~feriu~~ cortou na hélice, o infeliz! Pelo amor de Deus, Comandante, salve o Antônio! Vai ser devorado!

Aguirre, Miguel Viana e os outros ~~fugitivos~~ tripulantes acorreram à popa, ~~muito~~ assustados, sem entender o que se passava.

Frei Massotti e Michel Leroy ~~abandonaram~~ deixaram o pôquer, ~~que jogavam~~ na cabina, e ~~chegaram precipitadamente ao~~ se precipitaram para o local, enquanto Possidônio ~~assomou~~ surgiu à porta do camarote, indo ao encontro da ~~filha~~ Jussara, que abrira a porta.

Em poucos minutos a popa ficou repleta de gente assombrada. ~~com o espetáculo sangrento.~~

Os ~~presidiários~~ prisioneiros, armas à mão, observavam espantados a luta do tripulante com os peixes famintos, enquanto Agenor, ~~salvo milagrosamente~~ do alto da popa, ~~pedia~~ suplicava, patético:

- Gente, pelo amor de Deus! Salvem o Antônio, façam alguma coisa! Ele está morrendo!

Impressionado com o desespero do maquinista, Ridruejo assestou a metralhadora para baixo e começou a atirar em torno volta do infeliz, que se debatia, tentando ~~afugentar~~ afastar o cardume feroz.

Aguirre aproximou-se, segurou a arma do companheiro e explicou:

- Não adianta, ~~nada~~, Ridruejo. O homem está perdido! São centenas de piranhas, estraçalhando o coitado! ~~Ninguém pode salvar aquele infeliz!~~ Está perdido!

~~No rio~~ Embaixo, lutando contra o cardume, Antônio, ~~aos poucos~~ pouco a pouco, ia perdendo as forças.

Fervilhando com a fantástica velocidade dos carácidas, as águas do rio ~~iam~~ foram se cobrindo de sangue, enquanto o que sobrava do maquinista descia ao fundo.

Saciadas, devorando ainda restos sangrentos de carne, as piranhas afastaram-se ~~do local~~. Lentamente, as águas do Solimões se aquietaram, enquanto ~~a poça de sangue, arrastada pela correnteza, distanciava-se do navio.~~ a correnteza arrastava a poça de sangue.

Depois tudo ficou volta a ficar em silêncio. Um silêncio ~~lúgubre~~ sinistro que chegou até a floresta.

Quando amanheceu, com o reparo incompleto da avaria, o "Amazonas" reiniciou lentamente a viagem.

Transitando pelo barco, passageiros e tripulantes ~~traziam~~ exibiam no rosto a marca do assombro. No tombadilho, conversando com ~~Frei~~ Massotti, e outro passageiro, Michel Leroy explicava que as piranhas que ~~atacaram~~ devoraram o maquinista ~~eram~~ pareciam do tipo piranha-cachorra, que só ~~investe~~ ataca quando cheira ~~a carne~~ sangue. Aquela fora a desgraça de Antônio, ferido acidentalmente na hélice do gaiola.

~~Mais~~ Abaixo, no convés, Aguirre interpelava o Comandante, preocupado com a ~~lentidão~~ marcha lenta do navio:

- Não pode ir mais depressa, Comandante? ~~A avaria não foi consertada?~~ Não conseguiram o reparo?

- Só parcialmente - explicou Caruana. - Diante do ~~que ocorreu~~ ocorrido, ninguém quis descer ~~ao rio~~ para ~~concluir~~ terminar o reparo. O jeito ~~foi~~ é continuar a viagem em marcha reduzida, para não forçar o motor. Em Santo Antônio do Içá ~~terminamos~~ remos o trabalho.

- E demora muito?

- ~~Creio~~ Acho que não. Tempo suficiente para receber carga e passageiros.

O Calor do Desejo

Depois de passar, em marcha lenta, por União, Amatuará, Vargem Grande e pela Ilha Javarimirim, o "Amazonas" aproximou-se do ponto de encontro do rio Içá com o Solimões.

Como o Solimões, ~~também~~ o Içá é também um rio internacional, pois atravessa grande parte da Colômbia, com a denominação de Putumayo.

"O Içá - informa Elysée Réclus - é o tributário setentrional que, dadas as proporções, despeja maior quantidade de água no Solimões, porque as mais elevadas nascentes, ao Norte e ao Sul da linha equatorial, descem da vertente oriental das montanhas de Quito, onde abundam as borrascas em todas as estações do ano, e onde a atmosfera é tão constantemente nublada por chuvas e nevoeiros, que o viajante precisa sempre de bússola para orientar-se".

Depois de nascer nos contrafortes dos Andes, ~~o Içá~~ penetra no Brasil na altura de Aliança, banhando terras brasileiras ~~numa distância de~~ por 357 quilômetros.

Diz ainda Réclus que o nome Içá foi dado pelos índios Omáguas, descendentes dos antigos Içás, habitantes das margens daquele rio.

Chegando ao estuário, ~~local~~ lugar de grande beleza natural, a marcha reduzida do "Amazonas" permitiu que seus passageiros pudessem observar a belíssima paisagem, com as águas do Içá represadas pelo ~~do~~ Solimões, cujo leito se ~~amplia~~ abre em águas remansadas, ~~ornadas de~~ formando lagos e ~~formando~~ numerosas ilhas, como num pequeno arquipélago.

Antes de encostar no ancoradouro de Santo Antônio do Içá, os fugitivos ~~iniciaram~~ repetiram a tormentosa escolha dos reféns para ~~a "descida aos infernos".~~ o abrigo nas cabinas.

Como ~~anteriormente~~ da outra vez, a ~~providência~~ seleção foi precedida de ~~revolta e~~ muita agitação. Aguirre novamente indicou Jussara, enquanto Ridruejo, ~~sempre~~ atraído pela índia tukuna, separou Iauitê, diante do protesto inútil de Çuriçaua, que pretendia acompanhá-la.

Quando Zimaco indicou as duas religiosas, Berenice, muito aflita, veio pedir:

- Por favor, moço, deixe Irmã Clotilde aqui! Não tem boa está bem de saúde.

Zimaco ia protestar quando Miguel Viana, vindo em socorro da religiosa, veio intercedeu:

- Deixe ficar a mais velha, Zimaco. Está mesmo doente.

- Já que você quer pede, Miguel, está bem. A gente leva a mais moça.

Berenice lançou um olhar agradecido ao brasileiro e, antes de descer, esforço tranqüilizou a prima:

- Tudo vai correr bem, Fique tranquila, Clotilde. Deus é grande.

- Vou rezar por você.

Minutos após descerem ao porão, depois se fecharam nos camarotes, enquanto o "Amazonas" atracou em Santo Antônio do Içá.

Embaixo, no calor tórrido, fugitivos e reféns esperavam, em silêncio, suportando não só a temperatura escaldante, como os ruídos do reparo do eixo avariado.

No camarote
Aguirre foi para perto se aproximou de Jussara, mantendo com ela um diálogo ofegante e sensual. Ridruejo, por sem lado, arrastara Iauitê para um canto, onde, meio oculto por uma cama beliche e um armário protegido por caixas e fardos de algodão, praticamente a possuiu, transtornado pela excitação, era a prova palpável de que crueldade e luxúria se confundem, uma ampliando o vigor de outra.

Iauitê despertara o impulso instinto erótico do delinqüente, transformado em instrumento de um instinto poderoso impulso irreprimível de idiopatia sexual, que o arrastava às agressões mais infames. A pequena índia, temendo uma violência maior, submeteu-se com asco ao instinto (obsceno) do criminoso.

Vendo Iauitê nas mãos sujas do invasor, Berenice pedia foi ajuda a Miguel Viana.

- É melhor não interferir, Berenice. Ridruejo é um homem violento, violentíssimo, pode colocar em perigo a vida da índia.

- Mas Miguel - insistiu a noviça, Berenice revoltada. - Ela é uma criança! Isto é uma indignidade, pelo amor de Deus, retire-a das mãos daquele bandido!

Ouvindo Berenice, Zimaco, que estava perto próximo da noviça, aconselhou:

- É melhor não se meter com Ridruejo, moça. Pode ser pior!

Juan Diaz, mais afastado, noutro canto, observava com rancor o novo assédio de Aguirre sobre Jussara. Perto dele, A seu lado, Carvajal endereçava lançava também para Aguirre um olhar raivoso, não de gênero diferente do que marcava o semblante do boliviano; mas um olhar encrenqueiro

de ~~ciúme~~ despeito e sofrimento.

Observando a beleza exótica de Jussara, Carvajal lhe convergia ~~para ela~~ um ódio profundo e orgânico, pois ela lhe roubava o objeto de seu ~~amor~~ afeto anormal. Nele, ~~era~~ o ciúme era a causa patológica de um ~~ódio~~ rancor destrutivo, o mesmo que, normalmente, se manifesta ~~pelas~~ através das relacionadas formas ~~anunciadas~~ por Bourget: o ciúme mental, o ciúme do coração e o ciúme dos sentidos. Nenhum se explicando pela lógica, ou pelo ~~razão~~ raciocínio, pois, como se sabe, o ciumento não é um louco lógico, ~~pois age~~ agindo mais pelo impulso erótico que se direciona para o homem, e não para a mulher.

No caso de Carvajal, o objeto de sua afeição e de seu impulso homossexual era Aguirre, e não Jussara. E Aguirre, naquele instante, só pretendia a conquista da mestiça.

Noutro canto do ~~perão~~ camarote, onde se encontrava, Berenice meditava sobre o estado de espírito ~~do~~ daquele bando homicida, ~~já~~ próximo de limites de grande risco. Reconhecia-lhe a força desigual, submetendo o navio a ~~um~~ seu arbítrio ~~extremamente perigoso~~ temerário, ~~já~~ agora ~~cometendo~~ se exprimindo por atos ignóbeis.

Além de Jussara e Iauitê, temia que Berenice ela e Clotilde, apesar de sua condição de religiosas, ~~corriam~~ iriam sofrer séria ameaça, pois também eram mulheres.

Concluído em Santo Antônio do Içá, o reparo total do eixo danificado, o "Amazonas", reabastecido e com mais carga e passageiros, ~~acionou o sinal de partida~~ deixou o embarcadouro e voltou ao centro do rio.

Os assaltantes voltaram ao convés com os reféns. Estavam encharcados de suor, exasperados, ~~a~~ cheios de impaciência.

Naquela noite, durante o jantar, beberam em excesso ~~excessivamente~~, enervados, maldizendo o "inferno em que ~~se meteram~~" haviam sido".

Miguel, para amenizar o ambiente, apanhou o violão e começou a cantar El Triste, cantiga tradicional dos Andes bolivianos, e cuja nostálgica melodia exprime a tristeza de uma raça forjada no meio agreste da Cordilheira.

A cantiga humanizou Juan Diaz, deixando-o à beira das lágrimas, rememorando a infância num povoado fronteiriço da Bolívia. Os outros, bebendo em

silêncio, deixavam emergir de sua alma rústica sentimentos enternecidos que nem o crime pervertia.

Por toda a embarcação, descendo com maior velocidade o Solimões, a voz do brasileiro criou uma atmosfera poética que parecia atenuar a tensão daqueles dias dramáticos.

Aguirre, num canto, pensativo, bebia calado, enquanto Zimaco, com a garrafa de cañaso vazia, tombara a cabeça na mesa, embriagado.

Fora, no corredor do convés superior, ninguém circulava. No passadiço, Caruana conversava com o piloto:

- Tenho um mau pressentimento, Jerônimo. Acho que isto vai acabar mal.

- Comandante - disse o piloto: - e se a gente passasse ao largo em Fonte Boa, apitando? O destacamento da Polícia compreenderia que alguma coisa de anormal estava acontecendo.

- É muito perigoso, Jerônimo. Pode haver um morticínio. Estão exasperados, bebendo muito. São capazes de tudo.

- É verdade - concordou o piloto. Não têm nada a perder.

- Vamos encontrar uma saída - prometeu Caruana. - É preciso paciência, esperar o momento certo para agir.

- E onde estão agora os celerados?

- No refeitório, esvaziando as garrafas.

Lá, efetivamente, Zimaco e Juan Diaz, embriagados, dormiam debruçados sobre a mesa, enquanto Carvajal, melancólico, sempre bebia. Aguirre, que era resistente à bebida, em certo momento fez um sinal a Miguel e os dois foram ao convés. E lá recostaram-se na amurada, a poucos metros do camarote de Jussara.

Respiraram ar fresco, calados. Miguel empunhou o violão, ouvindo Aguirre pedir:

- Cante Potosino Soy, companheiro!

Miguel deu os primeiros acordes e iniciou a cantiga. Tocado pela atmosfera romântica que se espalhara, Aguirre fixou na cabina de Jussara um olhar incitante. E tomou, afinal, a decisão audaciosa: atravessou o corredor, parou diante da porta, pronto para arrombá-la. Antes, torceu a maçaneta e com surpresa viu que estava aberta. Empurrou-a cautelosamente e entrou.

Miguel, de seu posto, observava tudo com um sorriso conivente. E can-

tou inspiradamente, buscando Berenice em pensamento. pensando amorosamente em Berenice.

Aguirre, no interior do camarote, na penumbra, trancou a porta e caminhou lentamente na direção da cama, sobre a qual Jussara o esperava, inteiramente nua. interno

A mestiça, o corpo delineado pela luz fraca que entrava pela escotilha, tinha o rosto ansioso, o corpo palpitante, pronto para a entrega. débil

Aguirre então se despiu, fixando nela um olhar abrasado. Jussara, vendo surgir o corpo másculo do peruano, sentiu um misto de medo, de desejo e de uma excitação voluptuosa que antecede a posse física. espanhol

Aguirre deu mais dois passos, recostou-se na cama, debruçou-se e apanhou o corpo fremente da mestiça, trazendo-o para si. O presidiário no leito

Jussara enlaçou-o num abraço nervoso, ofereceu-lhe o corpo arquejante. Ao ser possuída, experimentou um prazer tão forte que sufocou medo e humilhação, sentindo no mais fundo de sua alma uma sensação de dor e repulsa. Cravou, então, nas costas do amante as unhas pontiagudas que as fizeram sangrar. estranhas

Fora, no convés, uma aragem refrescante perpassava pelo rosto de Miguel, que terminando solitariamente a serenata. cava

Passeando os olhos pelo corredor, divisou um vulto que se aproximava. convés Quando via ndo

Era Berenice, a veste branca refulgindo ao luar, chegando com passos leves, olhando-o com ternura. e que vê mirando-o

Surpreendido e feliz, Miguel interrompeu a cantiga, deu alguns passos ao encontro da noviça. Mas Berenice pediu, com delicadeza:

- Não, Miguel, por favor, não pare. Estava tão bonito! continue.

Miguel ergueu o violão e recomeçou a melodia, desta vez sem cantar. Assim que terminou a cantiga dos Andes, perguntou com voz sussurrada: melodia

- Ainda gosta de música?

- Gosto. Sempre gostei. Não se lembra do Crato?

Ouviu-o solar, recostada dedilhar o violão, na amurada, contemplando a lua enorme, que se refletida nas águas do rio. no

- No convento eu cantava no coro. Uma freira tocava violão, como você. Eu ficava ouvindo adorava ouvir, nas noites claras, como agora, vendo o rio espelhando a lua e via cheia. Pra mim, não há coisa mais bonita, Miguel. Não havia linda

Ficaram em silêncio, envolvidos pelas lembranças. Depois Berenice afirmou:

- Estive observando você, Miguel...

- Eu sei.

- Você é diferente dos outros, muito diferente. Não sei como foi se meter com esse bando.

- No presídio ~~convivemos~~ vivíamos na mesma cela. Ficamos amigos, planejamos a fuga com o compromisso de nos manter unidos em qualquer circunstância.

Recostou-se na balaustrada. ~~Fez~~ Fez então a confidência que guardava como um segredo:

- Tomei uma decisão definitiva, Berenice: em Tefé abandono o grupo, me entrego à polícia.

- Mas por quê não se entrega em Fonte Boa, onde o navio ~~também~~ faz escala?

- Fizemos um juramento de ir até o fim. Quem trai será eliminado.

Silenciou por algum tempo, como se hesitasse. ~~Depois~~ Mas acabou confessando, com ~~voz sussurrada~~ meu sussurro:

- Vou ~~fazer a você~~ lhe fazer uma revelação importante, Berenice. ~~Pelo amor de Deus, guarde sigilo.~~ Em Tefé ~~planejamos~~ o plano é tomar de assalto o avião Catalina e fugir para o México. Mas o que vou fazer só você ~~agora~~ vai ficar sabendo: não embarco no avião, deixo o grupo, e me entrego ~~me à polícia~~. E seja tudo o que Deus quiser!

Berenice, comovida, ~~tomou~~ sustove a mão de Miguel e, feliz, exclamou:

- Deus ouviu minhas preces!

O Vôo da Flecha

Não só o embarque de ~~novos~~ passageiros e carga em Santo Antônio do Içá, como a existência no rio de detritos, árvores arrancadas e uma quantidade considerável de pedaços de pedra-pome, lançados no Solimões pelo rio Içá, forçaram a redução da marcha do "Amazonas", a caminho de Fonte Boa.

Isso irritou ainda mais o ânimo dos invasores e aumentou a preocupação de passageiros e tripulantes.

Na terceira-classe, com a chegada de novos viajantes, as péssimas condições de higiene agravaram-se, causando protestos ~~nos~~ mais sensíveis ao sofrimento humano.

Não só no convés inferior, ~~vizinho~~ da ruidosa e ~~fumegante~~ casa de máquinas, como, ~~de resto~~, em todo o navio, o calor ~~torturava~~ aquela parcela infeliz da humanidade, ~~jogada~~ na ~~imensidão amazônica~~.

Um mormaço quente e úmido ~~descera~~ sobre o ~~rio~~, elevando a temperatura a níveis insuportáveis, transformando as partes internas e externas do gaiola numa fornalha tórrida.

- Esta é a ~~casa~~ do inferno! - bradava Aguirre, na proa ~~um pouco melhor~~ ventilada.

~~Mais além~~, Juan Diaz e Zimaco tentavam espantar ~~inutilmente~~ os insetos:

- Puta que os pariu! - grunhia Juan, exasperado. - Não agüento mais, Zimaco!

- Agüenta mais um pouco, Juan! Não estamos pertos de Tefé?

- ~~C~~oisa nenhuma! Ainda falta muito!

- Puta merda! Falta muito?!

Miguel Viana, de plantão na sala de rádio, lutava contra a sonolência, abanando-se com uma revista.

Ridruejo, movido pela persistente obsessão, descera ao convés inferior, em busca de Iauitê. Mas lá só encontrou o marido, ~~dormitando~~ na rede.

Seguiu procurando a índia, afinal ~~encontrada~~ na popa, tecendo uma esteira.

~~Chegou perto~~ e começou um diálogo de segundas intenções:

- O que está fazendo? Uma rede?

Iauitê não respondeu, limitando-se a olhá-lo com aversão.

Ridruejo então se irritou, agarrou-a pelos braços, e obrigou-a a levantar-se:

- Não ouviu o que eu disse, ~~índia~~ bugra de merda?!

Iauitê, vestida com saia leve e curta, que lhe deixava os pequenos seios quase à mostra, encarou-o com desprezo.

Ridruejo, encolerizado, abraçou-a com violência, tentou beijar-lhe a boca. Mas a índia ~~Iauitê~~ resistiu, tentando afastar o agressor. Seu gesto, contudo, só serviu para exasperá-lo ainda mais. Ridruejo agarrou-a com brutalidade, rasgou-lhe a blusa fina que vestia e quase a despiu.

Nesse instante, chegando pelo corredor do convés, surgiu Çuriçaua em defesa da mulher. A dois passos do ~~Ridruejo~~ traiçoeiro, sacou um punhal e, de um salto, tentou cravá-lo no ~~peruano~~ agressor. Ridruejo, ~~na iminência do perigo~~ com dificuldade, pulou para trás, ergueu a metralhadora, deu uma rajada e alvejou o índio no peito.

Çuriçaua tombou morto, no meio de enorme tumulto, atraindo Aguirre e outros ~~fugitivos~~ passageiros à popa.

Ridruejo, nervosíssimo, tentava explicar-se:

- O ~~índio~~ bugre tentou me esfaquear!

Aproximou-se de Çuriçaua, caído de borco numa poça de sangue e, com o pé, virou ~~-o~~ o corpo rasgado pelas balas.

- Estão vendo? Ainda está com o cuchillo na mão!

Aguirre colocou a mão no ombro do companheiro e ~~lhe disse~~ falou:

- Fique calmo, Ridruejo! Você se defendeu. O índio teve o castigo que merecia!

Em seguida, ajudado pelos companheiros, ergueu do chão o corpo de Çuriçaua e lançou-o ~~no~~ ao rio, gritando ~~aos~~ para os que acorreram ao local:

- Saiam daqui! Voltem pros seus lugares! Meu companheiro matou em legítima defesa! Quem não sabe, fique sabendo!

Berenice e Clotilde chegaram ~~aterrorizadas~~ apavoradas, abraçaram Iauitê, imóvel e calada num canto, e a afastaram do ~~popa~~ luxo.

Reunindo-se mais tarde com os comparsas, Aguirre comentou:

- Este assunto está encerrado. Ridruejo fez o que qualquer um de nós faria!

Perguntou então a Juan Diaz:

- Conhece a próxima escala, Juan?

- Conheço. É Fonte Boa. Passei por lá, ~~anos~~ tempos atrás, procurando trabalho.

- É grande? Tem Polícia?

- Mais ou menos como Santo Antônio do Içá. É um lugarejo sem importância, com alguns soldados que dormem o dia inteiro.

- Tem posto de rádio?

- Deve ter, na Delegacia. Mas, por quê está perguntando isto? Algum plano na cabeça?

Antes de expor o golpe que tramava, Aguirre certificou-se de que ninguém escutava à porta. Falou mais baixo:

- Não estou com vontade nenhuma de ~~descer outra vez aquele inferno!~~ me esconder outra vez!

- Nem eu! - reforçou Carvajal. - ~~Não saí de Iquitos pra torrar naquele forno!~~

- Pois desta vez ninguém ~~desce~~ vai se esconder! Dois de nós ficam no navio, ~~dando~~ garantia. É Vamos atacar o lugarejo, destruir o posto de rádio, e apanhar dinheiro onde for possível encontrar!

- Grande idéia! - apoiou Zimaco, entusiasmado.

Revoltados, ~~mas impotentes,~~ com o assassinato do índio tukuna, vários passageiros foram confortar Iauitê, acocorada no convés, ~~imóvel~~ calada e estranha. ~~Nada dizia,~~ limitando-se a ~~lançar-lhes um olhar de espanto~~ encará-los com olhos espantados.

Passando ao largo de Tonantins, distrito de Santo Antônio do Içá, o "Amazonas" prosseguia viagem, no ~~itinerário~~ passando por diversas ~~que abrangia várias~~ localidades ribeirinhas: Canavial, Aranapé, Ilhas Timbotube, Baruruá e Envira Branca, próxima à foz do rio Jutaí; Tararazinho, Arumanduba, Ilha do Meio, Periquitos e, ~~finalmente~~ por fim, a cidade de Fonte Boa, onde ~~chegou~~ aportou no dia seguinte.

O primeiro núcleo de povoamento de Fonte Boa chamou-se Taracoatéua, ou Taracuariba, aldeia dos índios Omáguas. Naquela aldeia, em fins do século dezessete, o mesmo e incansável Samuel Fritz fundou a missão religiosa de Nossa Senhora de Guadelupe. Poucos anos após sua criação, a aldeia foi destruída pelos espanhóis e restaurada, mais tarde, pelos portugueses.

~~Fonte Boa~~ Incluída na zona fisiográfica do Solimões-Javari, limita-se com os municípios de Carauari, Japurá, Juruá, Jutaí, Maraã, Santo Antônio do Içá

e São Paulo de Olivença.

Assim que o gaiola encostou em Fonte Boa, quatro invasores - Aguirre, Miguel Viana, Juan Diaz e Carvajal - com as armas camufladas, desceram à terra, deixando Ridruejo e Carvajal a bordo, armados até os dentes.

O assalto à cidade foi rápido e bem articulado. O bando atacou, de início, o posto policial, no final de um arruado, aprisionando numa cela um cabo e três soldados, inoperantes diante da invasão fulminante.

Depois Aguirre e sequazes destruiram o equipamento de rádio e, sucessivamente, sem encontrar resistência, assaltaram a pequena agência do Banco da Amazônia, de onde furtaram praticamente todo o dinheiro.

Em seguida, diante do assombro dos moradores, saquearam armazéns, casas comerciais e residências, imobilizando os que tentavam resistir.

Simultaneamente com o assalto, a bordo do "Amazonas" ocorreu o dramático assassinato de Aldo Ridruejo por Iauitê, que jurara a morte Curiçaua.

A pequena índia, aproveitando um descuido do presidiário, atingiu-o com uma flecha embebida com curare.

Ninguém ficou sabendo, posteriormente, como obtivera o arco e flecha e preparara o veneno, que só os indígenas sabem fabricar.

O que se soube, na verdade, é que, de um canto do navio, Iauitê esticou o arco e arremessou a flecha na direção do peruano, atingindo-o nas costas.

O curare, alcançando o sangue, provocou rápida ação paralisante sobre os músculos estriados do bandido, produzindo, quase que instantaneamente, efeito mortífero ao invadir-lhe os músculos respiratórios.

Ao ser atingido, Ridruejo soltou um gemido surdo, deixou cair a arma e tombou, soltando imprecações, pedindo socorro a Zimaco.

- Porra, porra, caralho! Me acertaram! Me acuda, Zimaco, me acuda!

Zimaco precipitou-se, assustadíssimo, e tentando socorrer o companheiro que agonizava.

Sustentando com a mão esquerda a cabeça do peruano e, com a direita, empunhando a metralhadora, Zimaco, desorientado, gritava, procurando intimidar os poucos:

- Quem foi? Quem fez isto?!

Antes de morrer, Ridruejo estrebuchou, ~~e fazendo a~~ a cabeça escapuliu da mão de Zimaco, e seu corpo tombou com um baque surdo no chão ~~de ferro da popa.~~

Zimaco levantou-se, alucinado, fez uma rajada de metralhadora, por pouco não atingindo Caruana, que chegara correndo do passadiço.

- O senhor trate de descobrir quem fez isto, Comandante! - gritou Zimaco, fora de si. - E depressa, senão vai sofrer as conseqüências!

Caruana abaixou-se para examinar o cadáver, caído de costas, o sangue escorrendo-lhe pela boca. Ao virar o corpo, descobriu a pequena flecha, cravada pouco acima da região glútea do assassinado.

Arrancou ~~Retirou~~ a flecha, cheirou a ponta e, voltando-se para Zimaco, explicou:

- É uma ~~A~~ flecha ~~foi~~ envenenada com curare.

- Foi aquela índia, foi aquela índia filha da puta! - bradou o presidiário, possesso. - Trate de encontrar aquela miserável, Comandante! E depressa!

Mas Iauitê nunca foi encontrada. Desaparecera misteriosamente e, durante muito tempo acreditou-se que, após flechar Ridruejo, suicidara-se no rio.

Mas, na verdade, conforme mais tarde se ficou sabendo, ~~se apurou mais tarde~~, o que ela fez, com vontade indômita, assombrando sua gente, e permanecendo ~~longo~~ muito tempo na memória ~~dos habitantes~~ da região, foi atirar-se no rio, aproveitando-se ~~da~~ a confusão provocada pela morte do peruano, ~~atirara-se ao rio,~~ atravessar o Solimões, nadando com a extraordinária perícia dos índios, e alcançar a margem esquerda, oposta a Fonte Boa, onde ~~e~~ penetrou ~~ara~~ na floresta. E de lá, em desabalada carreira, ferindo-se em galhos e espinhos das ~~de~~ árvores, ~~seguiu~~ correu até as imediações do Lago Cupianá, atirou-se do novo ao rio, voltou ~~de onde voltou~~ à margem direita do Solimões, subiu por um barranco ~~em trecho mais estreito~~, e se meteu de novo na floresta, alcançou ~~até chegar a Pauapixuna, perto da voz do rio Juruá, onde foi acolhida pelos índios culinas, amigos de sua tribo.~~

~~Os culinas forneceram-lhe uma piroga, conduzida por dois índios, na qual desceu o Solimões, na direção ~~a caminho~~ de Tefé. Depois os culinas refressaram à~~

Transpondo a ~~Na~~ enorme distância de quase quatrocentos quilômetros, tanto na selva, como no rio, a pequena índia ~~Iauitê~~ relembrou a infância na aldeia tukuna, à margem do rio Jandiatuba, onde nasceu. ~~Enquanto remava com os culinas, narrou o acontecido e então~~

Vieram-lhe, à memória, ~~mansas, pisando sombras,~~ imagens esparsas da taba, correndo sempre, ~~indígena~~ a oca, coberta de folhas de palmeira, com o esteio alto e forte, as redes, armadas em raio, do esteio para os caibros laterais, a fo-

aldeia e ela seguiu sozinha, metendo-se na selva, transpondo a enorme distância de quase quatrocentos quilômetros, relembrando a infância na aldeia Tukuna, à margem do rio Jandiatuba, onde nasceu

gueira no centro, avermelhando a choupana.

Recordou os primeiros passos no chão de terra batida, na cabana e na ocara onde brincara e correra com Çuriçaua e outros curumins de olhos oblíquos.

Ao se lembrar de Çuriçaua, o coração ~~confrangido~~ apertado, Iauitê chorou, mas o vento secou-lhe depressa as lágrimas, ~~de dor, e revolta~~. Da brandura das lembranças, passou depressa ~~ao ódio crispante~~ ao ódio crispado que lhe, ~~acelerou~~ os passos na mata.

E ~~corria~~, corria sempre, chocando-se em galhos e cipós, transpondo cursos d'água, igarapés e curuperês, evitando os igapós, ~~com~~ os longos cabelos tangidos pelo vento, chamando a si todas as forças, ~~disparada como o sangue nas veias~~, rompendo a distância como uma flecha alongada. E, nesse arrojar-se na penumbra da selva, até animais e pássaros paravam, espantados, vendo-a passar: da onça feroz, à rola tímida; da sucurijú à cascavel de três palmos; dos patos, jacús, mutuns, saracuras e jabotis, aos tamanduás e capivaras; dos cururuás, mocós e cotias, aos coatis, serelepes e caxinguelês; das jaguariticas às pumas e onças pardas; dos queixadas aos marcacajás; das lebres, tapitis e candimbas aos guarás, lontras e iraras; das antas ao veado galheiro e aos cervos; dos tajá-açús aos macacos barrigudos; dos saguis aos japuçás, das araras e periquitos aos tucanos e bentevis.

~~E correndo~~, continuando a correr, mata adentro, tudo lhe parecia familiar: as árvores ~~imensas~~ grandes, erguidas como catedrais com seus troncos portentosos; os arvoredos e arbustos que o vento vergava; as fileiras de açaís, o cipoal dos ambés, os apuizeiros, as altas samaumeiras, as seringueiras e maçarandubas, os acapus, as araçapenas, as caferanas de flores roxas e perfumadas; as cantanheiras, os catipés, as envireiras, com suas bonitas flores amarelas; as escovas de macacos, as guaxingubas, as altas palmeiras, de tantas variedades e tamanho; os inajás, indaiaçús, jauaris, marajás, miritis, mumbacas, murumurus, patauás, tucumãs, uauaçus e urucuris.

E Iauitê ~~voava~~ corria, como bicho, como ave, pulando raízes fincadas na terra úmida, arranhando-se nos jaramacurus, na barba-de-bode, nas coroas de frade, nas murteiras, pisando nos caimbés, nos catauaris, nos capim-piquis.

E relembrava (sempre), com memória estremecida, a ~~imagem~~ figura dos pais, das tias, das velhas índias preparando no fogo peixes moqueados, sopa de tartaruga, mani-

çoba, mixira, casquinhos de mussuã, tacapá, tucupi.

Reconstruia as manhãs de sol forte, despertando como animalzinho jubiloso, cantarolando, aspirando o cheiro das flores da caferana, ~~recriando~~ pequenas alegrias da infância, como recantos secretos de felicidade; o ninho escondido dos bentivis, a boneca de espiga de milho, a cotia brincalhona, sentada sobre as patas traseiras, roendo milho, correndo vertiginosamente, assustada com ~~algum~~ ruído suspeito.

E rememorava a vida de luminosa liberdade, comunicando-se com o passado por mil contatos sensíveis, sentindo no coração fontes vivas, atávicas e profundas.

E ~~corria~~, crescendo como feto no ventre da selva, como pássaro embalado pelo vento, recompondo pedaços esparsos da vida, carícia de mãos humanas, árvores vergando, buritis plantados em fileiras, nos alagadiços à beira-rio.

E penetrava no coração ~~ardente~~ da floresta, devorando a distância com a tenacidade de ferro no corpo frágil. E via o dia escoar, a noite crescer, escurecendo a mata. Mas não interrompia a travessia tresloucada, guiada pelo instinto da raça, pelas estrelas entrevistas pela copa das árvores, o olhar perscrutando a rota, mergulhando, imergindo, escutando vozes, cantigas, gritos selvagens.

De sua memória voltaram a desfilar, com a velocidade dos pés descalços, as imagens tribais, dos valentes guerreiros, fabricando arcos e flechas, sarabatanas e pequenas setas sopradas com força na caça e na guerra, preparando o curare, usado nas batalhas. E rememorava o aprendizado da arte plumária, a tecelagem do vestuário, das redes, tangas, miçangas e cestos, os instrumentos musicais, o chocalho, as flautas de taquara, os assobios, os rascadores de casca de tartaruga, as trombetas de cuia, os bastões de ritmo.

Revia as mãos ágeis preparando enfeites, pulseiras, contas de vidro, uluri, tangas de vidrilho, colares, cocares e máscaras pintadas com resinas e tabatinga, configurando seres sobrenaturais, dotados de função divinatória.

Recordava a tatuagem, que chamavam de nohotó, com a forma de arcos transversos, fixados na parte superior do braço e da coxa, empregando espinhos de gravatá embebidos de tinta de genipapo, ou de tinta ahitê, usada na untação do corpo dos homens.

Perpassavam-lhe, no recôndito da memória, o plantio e a colheita da mandioca, do tabaco e do milho, o cheiro das folhas e das frutas, a forma dos vasos de barro, das cestas e esteiras com desenhos caprichosos, as emoções das pescarias, das caçadas e correrias pelos campos, a travessia do Jandiatuba e de seus afluentes de águas límpidas, a suavidade das tardes refrescantes, do por de sol sobre rios e riachos, refulgindo na policromia dos clarões crepusculares.

E ~~arremetia~~ avançava, as têmporas pulsando, as pernas fatigadas, os pés doídos, deixando marcas na terra, ~~umedecida. E corria, e rompia~~, ouvindo os ruídos da selva, aspirando o perfume das flores, deixando subir, do fundo da memória, as alegrias da vida adolescente: o fogo aceso, a tapera inundada de sol, ou molhada de chuva; as tempestades, ~~apavorantes~~, os relâmpagos e trovões que a ~~obrigavam a~~ faziam proteger-se no colo da mãe. E recordava, ~~no mesmo tempo,~~ o silêncio, o ~~intenso~~ grande silêncio depois que o temporal ~~dissipava~~ desaparecia, substituído ~~trazendo o~~ pelo dia claro, ~~e transparente, a~~ pela limpidez da atmosfera, as folhas lavadas, a vida perpetuada nas velhas ~~tecendo, moldando o barro,~~ que voltavam a tecer, contemplando as crianças que retomavam ~~seu espaço~~ os brincadeiros na taba.

E recordava as velhas lendas aborígines, ouvidas na infância: a do boto, o uiara dos índios, com seu grande poder de sedução; a lenda da iara, metade mulher, metade peixe, com os belos cabelos compridos, vivendo nas margens dos igarapés, seduzindo os tapuias; a mãe-d'água, a boiúna, cobra enorme, mãe de todas as águas, soberana de lagos e igapós, de furos e parauás, de vertentes e desaguadouros, paralisando com seu poder maléfico, a energia dos animais, devorando as criações domésticas, alagando as embarcações, ou, para ela, a mais bela das lendas, a do irapuru, pássaro de canto mágico que atraía e escravizava a fauna florestal, subjugada por seu canto irresistível.

E lembrava a festa do sairé, com suas rezas e danças, o estribilho da melopéia triste, que sua gente cantava na ocara:

- "Santa Maria cunhã purãga imembira iaué catú, iputira ipóp" ("Santa Maria é mulher bonita e seu filho é como ela, com uma flor na mão").

Embalada pelas lembranças, ora rindo, ora chorando, Iauitê alcançou, ~~correndo a~~ finalmente uma aldeia dos culinas, no Pauapixuna, ~~onde lhe deram outra igara e,~~ amigo de seu tribo, que lhe forneceram uma pirogue, ~~com ela~~ em ela, descendo o Solimões, seguindo, para encurtar caminho, por furos e

igarapés, aproximando-se da Ilha Machado, ~~onde, exaustos, os remadores foram substituídos por índios de outra tribo amiga, os uaraious, que levaram Iauitê até perto de Alvarães,~~ num lugar chamado Jauarauá, onde ~~a piroga encostou, deixando-a em~~ terra firme,

~~De novo na floresta, revigorada pelo repouso na viagem fluvial~~, Iauitê ~~voltou a correr e recordou os anos da adolescência~~, como moça nova, preparada para o casamento com Çuriçaua, ~~quando foi~~ erguida num cesto, na cumeeira da oca e lá ficou durante três dias, alimentando-se de mingau, enquanto na ocara os tukunas dançavam, soando trombetas, batendo tambores, trazendo máscaras representando macacos. Depois, guardada pelas tias maternas, foi despida e pintada de azul, enquanto a festa prosseguia, por três dias e três noites, com a tribo cantando, dançando, bebendo cauim e outras bebidas tiradas do aipim, como a muniquera e o puchirum, ~~fermentado em grandes talhas.~~

Lembrou-se então, ~~com um sofrimento tão grande que a fez jogar-se, chorando, no chão da mata,~~ da primeira noite com Çuriçaua, do abraço que a trouxe de encontro ao peito forte do índio.

E Iauitê ~~chorou, chorou~~ muito, molhando o chão com suas ~~sofridas~~ lágrimas. E adormeceu, exausta, no seio da mata, só acordando ao amanhecer, cercada por pássaros e animais, que talvez a tivessem protegido no sono.

Levantou-se, caminhou até um regato, molhou o rosto nas águas cristalinas, colheu frutos silvestres, alimentou-se e, em seguida, recomeçou a ~~correr, voltando ao passado recente,~~ recordando os missionários que chegaram para a catequese dos índios.

~~Recapitulou a~~ primeira oração, feita de joelhos, com mãos postas, olhos voltados para o céu:

- "Nhané rúba oíkó uahá iuáka opé: Ne réra oiúmuité toikó" ("Pai Nosso que Estais no Céu, Santificado seja o Vosso Nome").

E recordou os primeiros estudos, no Educandário de São Paulo de Olivença, reviu, na memória, com ternura, o rosto bondoso de Berenice e Clotilde.

Depois ~~lembrou~~ a oferta de trabalho em Manaus, com Çuriçaua, os preparativos da viagem, a chegada do "Amazonas", o embarque, o pesadelo, a perseguição odiosa de Ridruejo, a morte de Çuriçaua, ~~a decisão de vingança,~~ a flecha envenenada, escondida na sacola, o vôo da flecha, alcançando o alvo,

o mergulho no rio, a correria na mata, a alucinante travessia que agora se aproximava do ~~chegava ao~~ fim.

Iauitê ~~viu~~ Fri quando avistou, ~~então~~, na margem oriental do lago, a cidade de Tefé, ~~meta~~ destino final de seu desesperado itinerário.

A Flecha Quebrada

Juntando o que ainda lhe restava de ~~energia~~ força, Iauitê atravessou ~~nadando~~ a nado o rio Tefé, ~~subiu ao barranco~~ galgou terra firme, contornou ~~a~~ o lago do mesmo nome e alcançou a cidade, fundada também por Samuel Fritz.

Os que a viram cruzando as praças Santa Teresa e Getúlio Vargas, a caminho da Delegacia, ~~afirmaram~~ disseram, depois, que parecia um fantasma, ~~surgido da mata~~, o corpo lanhado por galhos e espinhos, a roupa em frangalhos, a respiração ofegante, murmurando palavras desconexas.

Quando chegou à Delegacia foi amparada para ~~não caír~~ que não se caísse. E pediu, com as forças exauridas:

- Doutor... Delegado... Preciso falar com doutor... ~~Depressa~~, por favor!

Espantado com o estado lastimável da ~~pequena~~ índia, um soldado foi chamar o Delegado, ~~que conversava com moradores numa esquina:~~

- Doutor Macieira, chegou à Delegacia uma índia mais morta do que viva! Toda arranhada, a roupa rasgada, soltando os bofes pela boca, querendo falar com o senhor.

- Uma índia, com a roupa rasgada? Que é isto, Zequinha? Leve pros padres, ou pro Posto de Saúde!

- Acho que é coisa séria, doutor. Não parece doida não. Quer muito falar com o senhor.

O delegado atravessou mal-humorado a praça e, chegando à repartição, ~~confirmou o aspecto miserável da índia~~ ouviu a tukuna, que lhe falou ~~com uma convicção que o convenceu:~~ ainda ofegante:

- Doutor! O "Amazonas", ~~aquele~~ o navio-gaiola, foi invadido por assassinos ~~de Iquitos~~. Gente ruim, fugiram da ~~cadeia~~ Iquitos! Mataram Çuriçaua, estão armados, bem armados!

Respirou fundo, ~~como se~~ juntando ~~juntasse~~ forças. E ~~continuou~~ prosseguiu, diante do espanto ~~do Delegado e soldados que a ouviam:~~ dos que a escutavam:

- Fugi do navio, em Fonte Boa, vim correndo até aqui. Daqui a pouco ~~o~~ navio ~~vão~~ chega a Tefé. Depressa, doutor, é preciso prender os bandidos! Gente ruim, gente ruim!

- E quantos são ~~esses~~ os bandidos? - perguntou o Delegado. ~~à informante.~~

- Seis. Seis não, um deles morreu. São cinco!

Passando do ~~assombro~~ espanto à ação, o Delegado deu ordens ~~terminantes~~ rápidas:

- Tenente Elias: reúna depressa o destacamento! Chame voluntários, arme o batalhão e cerque o porto! Depressa, vamos, depressa!

No tumulto que se formou, esqueceram-se de Iauitê, que fora recostar-se num canto da sala, ~~livida~~, respirando com dificuldade. E lá, diante dos policiais que se armavam, davam e recebiam ordens, deslisou o corpo na parede e tombou no assoalho.

Vendo-a derreada, como se tivesse desmaiado, um soldado foi socorrê-la. Depois ~~que a examinou, informou,~~ de examiná-la, disse contristado:

- Está morta.

~~Foi dizer~~ Informou ao Delegado:

- Doutor Macieira, a indiazinha morreu.

O Delegado aproximou-se de Iauitê, fechou-lhe os olhos, fez o sinal da cruz; ~~e disse:~~

- Pobrezinha. Deve ter sido o coração.

Voltou-se para um funcionário e ~~ordenou:~~ completou:

- Providencie o enterro, Evaristo. Mas antes chame o vigário para dar uma bênção.

O Despejo

Em Fonte Boa, quando regressaram ao "Amazonas", trazendo o produto do assalto, Aguirre, Juan Diaz, Carvajal e Miguel Viana depararam com o cadáver de Ridruejo. Furiosos, cercaram Caruana, aos gritos, querendo saber:

- Quem foi Comandante?! Quem matou Ridruejo? Fala, canalha, senão ~~leva um tiro~~! também morre!

Caruana, sereno, apesar da ameaça ~~Antes que cumprissem a ameaça, Caruana~~ esclareceu o ocorrido, mostrou a flecha envenenada.

Além disso, Zimaco interveio, isentando o comandante, que se mantinha calmo, com a coragem dos homens habituados às intempéries ~~testemunhou:~~

- Foi aquela índia! ~~Envenenou~~ Embebeu a flecha com curare, matou o Ridruejo!

- E onde está a miserável? - ~~indagou~~ quis saber Aguirre, alterado.

- Sumiu. Procurei por toda parte - explicou Zimaco. - Acho que se atirou no rio.

Juan Diaz, que examinava o corpo do companheiro, perguntou:

- O que a gente faz com o corpo, Aguirre?

- Não tem ~~um~~ cemitério nesta porra de cidade? - ~~quis saber~~ perguntou o líder, dirigindo-se a Caruana.

- Fica no fim do arruado. Podem enterrar lá.

E assim o fizeram, em cova rasa.

Retornando Aguirre e Juan Diaz ~~Quando retornaram~~ ao navio, juntaram-se a Zimaco e Miguel Viana e foram falar ao Comandante:

- Queremos que o senhor tome uma providência. Venha conosco!

Desceram ao convés inferior, e lá ~~onde~~ Aguirre esclareceu:

- Decidimos uma coisa, Comandante. O navio não faz mais escalas até chegar a Tefé. E como está pesado e vagaroso, vamos despejar a carga e desembarcar os passageiros da terceira-classe.

Atônito, ~~Sem~~ acreditar no que ouvia, Caruana emudeceu. Mas a expressão categórica dos assaltantes tirou dele ~~lhe~~ qualquer dúvida. Mesmo assim exclamou, nervosamente:

- Despejar carga e passageiros?! O senhor está ~~brincando~~ dividido? Não é possível, homem! É um crime, uma loucura!

- Estamos com pressa! Com tanto peso, esta choça não anda, a viagem não rende! - opinou Carvajal.

- Mas isto é contra as regras da navegação! A punição é muito séria!

- Fodam-se as regras, foda-se a punição! - berrou Aguirre, enfurecido. E completou, erguendo a voz:

- É nossa decisão, Comandante. E é pra valer!

Sem alternativa, diante das armas engatilhadas, Caruana mandou um marinheiro tocar a sineta, acordando, assustados, os viajantes que cochilavam nas redes.

Subiu num caixote e começou a explicar:

- Como vocês sabem, este navio foi invadido por fugitivos da Penitenciária de Iquitos!

Irritando-se com a fala do Comandante, Aguirre afastou-o com brutalidade e, ele próprio, falou aos passageiros:

- Não interessa saber de onde viemos! Decidimos desembarcar os passageiros da terceira classe! Agora mesmo! Há excesso de peso, o motor não funciona muito bem. Vamos, comecem a apanhar suas coisas! E depressa! Vamos andando, vamos andando!

O que sucedeu, então, foi indescritível. Ergueu-se no navio um clamor de revolta, com gritos, choro de crianças, vozes coléricas de se misturar com um grande tumulto.

- Esta gente ficou louca! - exclamou uma mulher gorda.

- Não desço! Não saio daqui, nem a força! Paguei passagem! - berrou um velho fanhoso.

- É um absurdo, um crime! Não podem fazer isto! - protestou, por sua vez, um mulato enfurecido.

- Deus castiga, Deus castiga! vociferou várias vezes uma negra esquálida.

Um dos passageiros, tipo perfeito do sertanejo, com roupa e chapéu de couro, avançou alguns passos e explodiu:

- Não podem fazer esta maldade, ô xente! Isto é coisa de zureta!

A reação de Juan Diaz foi inesperada e violenta: avançou dois passos e aplicou no nordestino um murro no rosto, lançando por terra o chapéu de boiadeiro.

O tumulto, em vez de arrefecer, recrudesceu e os gritos, choro e vozes

~~enfurecidas~~ coléricas ~~formaram um~~ ecoaram em coro patético e sedicioso.

Foi quando Aguirre, percebendo que a situação se agravava, apontou a metralhadora para ~~cima~~ o alto e deu uma rajada. ~~Depois~~, no silêncio ~~generalizado~~ assustado, que se fez, ~~bradou~~, enfim, enraivecido:

- Puta que os pariu! Vamos parar com ~~esta~~ a bagunça! Quero silêncio, "seus" merdas! Não estamos brincando! Se não ~~saírem~~ desembarcarem agora, vamos atirar, e desta vez não será para o alto! Vamos, vamos saindo, porra!

Atemorizados, o ódio estampado no rosto sofrido, os pobres viajantes prepararam-se confusamente para ~~abandonar~~ deixar o navio, reunindo às pressas sua humilde bagagem.

No convés superior ~~diversos~~ alguns passageiros, ~~entre os quais se viam~~ como Possidônio e família, Berenice, Clotilde, Frei Massotti, Michel Leroy e os turistas americanos, comentavam escandalizados:

- Que barbaridade! Ninguém faz nada? ~~- dizia~~ perguntava o Coronel, exaltado.

- De fato, de fato, Coronel, é preciso que se faça alguma coisa - ~~concordou~~ sugeriu Frei Massotti.- Vou descer, ir dizer umas verdades àqueles bando de delinqüentes!

Berenice e Clotilde, ~~por sua vez,~~ chocadas com o que ~~presenciavam~~ observavam, também comentaram:

- Aqueles ~~infelizes~~ pobre gente precisam de conforto moral. Vamos, Clotilde, vamos, também com Frei Massotti, ~~Clotilde~~ - sugeriu Berenice.

- ~~Podemos ir~~, vamos lá, Berenice - ~~respondeu~~ concordou Clotilde. - Mas, cuidado com aquela ~~gente~~ bandidos.

Um ~~pouco~~ Mais distante, Flora e Charles Sturges, os ~~dois~~ turistas americanos, comentavam ~~igualmente~~ entre si o espetáculo deprimente ~~que presenciavam~~:

- How savage! - dizia ~~Charles~~, o americano, ~~indignado~~ revoltado com o comportamento dos ~~bandidos~~. - These are not people, but wild animals! (Que selvageria! Isto não é gente, mas animais selvagens!)

- Is there nothing we can do Charles? - indagava Flora, penalizada. - Isn't it possible to have them put in jail? (Não há nada que a gente possa fazer, Charles? Não há uma maneira de por essa gente na cadeia?).

- How can we face these bandits with revolvers and machine-guns? (Como podemos enfrentar esses bandidos com revólveres e metralhadoras?).

- But we must do something! - insistia Flora, inconformada. - What are

these horrible people going to do next? Throw us out of the boat like cattle? (Mas devemos fazer alguma coisa! O que essa gente horrorosa vai fazer em seguida? Tocar-nos para fora do navio como gado?).

- It's better to shut up, Flora - aconselhava o turista de Kansas City. - Lower your voice. This is a very dangerous gang! (É melhor calar a boca, Flora. Fale mais baixo. Esta é uma quadrilha muito perigosa!).

Movidos pela unção religiosa, Frei Massotti, Berenice e Clotilde desceram ao convés inferior, ~~onde~~ mas o ~~frade~~ franciscano ~~aproximou-se~~ se aproximou de Aguirre e ~~falou~~ fazer dizer, com ardor apostólico:

- O que vocês estão fazendo é um ato de violência, moço! Uma ofensa a Deus, aos princípios cristãos!

~~Deixando~~ Enquanto o missionário protestante, Berenice aproximou-se de Miguel para pedir ~~sua~~ a interferência, do contramestre.

~~Nesse interim,~~ Enquanto isto, Frei Massotti continuava, ardoroso:

- Esta gente humilde não pode ser ~~tratada como gado,~~ tocada para fora como gado! ~~em~~ Protesto, em nome de Deus, em nome da Santa Madre Igreja!

- Por favor, Miguel - pedia Berenice mais adiante: - impeça esta barbaridade!

- É inútil, Berenice, Aguirre não ~~vai ceder!~~ cede! Por favor, fique afastada ~~disto!~~ - recomendava Miguel, ~~embaraçado.~~ constrangido.

Aguirre, em acintoso desdém pela intromissão de Frei Massotti, deu-lhe as costas e foi juntar-se aos companheiros. Mas o sacerdote, ~~indignado~~, não desistiu e seguiu atrás, ~~e~~ detendo-o pelo braço, ~~perseverou~~ prosseguiu na tentação!

- Não permito! Não permito! Em nome de Deus proibo-o de cometer esta crueldade!

Aguirre então se enfureceu e afastou violentamente a mão do franciscano, replicando , alterado:

- Tira essa mão de mim, padre de merda! Não se meta, cai fora, vamos, cai fora! Porra!

Possuído pela cólera sagrada, Frei Massotti não se intimidou e gritou mais ~~alto~~ forte, para ~~quem quisesse ouvir:~~ que todos o ouvissem:

- Vou descer com esta pobre gente! Não fico aqui na companhia deste bando de celerados!

~~De um salto~~, Reagindo ao insulto, (Com um salto e) Aguirre aplicou tremenda bofetada

no franciscano, que ~~chegou a cambalear~~ cambaleou, o rosto sangrando. Mas não caiu, amparado por Berenice, que o ~~levou para mais longe~~ afastou do lugar.

Pouco depois, ~~concretizada~~ confirmada a violência, os passageiros da terceira classe começaram a descer pela prancha, aglomerando-se em silêncio no ancoradouro de Fonte Boa. No meio deles, retendo com um lenço o sangue que lhe descia do rosto, Frei Massotti também ~~deixou~~ abandonou o navio, em estado de profunda prostração, diante do olhar comovido de viajantes e tripulantes.

- What a madnesse! - ainda disse a senhora Sturges, enquanto, pouco adiante, aproximando-se da família do Coronel Possidônio, Michel Leroy, ~~deprimido~~ emtristecido, comentava com o ~~forte~~ sotaque gaulês:

- Gesto digno de um homem de ~~coragem~~ coração! Se eu ~~não fosse tão comodista e medroso, faria o mesmo que Frei Massotti~~ tivesse a coragem de Frei Massotti, faria o mesmo!

- ~~É verdade, é verdade!~~ - concordou Possidônio.

Assim que ~~o despejo~~ descida dos ~~viajantes~~ passageiros se completou, Aguirre foi dizer a Caruana:

- Agora o senhor ~~jogue fora~~ retire a carga. Depois ligue o motor e vamos embora!

E ~~completou~~ acrescentou, já se afastando:

- Já perdemos muito tempo!

O Relato de Michel

A partir dos acontecimentos de Fonte Boa, o prosseguimento da viagem transcorreu em clima ~~dos mais~~ lastimável.

Desfalcado dos passageiros de terceira-classe e da presença paroquial de Frei Massotti, o "Amazonas" descia o Solimões em meio ao silêncio e à revolta. Uma revolta inócua, na verdade, ~~reprimida~~ emudecida pelo medo e a impotência desarmada.

~~Viviam~~ Exibiam, passageiros e tripulantes, uma longa e cansativa tensão de espírito, ~~exibindo a~~ retratada pela máscara ~~triste e~~ desolada de quem ~~presenciava~~ era expectador de um espetáculo pérfido, do qual ~~não podiam livrar-se~~ queria libertar-se.

Igualavam-se, todos, indistintamente, a Michel Leroy, confessando a si próprios a ~~covardia~~ inoperância diante ~~de uma~~ da realidade que os ~~subjugava~~ acovardava, evitando falar sobre o assunto, abatidos pela fadiga. ~~e o dissabor da derrota.~~

Em toda a embarcação pairava um clima de repulsa que afastava os viajantes do convívio social. Transitavam silenciosamente pelos corredores e instalações, e muitos se enclausuravam nas cabinas, contrafeitos, disfarçando a vergonha como um estigma de autoflagelação. Só através de diálogos à meia-voz, com inflexões constrangidas, ou de anotações registradas em cadernos, como no caso de Michel Leroy, ou ainda de cartas ~~do~~ para os parentes, como o casal americano, ~~de~~ Caruana e outros viajantes, podiam desabafar ~~sua~~ em silêncio a enorme frustração.

Além das meticulosas anotações ~~e relatos~~ em seus cadernos de pesquisas, o cientista francês conseguiu, usando subterfúgios e, principalmente, cautelas especiais, documentar a presença a bordo dos presidiários, registrando também em filme ou fotografia, flagrantes preciosos da odisséia vivida no navio gaiola.

Esse material, acrescido das observações escritas do etnólogo, ~~teria~~ ganharia, posteriormente, divulgação na imprensa internacional, ~~ampliando~~ ampliada pelo sensacionalismo ~~a desventurosa~~ da dramática viagem pela Amazônia.

O acervo documental do cientista acabou por transformar-se, posteriormente, em peça capital para o inquérito policial aberto, ~~posteriormente,~~ pelas autoridades brasileiras.

As anotações de Michel Leroy que, a seguir, ~~passamos a transcrever~~ fragmentos, relatam ~~alguns~~ episódios extraordinários da ~~tragédia~~ odisséia fluvial, envolvendo viajantes do ~~navio brasileiro~~ "Amazonas" vaso brasileiro.

"Abril de 1958.

"Na atmosfera deplorável que se apossou do "Amazonas", onde, desde a invasão dos ~~foragidos~~ fugitivos da Penitenciária de La Concepción, passageiros e tripulantes passaram a viver uma aventura aterrorizante, as únicas exceções eram, evidentemente, Aguirre, Juan Diaz, Carvajal, Zimaco e Miguel Viana, que pareciam festejar o despótico domínio sobre ~~gente indefesa~~ o barco indefeso.

"Tenho a impressão - prosseguiu Leroy - que a morte de Aldo Ridruejo, ~~o sexto~~ outro foragido, fugitivo, assassinado por uma flecha embebida em curare, exacerbou ainda mais o ânimo do bando homicida.

"~~Ficou~~ Era do conhecimento de todos que um deles, o boliviano Juan Diaz, nutria ódio ~~insuperável~~ insofrível contra o Coronel Possidônio Gouveia, proprietário de vastos seringais onde ~~ele~~ o criminoso trabalhara.

"Uma extraordinária coincidência, difícil de explicar-se pela razão lógica, reuniu a bordo do "Amazonas" exatamente o boliviano e o fazendeiro, patrão e empregado, num reencontro irado e vingativo: Juan como assaltante, Possidônio como passageiro.

"Era opinião generalizada que ~~o boliviano~~ Diaz, cedo ou tarde, iria vingar-se do espancamento e expulsão ~~sofridas~~ que sofrera no Acre, anos atrás, provocados pelas pretensões amorosas junto à filha do Coronel. Ontem, finalmente, essa ~~expectativa~~ previsão confirmou-se de forma trágica.

"Fui testemunha involuntária do episódio pela vizinhança de minha cabina com a do Coronel e família, diante da qual a tragédia se consumou.

"O inacreditável é que o crime cometido por Juan Diaz, em circunstâncias que irei relatar, processou-se em legítima defesa. Se fosse levado a julgamento, mais um, aliás, de sua vida desregrada, provavelmente seria absolvido.

"Como ficou dito, Juan Diaz nutria, de longa data, persistente atração pela formosa mestiça, filha de Possidônio, e que ~~nem~~ o tempo conseguira atenuar. Ninguém duvidava de que, cedo ou tarde, essa ~~obsessão~~ atração obsessiva ~~se manifestaria na prática~~ iria manifestar-se na prática.

"Isso quase ocorreu na ~~trágica~~ noite de ontem. Escrevo quase porque o boliviano foi impedido, na intenção erótica, por dois obstáculos inesperados: primeiro, a firme reação de Carlos Lopez Aguirre, líder do bando, que ~~evitou~~ que Juan arrombasse a porta do camarote de Jussara para, ao que tudo indicava, violentá-la com o impulso de um desejo reprimido há muito tempo.

"~~Ouvi tudo de meu camarote. Registro aqui o diálogo inacreditável ocorrido entre os dois fugitivos, guardado integralmente em minha memória:~~

- "O que é isto, Juan? - ~~interrogou~~ Aguirre ~~ao~~ avistar o boliviano na ~~iminência de~~ arrombar a porta do ~~camarote de~~ Jussara. - Quer entrar à força no quarto da moça?"

- "Você não fez o mesmo, outra noite?" - retrucou Juan Diaz, irritado.

"Ouvi então a réplica absolutamente inverossímil do chefe do grupo:

- "Ela deixou a porta aberta para mim, rapaz! Agora está fechada para você! E não vou deixar que entre à força!"

- "Não me provoque, Aguirre, não me provoque!" - ~~falou~~ o boliviano, erguendo ameaçadoramente a escopeta.

"Aguirre, ~~em represália, também~~ ergueu a metralhadora e apontou-a para Juan, ~~dizendo:~~

- "Vamos com calma, Juan! Não faça besteira!"

"Ficara claro - ~~prossegue~~ Michel Leroy a narração insólita - que um fato extraordinário se passara no ~~interior~~ do camarote da filha do Coronel, que ~~facilitara~~ a entrada de Aguirre e, ao que tudo indicava, ~~se~~ tornara sua amante por livre e espontânea vontade! ~~Nessa~~ decisão, acredito eu, ~~entrara um~~ componente ~~maior~~ de sangue tapuia ~~de Jussara~~, ~~movendo um comportamento livre de convenções repressivas.~~

"~~Também ficou claro~~ que a enérgica intervenção de Aguirre ~~amedrontou~~ Juan Diaz, que abaixou a escopeta.

"Mas, naquele instante, ~~acordando com a discussão dos invasores~~, surgiu à porta do camarote, possesso, o Coronel Possidônio, garrucha à mão, bradando:

- "O que ~~fazem~~ aqui?! ~~Este~~ é o camarote de minha filha! Saiam daqui, miseráveis!"

"O que se seguiu foi ~~verdadeiramente~~ terrível: o Coronel, ~~fora de si~~ com fúria alucinada, apertou o gatilho da velha arma e atingiu Juan Diaz no peito. Mas o boliviano, apesar de ferido, ~~apontou~~ enfiou a escopeta e fulminou o fazendeiro com um único e certeiro tiro. Com um enorme ferimento aberto no peito, Possidônio caiu morto, diante dos gritos de sua mulher e da filha.

"~~O~~ Foi quando o noivo de Jussara, Odorico Munhoz, surgiu apavorado à porta ~~de seu camarote~~ de sua acomodação. Deparando com a cena trágica, retornou ~~depressa~~ imediatamente ao interior da cabina, temendo, provavelmente, que fosse também atingido por um tiro. Escrevi provavelmente como forma diplomática de camuflar a verdade ~~do comportamento~~ sobre a atitude pusilânime de Odorico. ~~Comportamento~~ Atitude, aliás, muito freqüente nesta viagem.

"O crime, naturalmente, ficou impune, pois ninguém estava em condições de enfrentar, ou punir, os assassinos, que ~~continuavam a dominar~~ dominavam a embarcação. ~~indefesa.~~

"A viagem prosseguiu, portanto, em clima de ~~intolerável~~ medo e pavor. O corpo do Coronel foi ~~conservado no~~ transportado para o frigorífico do navio, ~~para enterro em Manaus~~, enquanto Juan Diaz, ~~muito~~ ferido e sangrando, muito, foi levado para o camarote dos assaltantes, e nele examinado por um prático de farmácia, que não escondeu a gravidade do ferimento.

"Após ~~esses~~ os trágicos e lamentáveis acontecimentos da noite anterior, indago-me, com assombro, se ainda ocorrerão outras mortes nesta famigerada viagem. O recrudescimento da violência, da exasperação e do instinto patológico de brutalidade dos foragidos de Iquitos, são circunstâncias que me levam a acreditar nesta hipótese. Ninguém, neste navio-fantasma, pode considerar-se a salvo da fúria homicida do bando.

"Que Deus nos acuda!" - ~~concluiu Michel Leroy~~ diria Frei Massotti, se estivesse entre nós - seu relato.

concluiu Michel Leroy seu relato.

O Delírio de Juan Diaz

O tiro de garrucha desfechado pelo Coronel Possidônio em Juan Diaz penetrou no tórax, perfurou a pleura e provocou grave lesão no pulmão direito do boliviano, sem atingir, contudo, a região da artéria pulmonar e dos grandes vasos. Este fato salvou-o de morte certa, mas provocou, além do hemotórax, considerável queda da pressão arterial e sérios problemas respiratórios.

Um tripulante do navio, responsável pela pequena farmácia, ~~a bordo~~, ~~foi chamado a examinar~~ veio periodicamente examinar o ferido, constatando a gravidade de seu estado. Estancou-lhe o sangramento externo e ministrou-lhe uma porção de morfina, necessária para atenuar as dores que Juan Diaz dizia insuportáveis.

O prático, com precários conhecimentos de clínica médica, opinou, com sabedoria, que somente uma intervenção cirúrgica daria condições de sobrevivência ao ferido.

Juan Diaz conservou-se lúcido, mas, com o ~~correr~~ passar do tempo e a evolução traumática da lesão, sobrevieram febre alta e agravamento dos problemas respiratórios. O que se passou a temer foi a possibilidade, bastante provável, de infecção e sua conseqüência mais séria: a septicemia.

O Comandante Caruana, chamado ao camarote dos bandidos, advertiu que somente em Tefé, ainda distante, haveria possibilidade de socorro médico e hospitalar, que Juan Diaz, nervosamente, recusou.

O diagnóstico do prático de farmácia, ~~em permanente assistência à vítima~~, foi pessimista: Juan Diaz dificilmente suportaria a viagem até Tefé, distante quase quatrocentos quilômetros do ponto onde se encontravam.

No dia posterior ao ferimento, Juan começou a delirar, com febre acima de quarenta graus. Zimaco, muito chegado, por amizade, ao boliviano, praticamente não saiu de sua cabeceira, enxugando-lhe o suor, dando-lhe líquidos, aplicando-lhe injeções anti-inflamatórias.

Testemunhado pelos invasores e alguns tripulantes, o delírio de Juan Diaz algumas vezes alcançou dimensão dramática pelo relato desconexo de ~~reminiscências~~ lembranças da vida dura que passara na selva, onde ~~fora~~ foi seringueiro e

trabalhador braçal por ~~longos~~ muito anos.

Desprovidas de lógica e, principalmente, de cronologia, as recordações delirantes de Juan Diaz misturavam episódios da infância no povoado boliviano de Santa Rosa, próximo à fronteira com o Acre, com referências ao pai, que se engajara ~~como soldado~~ na tropa de Rozendo Rojas, derrotado por Plácido de Castro em ~~batalhas~~ refregas à margem dos rios Abunã e Tauamanú, ~~morto na sangrenta batalha de~~ e morto na batalha de Puerto Alonso.

Várias vezes Juan pronunciou o nome ~~do conquistador do Acre~~ de Plácido, (do Acre), acusando-o de "usurpador", "invasor", "tirano", até culminar, ~~no auge do ódio,~~ com o insulto berrado com ódio:

- Plácido, hijo de una puta! Plácido, assessino de mi padre!

Mas o que predominou no desvario ~~de Juan Diaz~~ do boliviano foram as ~~lembranças~~ reminiscências ~~obcecantes~~ obsessivas da vida de seringueiro na Bolívia, no Peru e, principalmente, ~~sobretudo~~, no Brasil. ~~Mesclando~~ Misturando nomes de lugares, rios, hábitos e acontecimentos da tumultuada atividade ~~exercida~~ na selva, Juan Diaz falou muito no "fabrico" da borracha, nas barracas e barracões, nos tapiris e carreiros margeando a árvore do caucho, no talho dos troncos, nos cadilhos onde o látex ~~era~~ é recolhido, na "prosa" com os camaradas nas choupanas cobertas de folhas de palmeira, na defumação e preparo das pelas que iriam enriquecer os donos dos seringais, ~~chamados~~ que eram chamados antigamente de aviadores.

Cercado pelos companheiros, Juan Diaz ~~demonstrou~~ revelou no delírio uma memória extraordinária, recordando datas, nomes de amigos e inimigos, fatos antigos e recentes, girando tudo num caleidoscópio mental que misturava Bolívia com Brasil, gente com animais, passado com presente.

- Você não sabe o que é um seringueiro, Zimaco - dizia Juan, em momento de maior lucidez. ~~mais tranquilo~~. - Não conhece a miséria do seringueiro, no meio da mata, obrigado a produzir oito, dez, até vinte galões diários do látex, cortando oitenta árvores para tirar ~~alguns~~ poucos galões do suco maldito!

Interrompia o relato para um curto repouso que a dispnéia dificultava. Depois continuava, ~~aos~~ com voz irada:

- Gente safada, enriquecendo à custa de nosso trabalho, com seus barracões, suas lojas e armazéns, seu ~~dinheiro sujo de sangue~~! do nosso sangue!

~~Tirando~~ Buscando no fundo da memória as imagens ~~da vida inóspita~~ do inferno da selva,

Juan Diaz fechava o punho, tremia de ódio, murmurava ofensas e palavrões que o sacudiam por dentro, agravando-lhe a saúde combalida.

- Vida de miséria, tirando a borracha maldita, morrendo de malária, de beribéri, diarréia, dos tiros das tocaias! De dia ~~sofrendo~~ era o calor (do inferno), de noite o frio ~~intenso, entrando pelo~~ cortando o corpo!

Interrompia a ~~confidência~~ o relato, ofegante, molhado de suor. Ficava ~~certo~~ algum tempo imóvel, com a dispnéia ~~ruidosa~~ crescendo. Zimaco colocava-lhe a compressa, pedia silêncio, para que Juan pudesse repousar.

Mas ~~Juan Diaz~~ o boliviano não dormia, insone, atormentado pelas dores. Mesmo com os olhos fechados, ~~retornava~~ voltava ao passado:

- Fui mateiro, fui comboieiro de burro de carga, fui toqueiro, homem de campo, limpei terreno em volta de barracões, fui caçador e mariscador, abri o varadouro da mata, fiz lenha para as caldeiras, fabriquei varejão para as canoas.

- Borracha, borracha maltida! - ~~repetia sempre~~ gritava então, com raiva ~~escondida~~ acumulada.

- Fique calmo, Juanito! - pedia Zimaco, impressionado com os impropérios do amigo.

Mas Juan, para desabafar o rancor, ~~confinado no coração~~, voltava às ~~reminiscências~~ lembranças:

- Apanhei beribéri, Zimaco, quase morri, mas me safei, gente ruim não morre cedo, não é?

Acalmava-se um pouco. Depois, fixando Zimaco com olhar mais sereno, perguntava:

- Conhece a seringueira-branca, Zimaco? Tem casca branca, folhas largas, bonitas. E a seringueira-preta, de casca escura, folhas estreitas, madeira branca, boa para fazer caixas? Ouviu falar na seringueira-barriguda, que é pequena e cresce na margem de rios e igapós? Ela tem folhas peludas e solta um látex resinoso que não dá borracha.

Voltava-se então para Miguel Viana, ~~mouco leito~~, e perguntava:

- E você, brasileiro besta, já entrou no mato, cortou seringueira-chicote, pelos lados do rio Negro, do Trombetas, dos afluentes do Solimões? Já confundiu a seringueira com o seringueiro, pássaro conhecido também pelo nome de Sim-senhor, ou Pipiô?

- Sim senhor, sim senhor, "seu" Juan Diaz... - brincava Miguel Viana,

naquele momento descontraído da doença.

Houve uma pausa longa e tranqüila no camarote. Talvez por influência de Juan Diaz, os outros fugitivos passaram também a recordar o passado de pobreza e violência. Mas o fizeram em silêncio, calados, o olhar sombrio, numa reflexão consuntiva, de inesperada lucidez.

Não durou muito, pois, subitamente, ouviu-se a voz angustiada de Juan Diaz:

- Vou morrer, Zimaco? Não vou morrer?

- Que morrer nada, Juanito! - acudiu o peruano, ocultando a verdade. - Você é duro na queda, vai enterrar muita gente, colher muita borracha, ficar rico, construir barracão, virar "aviador" pra comprar cama macia na Europa.

Juan meditou um pouco, entristecido. Depois recomeçou, com melancolia na voz fatigada:

- Vivi na selva, perto de rios, meu pai morreu na guerra, mas sei que vou morrer no rio, neste Solimões de tanta miséria.

Agarrou fortemente a mão de Zimaco e pediu, com voz entrecortada:

- Não me levem pro hospital, não me levem, Zimaco, pelo amor de Deus! Quero ir com vocês para o México. Me promete, Zimaco, me promete?

- Prometo, Juan, fique tranqüilo. Não deixo levarem você pro hospital! Vem conosco, no "Catalina", vamos juntos pro México!

Juan tranqüilizou-se um pouco. Fechou os olhos, a respiração opressa, transpirando muito. Depois voltou a falar, com voz débil:

- Vou te pedir uma coisa, Zimaco: se eu morrer antes de chegar a Tefé, jogue meu corpo no rio. Se as piranhas não comerem, o rio me leva ao barranco. E lá um pescador me enterra no mato.

A febre queimava-o. Seu rosto avermelhado estava quente e suarento. Voltou a delirar, agora revertendo aos anos vividos na Bolívia, misturando frases e vocábulos sem nexo, algumas vezes gritados, outras apenas murmurados:

- Abunã, Madre de Dios, Ortón, Beni, rios de mi vida! Mi bailecito, mi paracalle, vientos de Tiahuanaco, de Titicaca, mierda, mierda! Mi pueblo de Cuenca, não ouço mais o yaravi, o khaluyo, os sampoños, os pinkillos!

Agitava-se no leito, o rosto desfigurado, os punhos cerrados:

- Mi padrecito... Plácido, asessino, usurpador, hijo de una puta!

Exausto, inundado de suor, ficou mais calmo e ~~voltou a falar~~ ainda gritou:

- Piabinhas, bandeirinhas-da-Colômbia, meus peixinhos lindos... Nunca tive um aquário...

De repente, enfurecido, mostrou as mãos calosas, deformadas pelo trabalho nos seringais, mãos enormes, com os dedos retorcidos, como se tivessem sido torturados. E ~~bradou~~ gritou:

- Trezentos milhões de seringueiras, trezentos milhões ~~só~~ no Amazonas! Sangrei todas, com estas mãos! Bubuia, caraxué, marupiara, tuaiá, serimbabo, zambé!

- O que ele está dizendo, Zimaco? - perguntava, assustado, Miguel Viana.

- Não sei - respondia Zimaco. - Está delirando.

E Juan Diaz continuava, na melopéia febril:

- Faz fogo, Generino, faz fogo! Putirum está fervendo, pede ao pajé pra curar, corta a cauda, dá à cunhatã pra comer, assa o pedaço de jabá, mama-em-onça, ei chibé, coivara, erê!

E vociferava, possesso:

- Mierda, mierda, carajo! Cojones del padre! Puta que lo pariu!

Calou-se, extenuado, puxando do peito o ar que o oprimia.

Horas mais tarde, num intervalo do delírio, quando Juan Diaz, finalmente, conseguiu dormir, Aguirre apanhou o maço de cigarros e avisou aos companheiros:

- Vou fumar ali fora.

Chegou ao convés, e debruçou-se na amurada, pensativo. Minutos depois Carvajal se aproximou, tenso, como se alguma coisa o afligisse. E perguntou, com certa indecisão:

- Acha que ele vai morrer, Carlos?

- Vai. Está perdido. Não resiste muito tempo.

- Coitado! - disse Carvajal.

Ficaram algum tempo em silêncio. Alguma coisa os constrangia, e isto

era percebido pela falta de naturalidade com que se defrontavam.

Até que Carvajal, como se criasse coragem, iniciou a abordagem do assunto que o atormentava.

- Queria te dizer uma coisa, Carlos.

Aguirre encarou o amigo, interrogativo.

- Acho que a culpa do que aconteceu a Juan é sua! - afirmou Carvajal, visivelmente embaraçado.

- Minha? - replicou Aguirre, surpreendido. - Por quê minha?

- Não foi se meter com aquela moça, a filha do Coronel? Não provocou o ciúme de Juan, não impediu que também fizesse o que você fez? - desabafou Carvajal, nervosamente.

- Ora, Julio, você é que está com ciúme. Que besteira, homem! Pare com isto!

- E não é para estar, Carlos, não é para estar? - inquiriu Carvajal, angustiado. - Não me desprezou, não foi se meter com aquela mestiça? Não foi egoista com o Juan?

- Porra, Julio, pelo amor de Deus! Gosto também de mulher, que diabo! Não sabe que a moça deixou a porta aberta para eu entrar? Não sabe que ela tem horror ao Juan?

Fixou Carvajal com firmeza e completou:

- Pare com esse ciúme besta, homem! Quer me deixar em paz?

Movido pelo despeito, desesperado, Carvajal, num impulso inesperado e canhestro, abraçou-se nervosamente a Aguirre, que o afastou com violência, exclamando:

- Deixe disto, Julio, que merda! Sai pra lá veado, me deixe em paz, porra!

E se afastou, retornando ao interior do camarote, no mesmo instante em que, vindo pelo corredor, Caruana se aproximava.

Carvajal, trêmulo, ressentido, seguiu na direção oposta, remoendo sua mágoa homossexual.

Entre a Fé e o Perdão

Passando diante da suite dos seqüestradores, Berenice e Clotilde ouviram os gritos e gemidos de Juan Diaz, ~~manifestação dramática do sofrimento do boliviano.~~

Desde a morte de Çuriçaua e Ridruejo, o desaparecimento de Iauitê e, mais recentemente, a tragédia ocorrida ~~diante da~~ frente à cabina de Jussara, as relações entre as duas religiosas sofriam forte influência dos acontecimentos.

Mas, ~~verdadeiramente~~ na verdade, o que ~~mais~~ afetava a convivência fraternal das duas primas era o reencontro de Berenice ~~e~~ com Miguel Viana. Clotilde não se conformava com a estranha coincidência que os reunira ~~em circunstâncias tão anormais~~ no navio.

Um clima de recriminações ia deteriorando aos poucos a amizade ~~que as unia,~~ de longa data.

Quando chegaram ao camarote que compartilhavam, um silêncio incômodo manteve-as ~~as duas~~ em clima contrafeito, prenúncio ~~da~~ da altercação que, efetivamente, não demorou a eclodir.

Não era somente o reencontro com Miguel a causa ~~primordial~~ principal da desavença. Outro fator ~~também~~ viera ampliar-lhes a dissenção: a decisão, talvez irreversível, de Berenice ~~abandonar~~ deixar a Congregação para dedicar-se ao filho.

~~Desta forma, em dia de fins de abril, as duas religiosas se entretiveram numa~~ Naque dia iniciaram nova e acalorada discussão, abordando dogmas, doutrinas, ~~conceitos~~ e posições que ~~as antagonizavam~~ se conflitavam ~~do ponto de vista~~ com o conceito éticos e religiosos.

- ~~Tanto como~~ Mais do que este crime estúpido, Berenice, ~~que custou a vida ao Coronel~~, o que me revolta é seu relacionamento com um dos assassinos, exatamente aquele que se comportou de maneira tão infame com você!

- Não fale ~~assim~~ desta forma, Clotilde - ~~replicou~~ pediu Berenice. - Você não conhece Miguel, como eu. Estudamos juntos, nossas famílias (mantinham relações de amizade...

- O que não o impediu de cometer ações desprezíveis! - interrompeu asperamente Clotilde - De fugir covardemente em momento vital para sua vida, deixando-a só, grávida de um filho que era também dele! Além de fugir como um poltrão, desceu ao mais baixo nível moral, até assassinar uma pobre mulher!

- Você está sendo injusta, e intransigente, Clotilde! - retrucou ponderou Berenice, exaltada. - Repudia um dos mandamentos mais altos da Igreja, o perdão, que redime a fraqueza, as misérias e baixezas (do ser humano) Fico triste, vendo você com esse rancor, essa incompreensão, condenando um infeliz apartado de Deus.

Possuída por um fervor que surpreendia Clotilde, Berenice deu alguns passos no quarto, aproximou-se da prima e continuou:

- Você dedicou a vida inteira uma devoção comovente a Santo Tomás de Aquino, para você o mais sábio dos santos, ou, como gosta de dizer, "o mais santo dos sábios". Mas agora se esquece dos ensinamentos deste Santo e Mestre da filosofia cristã.

Encarou a prima no fundo dos olhos e falou com um vigor clarividente e tenaz:

- Não é Santo Tomás que nos ensinou que a Natureza e, com ela, a razão natural antecedem a fé e a revelação, e que não existe nenhum vácuo entre o reino da Natureza e o reino da Graça, mas apenas "uma suave e contínua transição"? Que "a razão natural pode conhecer o mundo e os homens, a criação de Deus, baseando-se este conhecimento em experiências dos sentidos"?

Apertou suavemente o ombro da prima e prosseguiu:

- Como pode condenar antecipadamente um homem que pecou, mas que Deus, em sua infinita misericórdia, não abandonou, pois "o bem na bondade é mais forte do que o mal na maldade"?

Calou-se, por alguns segundos, emocionada, fixando carinhosamente a prima que, apesar de envolvida pela eloqüência de sua argumentação, retrucou quase asperamente irritadamente:

- Quando estudou a doutrina tomista, Berenice, você aprendeu no Convento que as verdades da fé, os milagres de Deus, os mistérios, como a Santíssi-

ma Trindade e o pecado original, ultrapassam a razão, mas não a contradizem. É que as idéias puras, "atingidas pelo pensamento a partir das coisas reais e purificadas no seu caminho ascendente, não são separáveis de seu objeto e não formam um mundo à parte, à maneira das idéias platônicas.

- Segundo Aristóteles - ~~continuou~~ prosseguiu - essas idéias têm uma existência independente em Deus. Você não se esqueceu, Berenice, do que disse Santo Tomás: "Não são as paixões em si nem boas, nem más, porque para o homem o bem e o mal se determinam segundo a razão? Por isso, as paixões, consideradas em si, podem ser boas ou más, conforme correspondem ou não correspondem à razão".

Aproximou-se mais da noviça, tomou-lhe nervosamente a mão e acrescentou:

- Acho que você raciocina menos pela razão do que pelo instinto, Berenice. Isto lhe cria obstáculo para um julgamento isento.

Ia continuar, mas Berenice interrompeu-a com certa acritude:

- Você distorce o conceito tomista da razão natural e sua relação com o reino da Natureza e o reino da Graça. Santo Tomás, você sabe, escreveu que "as criaturas inferiores são reconduzidas a Deus pelas superiores", e que "cada coisa imperfeita tende para a perfeição", "o bem pode realizar-se em forma mais pura do que o mal, pois existe o bem sem qualquer acréscimo do mal; mas nada é tão mal que não contenha um pouco de bem".

Abrasada pela fé e a piedade, Berenice ainda disse:

- Ensinou também Santo Tomás que "nem todos os seres humanos têm a capacidade de pensar em moldes filosóficos. Para aqueles, cuja razão não tem as faculdades indispensáveis para conhecer as verdades básicas, Deus as revelou. Há, contudo, perfeita identidade entre estas verdades reveladas e as obtidas pela razão, em virtude da identidade da fonte, que é Deus".

- A provação de Miguel,- ~~continuou~~ disse ainda Berenice - descendo ao abismo do crime e se distanciando de Deus, pode ser a forma através da qual alcançará as verdades essenciais, reveladas por Deus..

Voltara a falar com equilíbrio, sua voz recuperara não uma doçura serena e refletida. Clotilde, mesmo dissentindo do conteúdo do que a prima falava, admirou-lhe o empenho ~~que mostrava~~ pela salvação de Miguel.

- Quase chego a pensar, Clotilde, que você se esqueceu que o perdão é o mais belo atributo da alma cristã. Jesus, que sofreu ofensas e humilhações, perdoou aos que o ofenderam e crucificaram. Antes de morrer, suplicou ao Pai que perdoasse aqueles que não sabiam o que estavam fazendo. Poucos, como Miguel, desceram tão fundo na ruína moral, na decadência dos instintos. Mas a caridade, Clodilde, como o perdão, ainda pode redimi-lo da punição eterna, pois Santo Tomás também proclamou que "não pode haver verdadeira virtude sem caridade", e que "amar o inimigo é mais do que amar o amigo, porque prova um maior amor a Deus".

Clotilde parecia comover-se com a força indulgente de Berenice, de cujos olhos desciam lágrimas, enquanto dizia:

- Cristo transmitiu aos profetas e a todos que O seguiram, o amor a Deus e aos nossos semelhantes, apontando o limite do amor: a imitação do próprio Amor Redentor, sobre a Cruz. E disse: "Amai os vossos inimigos, orai pelos que vos perseguem".

Inesperadamente, passando do enternecimento à antiga postura de intransigência, Clotilde recomeçou, com voz áspera:

- Um dos mandamentos, Berenice, você sabe, é "Não Matarás". E Miguel matou, por motivo fútil de ciúme!

- Mas ele se arrependeu, Clotilde, pagou caro pelo crime, foi torturado no inferno daquela prisão, e ali sofreu profundamente!

- O que não o impediu de cometer outros crimes, como invadir um navio, aterrorizar passageiros indefesos, assaltar e roubar, embriagar-se e conviver com delinqüentes da pior espécie! Se ele se arrependeu, por quê continua a transgredir a lei, intimidando inocentes, pelas armas?

O semblante de Clotilde cobrira-se de uma expressão desafiadora. E isto, momentaneamente, arrefeceu a eloqüência de Berenice. Mas, depressa, ela respondeu à prima, com voz mais baixa:

- Apesar do pedido de Miguel, Clotilde, vou revelar a você um segredo que Miguel me confiou: vai, espontaneamente, abandonar os companheiros em Tefé e entregar-se às autoridades.

A revelação desanuviou um pouco a expressão contraída de Clotilde, que comentou, delicadamente:

- Se esta decisão é obra sua, Berenice, se foi o resultado de suas preces, é uma conquista ~~muito~~ importante e meritória.

- É verdade, Clotilde, rezei e continuo a rezar muito por Miguel, mas a decisão foi dele, ~~unicamente~~ somente dele.

Calou-se por alguns instantes. Quando voltou a falar, sua voz enchera-se novamente de aflição:

- O que me atormenta, Clotilde, é ~~o risco que~~ a possibilidade de Miguel ~~correr de~~ voltar àquela Penitenciária infame. Pensei até em aconselhá-lo a fugir...

- A fugir, Berenice?! - interrompeu Clotilde, espantada. - Que é isto? Aconselhá-lo a fugir? Fugir para onde?!

Neste ponto, desesperada, Berenice começou a soluçar, sem conseguir responder à amiga que, penalizada, pediu com suavidade:

- Não chore, Berenice, não chore, querida. Fique calma.

Soluçando sempre, Berenice não conseguiu controlar-se e, subitamente, abraçou Clotilde com força, como uma criança que pede socorro.

Clotilde levou-a delicadamente ao leito, onde ~~se~~ a estendeu. Depois foi buscar um copo de água, que Berenice bebeu.

Mais calma, Berenice voltou os olhos tristes para ~~a prima~~ Clotilde e falou, emocionada:

- Pensei nessa fuga, Clotilde, ~~para seguir~~ seguindo com Miguel para São Luiz, onde nos casaríamos e criaríamos nosso filho.

- Mas Berenice, em qualquer lugar para onde ~~vocês~~ fugirem, a lembrança do crime de Miguel perseguirá vocês! Esta não é uma saída honesta e cristã, pois estariam escapando da lei dos homens, da lei de Deus, da lei da Igreja.

Apanhou um lenço e, com ele, enxugou as lágrimas que ainda desciam ~~dos~~ pelos olhos da noviça.

- Santo Tomás ~~também disse~~ ensinou que "o maior benefício que se pode conceder ao homem é conduzi-lo do erro à verdade". Que tipo de verdade você poderia oferecer a este homem, Berenice? Outra fuga, outra covardia, outra mentira, outro crime?

~~Houve~~ Um longo silêncio ~~no recinto~~ as envolveu. Ouviu-se, ~~então~~ distante, um grito lancinante de Juan Diaz, ~~vindo da rua~~. Berenice e Clotilde olharam-se em pâ-

nico, conscientes da realidade que as cercava, compreendendo que aquele grito era um sinal de culpa e punição.

Impressões de Viagem

Entre os passageiros do "Amazonas" mais afetados pelos acontecimentos ~~decorrentes da presença dos presidiários a bordo,~~ destacava-se o casal Flora e Charles Scott Sturges.

Nascidos e residentes na cidade de Kansas City, nos Estados Unidos, Charles e Flora foram aconselhados pelo casal Patrick, sem grande amigo ~~de suas relações,~~ a conhecerem, em viagem de férias, a região amazônica.

Engenheiro-agrônomo, Charles S. Sturges era um dos diretores de importante empresa agro-pecuária de Kansas. Tinha dois filhos e morava em confortável casa, passando os fins-de-semana num sítio a trinta quilômetros da cidade.

Viajavam pelo ~~ao~~ exterior pelo menos dois meses cada ano, conhecendo quase toda a Europa, parte da África, Ásia, América Central e Caribe. Como ainda não conheciam a América do Sul, a recomendação dos Patricks foi recebida com ~~certo~~ entusiasmo, já que, nas férias de 1958, ~~os dois se~~ mostravam-se indecisos para onde viajariam. ~~nas férias de 1958.~~

Tomaram o ~~Viajaram de~~ avião, certo dia, com destino à capital do Peru. De Lima ~~de Kansas City a Lima e, de lá, a~~ (se foram para) Iquitos, onde permaneceram três dias, embarcando depois ~~em seguida~~ no navio-gaiola ~~que retornava ao Brasil.~~ Brasileiro.

A primeira carta que remeteram ~~enviaram~~ aos filhos (Nancy e Michael) foi datada de Iquitos, e continha ~~algumas~~ restrições à viagem, como o calor, o hotel, a "falta de graça" de Lima e, de acordo com ~~conforme~~ suas palavras, "a feiúra daquele povo ~~do povo peruano,~~ com cara triste de índio, olhando os turistas meio abobadamente. ~~com desconfiança".~~

A segunda carta foi escrita a bordo do "Amazonas", também endereçada ~~dirigida~~ aos filhos ~~Nancy e Michael. Era~~ Uma carta francamente desanimadora. Quando a redigiram, após os sangrentos episódios em bordo, temiam que a carta nunca chegasse ~~Ao ser redigida, o casal Sturges desconhecia se a mensagem algum dia chegaria ao~~ seu destino. ~~por motivos que também narraram.~~

Há turistas que, de uma forma ou de outra, ~~sempre~~ apreciam alguns aspectos da região visitada. A carta de Flora e Charles, que, a seguir, iremos transcrever~~mos~~ na língua original, era absolutamente arrasadora, de tal forma que acabou ~~ficando~~ engraçada. Poderia, na verdade, com perfeição, incluir-se no gênero tragicômico da epistolografia. Dependendo das pessoas, e da forma como são narrados, há sofrimentos que até fazem rir.

O texto da carta de Flora e Charles Sturges era o seguinte:

"May 2, 1958.

Dear Mike and Nancy,

We hope you get this letter. I was written on board the S.A. Amazonas.

Your father and I are becoming more convinced with each passing day that the Patricks were out of their cotton-picking minds when they suggested we visit this place. I was a very bad idea indeed!

I our previous note, we described our first impressions of the Kansas City-Los Angeles-Mexico City-Panama-Lima-Iquitos leg of this unbearably long journey. Despite our complaints in that letter, we now know that the first part of this trip could almost be called heavenly, considering what came afterwards when we went aboard the Brazilian "ship" Amazonas.

The natives in the area have a strange nickname for her: "gayoulla", wich means "bird cage", although for the life of us we can't imagine why anyone would call her that, since she carries mainly passengers. Your daddy looked her over from top to bottom and didn't see many birds.

Anyway, the Amazonas is absolutely horrendous! She's slow - we sometimes can't tell if she's moving at all - uncomfortable, and what's worst of all, there is absolutely no privacy!

Most of our fellow passengers look like they're going slumming or to some weird Halloween party. They're so poorly dressed! And they bring every kind of bundle aboard. Even pets. Or we suppose they must be pets.

Although why anyone would want a pig for a pet is beyound us. At any rate, the S.S. "Gayoulla" stinks to high heaven!

Our trip in this bird cage has been incredibly unpleasant, uncomfortable and frightening. There are times we fear our very lives, as you'll soon see.

And then there is the "menu". Daddy would sure love to sink his chops into a good old-fashioned Kansas City T-bone. But all they have is this strange guck. And what's even worse, they serve cocktails made of God knows what. Your father tried some and they knocked him for a loop. He made a big fool of himself. (He said to cross out that last part. I'll tell you all about it when we get back. If we ever get home!)

At one of our first suppers in Brazil while going down the Solimos River, they served something called "pata di tacupi" which is made out of lizards or something. It is absolutely disgusting! Nauseating! Charles tried some and got "Pizarro's Revenge" - he couldn't leave the "throne room" for two days, the poor dear!

They advertized that we'd have loads of fun when the boat called at river towns. We got off at Benjamino Constante all full of vim and vigor to pick up souvenirs for you down at the docks.

Well, I declare! What they call a dock around here is a kind of floating you-know-what made out of rickety pieces of scrap lamber stuck on top of these wobbly poles - you just know they're going to fall over at any minute! I suppose they're because of the river tide, rainfall or something.

And the garbage they peddle! And the peddlers! My God, they look like something out of a Buffalo Bill Wild West Show! And then trying to sell candy! Just imagine! All shouting at the tops of their lungs to sell silly bric-a-brac and nasty looking trinkets. Baby leopards, odd goodies to drink (No, thank you!), birds with those funny beaks, parrots, and even monkeys!

Imagine what Millie would say if we brought such a menangerie home to Kansas City!

Things are not much better on board. They're horrid! We were given a tiny cabin. It's poorly ventilated and there's this ancient fan that makes such a recket we can't get a decent night's sleep.

But all this is nothing compared with what we suffer at the hands, or I should say, the beaks of a hoard of gnats and mosquitoes. Absolutely horrid!

But I've saved the worst part for last. The Amazonas was attacked by six escaped convicts armed to the teeth! They'd escaped from a prison at Iquitos which we were told is one of the worst in the entire world! A king of jungle Alcatraz!

As you know all too well, your father is a simple, naive man just like most cattle ranchers. Well! He actually believed these bandids were part of the trip! Sort of local color. Just like Disneyland.

When he finally came to his senses and saw that the bandids were for real and not just a little excitement thrown in to spice up the trip.

He went up to demand that the captain do something immediately. But there they were with their guns pointed at the poorman.

The bandids have created an absolute reign of terror! Everyone has been so terrible frightened, especially after one of them killed an Indian and then was killed in revenge by his squaw. With a poined arrow of all things!

Several days later another murder took place. This time a wealthy rancher was killed by a shotgun blast. One of the escaped cons had worked for the poor man before getting sent up.

You have no idea just how this stupid voyage has turned into a living nightmare! The worst part is we don't know how it's all going to end, or even know I'm going to mail this letter. The cons haven't told a single soul what they intend to do. But one thing is for certain: they are definitely not doing this as a pleasure trip to get to know the Amazon jungle!

We're all afraid even worse things are going to happen. Pray for us. Play we get out of this living hell and get to Manaus safe and sound where we'll be able to hop on the very first plane heading north to the good old U.S. of A.

Daddy and I send all our love, and with God's help, we'll be seeing you soon.

Mom and Dad.

P.S.: More bad news! We were just stuck up by the convicts! They pounded on our door and took absolutely everuthing with those big guns of theirs pointed right at us! My jewelry, Charles' wallet, his watch and even that lovely necklace he bought me at Cartier du Paris! What scum! We don't know where to turn. When all this is over, Charles intends to lodgne a protest in no uncertain terms with the Peruvian or Brazilian Ambassador himself right there in Washington D.C. They will just have to reimburse us for every single cent of our losses! But mum's the word! For the love of God, don't say anything about this to a single soul. Especially not the Patricks! Otherwise, they'll turn us into the laughingstok of all Kansas and even Missouri, and we'll never hear the end of it!

More love from your loving parents, Flora and Charles".

~~A tradução~~ A tradução o português da ~~para nosso vernáculo da~~ carta surpreendente, com as necessárias adaptações à ~~nossa~~ nossa Sintaxe, poderia ser a seguinte:

"2 de maio de 1958.

Queridos Mike e Nancy:

Esperamos que recebam esta carta, escrita a bordo do navio-gaiola "Amazonas".

Estamos, seu pai e eu, a cada dia mais convencidos de que os Patricks estavam fora de seu juízo quando nos sugeriram visitar esta região. Foi, verdadeiramente, uma péssima idéia!

Em nossa carta anterior, descrevemos as primeiras impressões do trecho Kansas City-Los Angeles-México-Panamá-Lima-Iquitos desta longa e insuportável viagem. Apesar das ressalvas e reclamações nela contidas, sabemos agora que a primeira parte da viagem poderia chamar-se de paradisíaca, tendo em vista o que viria depois a bordo deste navio brasileiro.

Os habitantes da região deram um estranho apelido para a embarcação: gaiola, mas nunca imaginaríamos que alguém pudesse chamá-la desta forma, pois só transporta passageiros. Seu pai procurou em todo o navio, de alto a baixo, e não avistou muitos passarinhos.

Além disso, o "Amazonas" é absolutamente horroroso! É vagaroso, dando a impressão de estar parado; é desconfortável e, o que é ainda pior, não oferece nenhuma privacidade!

A maioria de nossos colegas viajantes parece caminhar para uma misteriosa festa do Dia dos Mortos, vestindo-se de maneira lamentável! Trouxeram para bordo todo tipo de pertences, trouxas e embrulhos, inclusive animais domésticos. Chega-se a pensar que os próprios passageiros sejam animais domésticos, apesar de que ninguém gostaria de trazer um porco como animal de estimação. De tudo isto resulta um mau cheiro insuportável no navio!

Nosso passeio nesta "gaiola de passarinhos" vem sendo incrivelmente desagradável, desconfortável e assustador. Há ocasiões em que tememos por nossa própria vida, como vocês saberão em breve.

Vamos falar agora do cardápio. Seu pai, evidentemente, gostaria mais de beber tranqüilamente um chope numa boa churrascaria de Kansas City, em vez da estranha comida que nos servem. E, o que é pior, oferecem também

bebidas feitas não se sabe de quê. Seu pai experimentou algumas e acabou literalmente nocauteado, fazendo papel de tolo! (Ele pediu para cortar este trecho. Contarei depois a vocês tudo o que aconteceu com ele. Isto se, de fato, algum dia voltarmos para casa!).

Numa das primeiras refeições, quando descíamos o Rio Solimões, serviram um prato chamado de pato ao tucupi, que parecia feito com lagarto cozido, ou coisa parecida. Absolutamente intragável e nauseante! Charles quis experimentar e pediu aquela vingança de Pizarro, acabando dois dias sentado no trono, o pobre coitado!

Disseram-nos que iríamos nos divertir muito nos portos de escala. Descemos então em Benjamin Constant cheios de força e disposição para comprar algumas lembranças para vocês naquele ancoradouro. Bem, conto a vocês: o que chamam de porto é uma plataforma feita de estacas e pedaços vacilantes de tábuas, que poderiam desabar a qualquer instante. Isto, talvez, por causa das enchentes, das chuvaradas, ou coisa semelhante.

E as porcarias que os vendedores nos oferecem! Eles próprios, Deus do céu, parecem saídos de um show de Bufalo Bill no Oeste Selvagem! Imaginem que também nos ofereceram doces e guloseimas! E gritavam a plenos pulmões, tentando impingir-nos suas bugigangas! Até filhotes de onça, bebidas excêntricas ("Não, muito obrigado!"), pássaros de bicos grandes e esquisitos, papagaios e até macacos queriam nos vender!

Imaginem o que diria Millie se levássemos este zoológico ambulante para Kansas City!

A bordo as coisas não são melhores. São simplesmente horríveis!

Deram-nos uma cabina apertada, pouco ventilada e dotada de um único e velho ventilador que faz tanto barulho que nos impede de passar uma boa noite de sono!

Mas tudo isto não se compara com o que a gente vem sofrendo com as picadas das hordas de insetos, pernilongos e mosquitos!

Deixamos para o final a pior parte de nosso relato. O "Amazonas" foi invadido por seis bandidos, armados até os dentes, foragidos de uma prisão de Iquitos, considerada das mais violentas do mundo. Uma espécie de Alcatraz da selva!

Como sabem perfeitamente, seu pai é um homem simples e ingênuo, como

a maioria dos criadores de gado. Pois ele acreditou piamente que os invasores fizessem parte da viagem, uma espécie de cor local, alguma coisa parecida com a Disneyland.

Quando, finalmente, recuperou o bom-senso e se convenceu de que a invasão era real, assustou-se e foi pedir providências imediatas ao Comandante, também imobilizado pelas armas que os convictos lhe apontavam.

Os celerados impuseram aqui um reino de terror absoluto. Todo mundo se encontra aterrorizado, principalmente quando um deles assassinou um índio e foi depois morto pela flecha envenenada, disparada pela viúva.

Dias depois aconteceu novo assassinato, desta vez contra um rico fazendeiro, abatido por um tiro certeiro de um dos assaltantes, que fora seu antigo empregado.

Vocês não podem imaginar como esta estúpida viagem se transformou num autêntico pesadelo! O pior é que não sabemos como tudo isto vai terminar, e nem sabemos como esta carta chegará até vocês. Os presidiários não revelam o que pretendem fazer. Uma coisa, no entanto, é certa: eles, definitivamente, não estão fazendo uma viagem de turismo para conhecer a floresta amazônica!

Tememos que coisas piores possam ocorrer. Rezem por nós. Rezem para que saiamos vivos deste inferno e cheguemos a Manaus sãos e salvos, para tomarmos o primeiro avião de volta aos queridos Estados Unidos da América.

O velho e eu enviamos a vocês todo nosso amor e, se Deus quiser, breve estaremos aí com vocês.

Mamãe e papai".

"P.S. - Mais notícias ruins! Acabamos de ser furtados pelos bandidos! Bateram à porta de nosso camarote e tomaram absolutamente todos nossos pertences, protegidos pelas armas apontadas contra nós! Todas minhas jóias, a carteira de dinheiro de Charles, seu relógio e até aquele lindo colar que que ele comprou para mim na Cartier de Paris, foram surripiados! Que escória! Não sabemos a quem recorrer. Quando isto acabar, Charles irá apresentar enérgico protesto ao Embaixador do Peru, ou do Brasil, em Washington. Terão de reembolsar-nos até o último centavo por todas nossas perdas! Mas, por favor, nenhuma palavra sobre isto! Pelo amor de Deus, não digam nada sobre isto a ninguém, principalmente aos Patricks! Caso contrário, eles

fariam todo o Kansas, e até mesmo o Missouri, dar gargalhadas que não acabariam nunca!

Mais amor de seus saudosos pais, Flora e Charles".

A Carta de Caruana

No mesmo dia do assassinato do Coronel Possidônio Gouveia, o Comandante Caruana fechou-se no camarote e escreveu longa carta a sua mulher Francisca.

À noite, antes de dirigir-se ao refeitório, Caruana procurou o Imediato Aparício, morador, como ele, em Belém do Pará, levando consigo a carta fechada ~~em envelope~~ e subscrita à mulher.

- Aparício - disse ele - você, além de vizinho, companheiro de uma boa cerveja e marujo, como eu, é um de meus melhores amigos. Nesta condição, venho lhe pedir um favor muito especial: entregar esta carta a Franciscquinha, se, por acaso, Deus me levar desta para melhor.

- Lá vem você de novo com caraminholas na cabeça. Puxa, Caruana, você não tem mesmo jeito!

- Você se lembra que, antes de partirmos de Belém, a Francisquinha me pediu insistentemente para não viajar, dizendo que tivera um ~~sonho, um pesadelo,~~ (pressentimento) ou coisa parecida? Pois olhe, Aparício, acho que estava certa! Esta viagem é um pesadelo insuportável, e chego a acreditar que não vai acabar bem. Acho que minha próxima escala é o cemitério.

- Por favor, Caruana, não ponha na cabeça tanta besteira! Você vai chegar aos cem anos, com Francisquinha e os filhos ao lado, forte, feliz, esbanjando saúde.

- Gostaria que fosse assim, Aparício - afirmou Caruana, com uma expressão triste a nublar-lhe o olhar. - Mas qualquer coisa me diz que vai ser o contrário.

Colocou afetuosamente a mão no ombro de Aparício e perguntou, com voz embargada:

- Posso contar com você? Entrega a carta à Francisquinha?

- Claro que entrego, Caruana! Mas não vai ser preciso, pois você vai chegar são e salvo a Belém, de volta aos braços da sua mulher. Aí vai ler pessoalmente a carta para ela. Até que vai ser muito engraçado!

Este era o texto da carta muito por Caruana:

"A bordo do "Amazonas", 3 de maio de 1958.

Minha querida Francisquinha:

Acho que você tinha razão quando quis impedir-me de viajar neste velho gaiola.

Você, como todas as mulheres, tem intuições que normalmente se confirmam. É uma espécie de sexto sentido que lhes dá uma sabedoria premonitória de acontecimentos que ~~vocês~~ as mulheres, com rezas, súplicas, promessas e lágrimas, tentam exorcizar.

Parece que Deus se comunica mais facilmente com vocês do que conosco. Os homens, infelizmente, costumam dialogar com mais freqüência com o diabo, que é sempre um mau conselheiro.

As mulheres, dedicadas ao lar, aos filhos, à vida familiar, estão mais habituadas ao trato com os sentimentos do que com a luta pela vida e a competição profissional, atividades mais afetas aos homens. Eu diria, em sentido figurado, que temos os braços, vocês a força; temos as pernas, vocês o caminho; temos a ação, vocês o impulso.

Você, Francisquinha querida, chegou à minha vida quando eu já estava ~~da~~ à velhice. Foi sua juventude, no entanto, que retardou minha entrega a esta fase que, para muitos, é uma grande desgraça. Desgraça inevitável, infelizmente!

Você trouxe para minha vida a alegria de viver, tornou mais bela ~~a~~ a convivência amorosa de que resultaram nossos filhos, nosso lar, nossos anseios, medo, derrotas e triunfos.

Medo tivemos quando você adoeceu e Fernandinho foi operado. Ou quando, tempos atrás, meu navio, repleto de passageiros, encalhou num banco de areia e as águas da enchente quase o fizeram adernar.

Medo agora também estou sentindo, Francisquinha, com a presença no "Amazonas" de cinco criminosos (eram seis, mas um deles morreu), foragidos da Penitenciária de Iquitos, e que já assassinaram dois passageiros, invadiram e saquearam Fonte Boa, expulsaram do navio os viajantes de terceira-classe e despejaram toda a carga ~~que transportávamos~~ do "Amazonas".

Esses assaltantes e homicidas responsabilizaram-me por tudo que estão cometendo no decurso desta viagem, ~~desastrosa~~. Depois que mataram, à queima-roupa, o Coronel Possidônio Gouveia, que também feriu gravemente um deles,

há sempre a ameaça de novas violências e de um desfecho imprevisível, à medida que nos aproximamos de Manaus.

Na verdade, querida, não sei o que pode acontecer com esses bandidos a bordo, armados e dispostos a tudo! Para evitar que sejam denunciados nos portos de escala, ~~descem ao porão~~ (fechamos os camarotes) com reféns, homens, mulheres e crianças, ameaçados com as armas que carregam. Você pode imaginar o terror que provocam (Que) em cada escala!

A situação ficou incontrolável, e posso ser a próxima vítima desse bando de renegados, do qual, ~~inclusive~~, (infelizmente) faz parte um brasileiro.

Em meu camarote estão guardados os presentes prometidos ao Raimundinho, Rita e Fernandinho. E, evidentemente, também para você, uma lembrança singela, mas que demonstra o quanto ama você este velho marujo.

Com a pensão que deixarei, além das economias e nossa casa do Mosqueiro, (creio) que sua manutenção e dos filhos estará assegurada. Faça tudo, por favor, para que se formem, o Raimundo como engenheiro-mecânico; a Rita como médica pediatra, como tanto deseja, e, finalmente, o Fernandinho se, (como marujo,) com o passar do tempo, confirmar-se a vontade de ingressar na Marinha Mercante, seguindo a carreira do pai. Neste caso, destine ao caçula todo o acervo que reuni nesta vida sofrida de marujo de água doce.

Estou imaginando como você, com lágrimas nos olhos, está lendo esta carta, aparentemente cruel e absurda. Em vez deste melancólico testamento, em que ela se vai tornando, (se tornou,) gostaria muitíssimo mais de expressar-lhe palavras otimistas e confiantes.

Perdôe-me, Francisquinha, se só agora reconheço que tinham fundamento as lágrimas que correram de seus olhos, no porto de Belém. Perdôe-me pelas lágrimas de ontem, e pelas lágrimas de agora.

Perdôe-me e me queira bem e, para sempre, guarde a imagem deste amigo, marido e companheiro que, nesta vida, ou na outra, nunca se esquecerá de você.

Seu, de todo o coração,

Fernando Caruana".

Tefé, de Sangue e de Fé

Deixando Fonte Boa e antes de alcançar Tefé, o "Amazonas" passou pelo estuário de Juruá, na altura de Mananiquá; ultrapassou a Ilha Juçara; venceu a grande curva que contorna as Ilhas Macuapimim; retomou a rota Sul, próximo à Ilha Machado; alcançou Alvarães, diante da Ilha Uanaco e amanheceu nas vizinhanças de Tefé.

Distante 520 quilômetros, em linha reta, de Manaus, direção 87º 14' S.O., a histórica cidade ~~de Tefé~~ situa-se no centro geográfico do Amazonas e na região fisiográfica do Solimões-Tefé, limitando-se com os municípios de Fonte Boa, Juruá, Carauari, Canutama, Tapauá, Coari e Maraã.

Foi no dia 6 de maio de 1958, por volta de dez horas da manhã, que o "Amazonas" se aproximou de Tefé. A bordo, instalara-se um clima terrível de expectativa, atormentando a todos, passageiros, tripulantes e assaltantes, pela certeza de que acontecimentos imprevisíveis iriam ~~ocorreram~~ na cidade.

Com a septicemia corroendo-lhe o organismo, o estado de saúde de Juan Diaz se agravara, apesar da resistência extraordinária que ~~o boliviano~~ oferecia à infecção.

A atitude heróica de Iauitê, transpondo a grande distância entre Fonte Boa e Tefé, pela floresta e pelo rio, chegando extenuada a Tefé e lá morrendo, após alertar as autoridades da presença a bordo dos presidiários, despertara emoção em toda a cidade. Era, portanto, perfeitamente justificável, também em Tefé, a dramática espera pela chegada ~~iminente~~ do navio-gaiola.

As providências tomadas pelo Delegado de Polícia, doutor José Inácio Macieira, permitiram a formação de um contingente fortemente armado, sob o comando de um oficial da Polícia Militar, também integrado por civis, índios e mestiços.

O Delegado Macieira, bacharel em Direito, lecionava em colégio de Tefé e grangeara respeito pelas pesquisas e estudos sobre a história da cidade. Também se armara com um fuzil e fora colocar-se em ponto estratégico na zona portuária. E lá, juntamente com outras três dezenas de soldados e

voluntários que compunham o batalhão, ficou aguardando, em nervosa vigília a chegada do navio.

Durante a espera, que se prolongou por mais de uma hora, Macieira recordou episódios da agitada história de Tefé, que já se chamara Santa Teresa de Tefé, Ega e, finalmente, Tefé, ao constituir-se em município no ano de de 1833, com território superior a quinhentos mil quilômetros quadrados.

A memória de Macieira, nutrida na leitura de livros, documentos e relatos de viagens, recuou, naquele dia, aos primórdio do século dezessete, quando o jesuíta Samuel Fritz viera fundar, a serviço de Espanha, inúmeras aldeias ao longo do rio Solimões, inclusive Tefé.

Reconstituiu o Delegado, na imaginação fértil, emoção semelhante de espera da aldeia quando, em 1708, o Capitão Inácio Correia de Oliveira, enviado pelo Governador do Grão-Pará, Cristóvão da Costa Freire, subiu o Solimões num galeão português, com ordens expressas de Lisboa para reconquistar Tefé e toda a região reivindicada pelos espanhóis, expulsando das povoações e reduções missionárias os jesuítas chefiados pelo Padre João Batista Sana.

Naquela manhã, refletindo sobre o ciclo iterativo da História, que, no decurso de séculos, revive situações, ação e comportamento humano, como aqueles vividos, duzentos e cinquenta anos antes, por jesuítas e silvícolas de numerosas tribos, confinados nos aldeamentos religiosos.

Antes, como agora, na vigília nervosa da chegada do "Amazonas", Macieira recapitulava as emoções de missionários, índios e soldados enviados à região pelo Vice-Reinado do Peru, e seu próximo confronto com as tropas portuguesas e nativas enviadas por Costa Freire.

Pensando na coincidência e curiosa duplicidade de situações históricas, separadas por dois séculos e meio de intervalo, a do Capitão Inácio Correia de Oliveira, subindo o Solimões com a tropa do Grão-Pará, e, em 1958, do navio-giola comandado por Caruana, descendo o mesmo rio, Macieira admirava-se da vocação de Tefé para os riscos dos enfrentamentos provocados por disputas e antagonismos.

Transportando-se para o passado, meditava sobre o espanto do Padre Sana e dos aborígines, acolhidos nas reduções religiosas obedientes à Es-

panha, quando a embarcação portuguesa, com suas velas enfunadas, ancorou no povoado e despejou em terra os praças com seus mosquetões, arcabuzes, espadas, alabardas e partazanas.

Recordou a informação histórica do episódio e da situação incontornável do Padre Sana, intimado a evacuar, sem tardança, o território até o rio Napo, deixando Tefé sob o domínio lusitano e entregando a catequese dos índios aos carmelitas pró-Lisboa.

E ainda relembrou a bravia reação dos espanhóis, inconformados com o que consideravam "a usurpação portuguesa" e determinando ao Vice-Reinado do Peru que recapturasse as aldeias fundadas por Samuel Fritz. O que, efetivamente, foi feito por um contingente de oitenta homens que, em nome de Castela, partiu de Quito e, rio-abaixo, atacou e destruiu as aldeias governadas pelos carmelitas, prendendo o Capitão Inácio e boa parte de sua tropa.

Na memória de Macieira repetiu-se a mesma situação vivida, em 1708, pelos moradores da aldeia de Santa Teresa de Tefé, enfrentando não mais as tropas lusitanas, mas as espanholas, trazidas de volta pelo obstinado Padre Sana. E, novamente, em sua trajetória belicosa, Tefé foi palco de outros confrontos, quando o Governador do Grão-Pará, o mesmo General Costa Freire, mandou defender a qualquer custo as posições portuguesas, enviando força de cento e oitenta praças sob o comando do cabo José Antunes da Fonseca, o qual, em batalha de poucas horas, desalojou os jesuítas pró-Espanha e restituiu a aldeia aos carmelitas, prendendo o "desabusado Padre Sana".

Naquela manhã expectante, detendo ~~com firmeza~~ nas mãos o fuzil com que se armara, ~~para enfrentar os fugitivos de Iquitos~~, Macieira ~~lamentou~~ pensava mentalmente a devastação que os conflitos entre espanhóis e portugueses, jesuítas e carmelitas, causaram em tantas aldeias, ~~sobretudo em~~ inclusive Tefé.

- "Pobre ~~Tefé~~ cidade - refletia o Delegado - palco de tantas lutas, batalhas, tantas mortes e destruições, agora na ~~iminência~~ expectativa de ~~outro~~ novo conflito sangrento! Já não bastam os Padres Sanas, os Requenas, os Iturbides, os Inácios Correia, os Fonsecas, os sediosos da Cabanagem, os Angelins, os José Patrícios que afetaram tanto sua vida ordeira? Ainda irá sofrer, agora, ~~nesta~~ com esta estúpida invasão dos criminosos de Iquitos? Pobre Te-

fé, pobre povo de Tefé! Já não bastam tanta pobreza e abandono?"

Aqueles eram os desalentados pensamentos do Delegado ~~Madeira,~~ naquela manhã ~~prévia e sangrenta,~~ subitamente estremecida com o ~~silvo~~ apito prolongado do "Amazonas", ~~aproximando-se~~ acercando-se do embarcadouro.

Um frêmito de ~~medo e~~ emoção ~~percorreu o~~ apoderou-se do espírito de todos, moradores, autoridades e integrantes da força repressiva, prontos para enfrentar os seqüestradores do "Amazonas".

Por toda a cidade, do cais aos furos, igarapés e paranás que o Solimões esgalhava naquelas terras; de Alvarães a Maraã, do Orfanato Santa Teresa ao Seminário Menor do Espírito Santo, perpassou, ouvindo aquele som dramático que ecoava na planície, um estremecimento de medo e, ao mesmo ~~simultaneamente,~~ tempo, de determinação. ~~Mantinham todos, homens, mulheres, jovens e velhos, a vontade firme de defender o patrimônio moral duramente conquistado em séculos de lutas.~~

A Batalha

Quando avistaram, na linha do horizonte, o casario de Tefé, Aguirre, Zimaco, Carvajal e Miguel Viana iniciaram nervosos preparativos para o desembarque, camuflando as armas em sacolas e peças de roupa, enchendo os bolsos com jóias e dinheiro, furtados em Fonte Boa e de passageiros do navio.

Juan Diaz ainda vivia, apesar do estado desesperador que o retinha no leito, ardendo em febre. Era a principal preocupação dos companheiros, que hesitavam em deixá-lo no camarote ou, como solução extrema, ~~levá-lo~~ carregá-lo consigo.

A primeira hipótese foi descartada, diante do apelo obstinado de Zimaco e a recusa de Juan, que se levantou trôpego da cama, os olhos agônicos, pálido como um cadáver, dizendo que iria com eles, de qualquer maneira, ~~vivo ou morto~~.

Condoídos, incapazes de abandoná-lo à própria sorte, Zimaco e Carvajal levantaram-no e o ~~levaram~~ arrastaram para fora, no exato instante em que o "Amazonas" manobrava para ancorar.

No passadiço, comandando a operação, Caruana e Aparício viram quando o bando se aproximou do portaló.

- ~~Será~~ Acha que vão descer, Comandante? - ~~interrogou~~ perguntou o Imediato, assustado.

- Ou vão ~~abandonar~~ deixar o navio, ou vão assaltar Tefé - ~~aventou~~ previu Caruana, incrédulo. - ~~E carregam o boliviano, mais morto do que vivo!~~

- Estão doidos! - ~~argumentou~~ exclamou Aparício. - Querem Invadir uma cidade como Tefé, com destacamento ~~grande~~ policial, bem armado?

- Estão doidos há muito tempo, Aparício! - ~~completou~~ opinou Caruana, impressionado com a audácia dos bandidos.

Pela embarcação, dos camarotes à cozinha, da casa de máquinas ao tombadilho e convezes, surgiam, à boca pequena, as mais disparatadas conjeturas sobre as intenções dos ~~invasores~~ convictos.

Assim que o gaiola ~~se imobilizou~~ parou no ancoradouro, um fato chamou a atenção: ~~muito pouca gente~~ poucas pessoas aguardava m no cais a chegada do ~~"Amazonas"~~ navio, ao

contrário do que ocorria em outras escalas.

Em lugar da multidão habitual de moradores, autoridades, viajantes, vendedores e policiais, só se viam na plataforma poucas pessoas, estas, na verdade, integrantes disfarçados da força de repressão preparada pelo Delegado Macieira.

- Estou estranhando. O cais tão vazio - disse Aguirre aos companheiros reunidos no portaló, aguardando a descida da prancha.

- Alguma coisa aconteceu, Carlos - opinou Carvajal, preocupado. - Não é melhor recuarmos?

- Não - retrucou Aguirre. - Vamos em frente, de qualquer maneira! E completou:

- Só atiramos em último caso. Se o avião demorar, a gente volta ao navio pra pegar reféns.

Voltou-se para Juan Diaz, amparado por Zimaco e Carvajal, e perguntou:

- Então, Juan: aguenta o rojão?

- Dá pra aguentar... - respondeu Juan Diaz, puxando o ar dos pulmões.

- Só não estou gostando é do silêncio e do cais deserto - manifestou-se Zimaco, desconfiado.

Miguel Viana, calado, sombrio, voltou os olhos para o convés superior e avistou Berenice e Clotilde na amurada. Percebeu, de longe, o olhar ansioso que a noviça lhe dirigia, impregnado de esperança.

De fato, do lugar onde avistava Miguel e o bando, Berenice pedia misericórdia a Deus. Próximo dela e de Clotilde, outros viajantes, Michel Leroy, meio escondido, filmando o desembarque, Charles e Flora Sturges, Odorico Munhoz e alguns mais, eram espectadores inquietos do desembarque.

Traumatizadas com a morte violenta de Possidônio, Jussara e a mãe permaneciam no camarote, profundamente abatidas.

Assim que a prancha foi arriada, e antes que alguém descesse ou subisse a bordo, Aguirre, Carvajal, Zimaco, Miguel Viana e Juan Diaz começaram a desembarcar. Foi quando, surgindo de casas e ruas que desembocavam no porto e no próprio ancoradouro, soldados e civis de Tefé, com metralhadoras, fuzis, escopetas e revólveres precipitaram-se em direção ao navio.

À frente do destacamento, Tenente Elias foi o primeiro a chegar, gritando nervosamente:

- Estão presos! Larguem as armas e se ~~entreguem~~ rendam!

O que sucedeu, em seguida, ficou muito tempo na memória dos ~~amazonen-~~ habitantes da Amazônia.
~~ses~~. Aguirre e sequazes, enfurecidos, recuaram para o interior do navio, sacaram as armas e, ~~do convés inferior,~~ começaram a atirar em todas as direções, provocando um pânico indescritível.

Dois marinheiros e um soldado tombaram, varados pelas balas dos assaltantes. ~~Embaixo,~~ No cais, protegendo-se ~~por trás~~ atrás de árvores, fardos de mercadorias, veículos e toras de madeira, o grupo de Tefé revidou ao ataque e também disparou suas armas.

A batalha explodiu, violenta, entre brasileiros e ~~foragidos~~ presidiários.

Colocando Juan Diaz num canto do convés e deslocando-se, alucinados, pelo interior do navio, os ~~presidiários~~ invadores voltaram a ~~sua~~ fúria contra passageiros e tripulantes, correndo espavoridos em ~~todas as~~ várias direções, ~~acusados aos berros de traição.~~

Recostado na parede, Juan Diaz pediu a Zimaco que lhe desse a metralhadora de Ridruejo. Com ela, ~~com~~ esforço sobrehumano, começou a atirar contra o destacamento, protegido no ancoradouro. Juntando o resto de força que o sustinha, ~~Juan~~ estava o boliviano, enlouquecido, quis ~~berrar~~ gritar palavrões. Mas ~~de~~ sua boca só ~~emitiu~~ saíram sons indistintos, de mistura com o sangue que ~~lhe~~ subia dos pulmões. Mesmo assim, deu para entender algumas palavras ~~roucas e~~ coléricas que ~~pronunciou~~: emitiu:

- Perros... malditos! Hijos de una...

Tombou morto, os olhos estatelados, ~~odientos~~, as mãos calosas detendo a metralhadora.

Pouco adiante, com outra metralhadora, Zimaco, frenético, abateu com uma rajada dois soldados do destacamento, enquanto Aguirre atirava contra os ~~viajantes~~ passageiros, ferindo Odorico Munhoz, que ~~tentava~~ corria para refugiar-se no tombadilho.

Enfurecido com a morte de ~~alguns~~ adeptos comandados, o Tenente e ~~vários~~ outros soldados do destacamento subiram correndo a prancha, atirando contra os ~~invasores~~ bandidos, que haviam ~~subido~~ chegado ao convés superior. Ao mesmo tempo, descendo do passadiço, Caruana correu na direção de Juan Diaz, arrebatou-lhe a metralhadora e acompanhou o grupo do Tenente Elias, subindo à primeira-classe em perseguição aos assaltantes. E lá se defrontou com Aguirre, Carvajal,

Zimaco e Miguel Viana, num duelo mortal que emudeceu a cidade.

Miguel e Zimaco tombaram mortos, rasgados pelas balas de Caruana e do grupo do Tenente Matias, enquanto Aguirre e Carvajal, (os únicos) sobreviventes, deslocavam-se pelo convés como loucos, gritando impropérios, atirando contra os perseguidores.

Caruana, desatinado, com audácia incrível, avançou pelo corredor e, pouco antes de alcançar os dois criminosos, foi atingido por uma rajada. Antes de morrer, ainda tentou disparar a arma que carregava. Mas Aguirre e Carvajal continuaram a atirar, com ódio delirante, dilacerando-lhe o corpo, de alto a baixo. Caruana caiu de borco, numa poça de sangue, ao mesmo tempo em que Carvajal também era fuzilado pelo Tenente e seus soldados.

Só restava Aguirre. Vendo-se perdido, subitamente o peruano correu na direção do camarote de Jussara, quase à sua frente, arrojou-se contra a porta, que se abriu ruidosamente, avançou contra a mestiça, sentada na cama, ao lado da mãe, enlaçou-a com força e a trouxe para fora, diante dos gritos desesperados de Manaíra.

Vendo o sobrevivente com a moça, o Tenente deu ordem para não atirarem. Aguirre, então, arrastou Jussara para a amurada de proa, no mesmo instante em que, surgindo no céu da planície, o avião "Catalina" baixava sobre o rio, preparando-se para descer. O peruano, com um sorriso irônico, ainda teve tempo de olhar de relance o avião, cujas asas refulgia ao sol. Depois subiu na balaustrada, arrastando consigo a refém, que não opunha resistência.

O Tenente, Macieira e outros integrantes do batalhão de Tefé correram para obstar-lhe a fuga. Mas imobilizaram-se vendo Aguirre apontar a metralhadora para o peito de Jussara.

Logo a seguir, levando consigo a filha de Possidônio, Aguirre atirou-se no rio.

A Mortalha

Voltando à tona, Aguirre, com fortes braçadas, arrastou Jussara para a margem oposta ~~do cais~~ do rio.

E nadou, encharcado de suor, puxando Jussara, até alcançar o barranco, que ~~transpôs~~ subiu, extenuado.

Do navio, um soldado apontou o fuzil e quis atirar, mas o Delegado o deteve:

- Não atire, Mário! Pode ferir a moça!

Em terra, puxando sempre a mestiça, ~~pela mão~~, Aguirre, com esforço espantoso, penetrou na selva.

Arfante e desesperado, querendo viver, foi vencendo ~~rompendo~~ galhos e arbustos que lhe dificultavam a passagem, murmurando palavras incompreensíveis.

~~Pouco~~ Metros adiante, numa depressão do terreno, tombou exausto, sem forças para continuar. Recostou-se no tronco de uma árvore e respirou fundo, enquanto Jussara, ~~ao~~ a seu lado, mantinha um olhar duro e estranho, como de alguém que ~~tivesse perdido~~ perdera a razão.

Em volta ~~dos dois~~ deles pairava um silêncio ~~hostil~~ profundo. Nenhum pássaro cantava, nenhum animal se movia. ~~Só o vento sibilava na copa das árvores.~~

Jussara voltou-se lentamente na direção do peruano, que lhe ~~dizia~~ falava, ofegante:

- Eles não me pegam! Não me pegam, muchacha! Vou sumir na floresta, vou sumir! Ninguém me encontra! ~~mais~~! E você vem comigo, muchacha!

Avistando no chão um punhal, caído do bolso do peruano, a mestiça, ~~subitamente~~, apanhou-o e o cravou repetidas vezes no corpo do fugitivo.

Aguirre soltou um grito ~~terrível~~, ecoando na floresta e provocando um alarido ensurdecedor de pássaros e animais, ~~alçando vôo~~, fugindo pela mata.

Jussara, quase sem forças, ainda esfaqueou duas vezes o corpo do presidiário, até que, exausta, deixou tombar o braço.

Ao lado, estendido numa poça de sangue, Aguirre expirava, os olhos ~~saltados~~ dilatados de ódio.

~~Depois~~ então Jussara levantou-se, caminhou vagarosamente na ~~selva~~ mata. Só que em ~~vez~~ lugar de ~~retornar~~ voltar ao rio e a Tefé, seguiu na direção oposta, embrenhando-se na ~~floresta~~ selva.

Anoitecia. Era um crepúsculo plúmbeo, pesado, escurecendo a ~~mata~~ floresta, deixando coar a luz penumbrosa da lua nas clarabóias da folhagem.

Aquela mulher, com as faces pálidas, continuou a caminhar, sem destino, entrando cada vez mais na floresta. A solidão, a vergonha e uma enorme tristeza, como asas noturnas, pesavam-lhe no coração.

A ~~floresta~~ selva recebeu-a, implacável, como uma mortalha.

Chácaras da Lagoa, Secretário (Petrópolis), 12 de março de 1991.

Terminei a revisão domingo, dia 3.9.95, em casa, à Rua Pompéia, 39 ap. 01 - Prado - Belo Horizonte.

GERALDO SANTOS PEREIRA
Rua 5 de Julho, 63 ap. 703 - Tel. ~~257-2804~~ 236-7560
Copacabana - CEP 22.051 - Rio de Janeiro

Chácaras da Lagoa, Secretário - Petrópolis
Tel. (0242)28-1162.